

BRENDA LETÍCIA LICHEWISKI DOS SANTOS

CONJUNTO FERROVIÁRIO DA ESTAÇÃO DE CAMPINAS: LEVANTAMENTO DA
PERCEPÇÃO DOS MORADORES DO ENTORNO SOBRE O BEM PATRIMONIAL
PROTEGIDO

Rosana

2021

BRENDA LETÍCIA LICHEWISKI DOS SANTOS

CONJUNTO FERROVIÁRIO DA ESTAÇÃO DE CAMPINAS: LEVANTAMENTO DA
PERCEPÇÃO DOS MORADORES DO ENTORNO SOBRE O BEM PATRIMONIAL
PROTEGIDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Turismo do Câmpus Experimental de Rosana, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Romero de Oliveira

Rosana
2021

S237c

Santos, Brenda Letícia Lichewiski dos

Conjunto Ferroviário da Estação de Campinas : levantamento da percepção dos moradores do entorno sobre o bem patrimonial protegido / Brenda Letícia Lichewiski dos Santos. -- Rosana, 2021
115 p. : il., fotos, mapas

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Turismo) -
Universidade Estadual Paulista (Unesp), Câmpus Experimental de
Rosana, Rosana

Orientador: Eduardo Romero de Oliveira

1. Patrimônio Cultural. 2. Participação. 3. Comunidades. 4.
Ferrovias. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Câmpus Experimental de Rosana. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

BRENDA LETÍCIA LICHEWISKI DOS SANTOS

CONJUNTO FERROVIÁRIO DA ESTAÇÃO DE CAMPINAS: LEVANTAMENTO DA
PERCEPÇÃO DOS MORADORES DO ENTORNO SOBRE O BEM PATRIMONIAL
PROTEGIDO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Turismo do Câmpus Experimental de Rosana, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Rosana, 06/12/2021.

Componentes da Banca Examinadora:



Presidente e Orientador: Dr. Eduardo Romero de Oliveira, Câmpus Experimental de Rosana-São Paulo, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

Vagner custódio

Membro Titular: Dr. Vagner Sérgio Custódio, Câmpus Experimental de Rosana-São Paulo, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)



Membro Titular: Ma. Milena Meira da Silva, Universidade de Campinas (UNICAMP)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu Deus a quem confio a minha vida e todos os desejos do meu coração. Por auxílio dEle concluí esse objetivo de estudo, a graduação. Em segundo, aos meus pais (Maria e Edilson) e ao meu noivo Wellington, os quais sempre fizeram o que esteve ao alcance para me ajudar nesse período. Igualmente, externo gratidão e apreço pelo meu orientador Profº Drº Eduardo Romero de Oliveira, o qual com toda vontade me estimulou a alavancar minhas pesquisas, além de agregar oportunidades e experiências acadêmicas que foram à frente das orientações agendadas (projeto Memória Ferroviária, cursos, workshops, eventos, dentre outros), enfim, foi fundamental para meu crescimento e amadurecimento intelectual durante a graduação. Também a esta instituição que me graduou e a Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo (FAPESP) pelos anos subsidiados, dos quais resulta esse Trabalho de Conclusão de Curso.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo o Complexo Ferroviário Central da Fepasa e a sua Estação (nomeada Estação de Campinas), situados na cidade de Campinas (SP). A estação é um bem já protegido em âmbito estadual pelo Conselho de Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico (CONDEPHAAT) e o Conjunto Ferroviário Central Fepasa é tombado em nível municipal por meio do CONDEPACC (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas). A pesquisa tem como objetivo principal identificar a percepção e interações da população residente do entorno sobre a estação, a fim de avaliar os usos adotados ao sítio patrimonial do ponto de vista desta comunidade. Tem-se como objetivos específicos: registrar as percepções e comportamentos da população residente no entorno da estação; identificar os bens protegidos e formas de reuso (ou não) referenciadas; compilar os dados obtidos através da produção de mapas; e por último, tomar essas posturas de forma a verificar junto aos responsáveis pelo espaço ferroviário se há inclusão da comunidade residente na gestão de usos atribuídos (sugeridos por ela ou direcionados a ela). Como metodologia é utilizada a Abordagem de Valoração do Patrimônio, desenvolvido por Silberman e Labrador (2014), que tem como princípio a interpretação como ferramenta para estudar o patrimônio material. Como processos metodológicos, foram realizadas: entrevistas semiestruturadas com a população; mapeamento e o registro visual; consulta ao processo de tombamento e consulta bibliográfica. Como resultado dessa pesquisa, obteve-se descrições das práticas comunitárias culturais e mapeamento da sua relação com os bens protegidos. Por esses dados, foi esperado, pois, reunir informações que permitam contribuir para o planejamento de intervenção no bem industrial protegido (em uso ou em desuso).

Palavras Chaves: participação; patrimônio industrial; complexo ferroviário; lazer.

ABSTRACT

This research has as its object of study the Fepasa Central Railroad Complex and its Station (named Campinas Station), located in the city of Campinas (SP). The station is already protected at the state level by the Council for Historical, Artistic, Archaeological and Tourist Heritage (CONDEPHAAT) and the Fepasa Central Railroad Complex is listed at the municipal level by CONDEPACC (Council for the Defense of the Cultural Heritage of Campinas). The main objective of the research is to identify the perception and interactions of the surrounding population about the station, in order to evaluate the uses adopted to the heritage site from the point of view of this community. The specific objectives are: to register the perceptions and behaviors of the population living around the station; identify the protected assets and forms of reuse (or not) referenced; compile the data obtained through the production of maps; and finally, take these positions in order to check with those responsible for the railway space if there is inclusion of the resident community in the management of assigned uses (suggested by it or directed to it). As a methodology, the Heritage Valuation Approach, developed by Silberman and Labrador (2014), is used, whose principle is interpretation as a tool to study material heritage. As methodological processes, the following were carried out: semi-structured interviews with the population; mapping and visual registration; consultation of the registration process and bibliographic consultation. As a result of this research, descriptions of cultural community practices and mapping of their relationship with protected properties were obtained. Based on these data, it was expected, therefore, to gather information that would allow us to contribute to the planning of intervention in the protected industrial property (in use or in disuse).

Keywords: participation; industrial heritage; railway complex; leisure.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Base para coleta de dados, comunidade. Fonte: Elaboração própria, 2020.....	48
Figura 2 – Base para coleta de dados, gestor. Fonte: Elaboração própria, 2020.....	53
Quadro 1 – Photovoice; Lembrança.....	55
Quadro 1.1 – Photovoice; Lembrança.....	56
Quadro 1.2 – Photovoice; Lembrança.....	57
Quadro 2 – Photovoice; Ferrovia.....	58
Quadro 2.1 – Photovoice; Ferrovia.....	59
Quadro 2.2 – Photovoice; Ferrovia.....	60
Quadro 2.3 – Photovoice; Ferrovia.....	60
Quadro 3 – Photovoice; Lazer.....	61
Quadro 3.1 – Photovoice; Lazer.....	62
Quadro 3.2 – Photovoice; Lazer.....	63
Mapa 1 – Mapa de fluxo na área externa - período da manhã; 29 pessoas. Fonte: elaboração própria, 2019.....	64
Mapa 1.1 – Mapa de fluxo na plataforma - período da manhã; 21 pessoas. Fonte: elaboração própria, 2019.....	65
Mapa 1.2 – Mapa de fluxo na área externa - período do fim de tarde; 24 pessoas. Fonte: elaboração própria, 2019.....	66
Mapa 1.3 – Mapa de fluxo na plataforma - período do fim de tarde; 25 pessoas. Fonte: elaboração própria, 2019.....	67
Mapa 2 – Mapa de fluxo no pátio - período da manhã; 14 pessoas. Fonte: elaboração própria, 2019.....	68
Mapa 2.1 – Mapa de fluxo na área externa- período da manhã; 12 pessoas. Fonte: elaboração própria, 2019.....	69
Mapa 2.2 – Mapa de fluxo na plataforma - período do almoço; 10 pessoas. Fonte: elaboração própria, 2019.....	69
Mapa 2.3 – Mapa de fluxo no pátio - período do almoço; 15 pessoas. Fonte: elaboração própria, 2019.....	70
Mapa 2.4 – Mapa de fluxo no pátio - período do fim de tarde; 11 pessoas. Fonte: elaboração própria, 2019.....	71
Gráfico 1 – Porcentagem sobre usos no Conjunto Ferroviário da Estação de Campinas. Fonte: elaboração própria, 2020.....	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo).....	14
CONDEPACC (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas).....	14
TICCHI (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage. Português: Comitê para Conservação do Patrimônio Industrial).....	19
ICOMOS (International Council on Monuments and Sites. Português: Conselho Internacional de Monumentos e Sítios).....	20

Sumário

INTRODUÇÃO	11
<i>Objetivo geral:</i>	14
<i>Objetivos específicos:</i>	15
1 DISCUSSÃO TEÓRICA	17
1.1 Patrimônio e Comunidade	17
1.2 Uso, reuso do patrimônio e lazer	24
1.3 Conclusões limitada à análise do bibliográfico	33
2 COLETA DE INFORMAÇÃO	38
2.1 Entrevistas	39
2.2 Photovoices	54
2.3 Mapas de Fluxos	63
2.4 Considerações limitadas aos resultados da coleta de dados	72
3 ANÁLISE DOS DADOS	75
3.1 Em relação ao comportamento e opinião da comunidade – Objetivo A	75
3.2 Em relação ao lazer: usos e opiniões – Objetivos B e C	83
3.3 Em relação a gestão do espaço – Objetivo D	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS	92
ANEXOS	96
Resolução nº 9 de 15/04/1982 - CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo)	96
Resolução nº 137 de 13/10/2015- CONDEPACC (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas)	97
APÊNDICES	107
Introdução ao Roteiro de Entrevista	107
Termo de cessão de depoimento oral	108
Roteiro de entrevista com moradores do bairro (1ª coleta) - Instrumento de pesquisa	109
Roteiro de entrevista com moradores do bairro (2ª coleta) - Instrumento de pesquisa	110
Roteiro de entrevista com gestor do conjunto ferroviário (2ª coleta) - Instrumento de pesquisa	110
Modelo de Photovoice (1ª coleta) - Instrumento de pesquisa	112
Modelo de Mapa de fluxo: área externa (1ª coleta) - Instrumento de pesquisa.	113
Modelo de Mapa de fluxo: plataforma (1ª coleta) - Instrumento de pesquisa.	114
Modelo de Mapa de fluxo: pátio (1ª coleta) - Instrumento de pesquisa.	115

INTRODUÇÃO

Os bens associados ao patrimônio industrial referem-se a diversos objetos e lugares que foram utilizados na era industrial. No entanto, após a queda da atividade econômica neles existentes, houve seu abandono e estes objetos/locais perderam a função em vista de outros espaços. A valorização do patrimônio industrial veio a ser melhor defendida e/ou estudada em meados dos anos setenta em vários países (Cordeiro, 2011), sendo a partir daí proporcionado o enfoque à preservação de bens culturais, tendo em conta a forma com a qual eles se apresentavam.

Mediante o enunciado acima, podemos colocar alguns questionamentos em decorrência da forma como os bens industriais se apresentam tanto com respeito ao desuso quanto à valorização. Em primeiro lugar, questionamos qual a caracterização do bem, quando se fala do seu aspecto de funcionalidade institucional, conservação, e o motivo por estar em desuso? Uma segunda questão é que, tendo em vista a situação atual do lugar no qual se encontra o patrimônio industrial, qual o comportamento das pessoas que circulam no bem em desuso?

Além disso, ainda com respeito a estas condutas, qual o uso que poderia ser atribuído a este local? Há ainda de se considerar como as pessoas interagem com o bem industrial ferroviário - tão recorrente em cidades do interior paulista; de forma a entender se ele remete à memória ou ao valor patrimonial. Por fim, uma terceira questão que nos perguntamos é: havendo possibilidade de propor alguma utilidade ao patrimônio ferroviário sem destinação de uso, essa nova destinação poderia estar vinculada ao lazer?

Inclui-se que essas interrogativas tratam de discussões feitas por alguns autores (CORDEIRO, 2011; KÜHL, 1998; ARANTES, 1984; MAGNANI, 2007; FONSECA, 2003; MARCELLINO, 2004; ROLIM, 1989). São postos por eles os assuntos referentes ao desuso e patrimônio, o comportamento sobre os bens patrimoniais, comunidade e cultura. Sendo assim, pode ser notada a interação dessas temáticas, de modo geral, com os apontamentos feitos por meio das perguntas. Logo, essas indagações expõem os assuntos citados anteriormente.

Neste sentido, podemos citar Cordeiro (2011) para considerar a temática do desuso e o patrimônio industrial ferroviário. Um aspecto interessante exposto por ele é referente à valorização destes bens e a sua forma de utilização, além de trazer à discussão os elementos que auxiliam na compreensão do bem. Em se tratando do tema patrimônio industrial ferroviário, aponta-se também a autora Beatriz Kühl (1998) a qual traz em seus escritos o enfoque à arquitetura do ferro e a sua preservação. Remetendo ao aspecto arquitetônico ela

apresenta as características de molde do ferro em sua inserção aos projetos ferroviários e, ainda, denota a relevância/valorização que deve ser atribuída a essas edificações.

Menciona-se Arantes (1984) neste momento, por ser um dos autores que apresentam considerações acerca do comportamento das pessoas em relação ao patrimônio. Ele desenvolveu um estudo na Capela de São Miguel Paulista, em que denota este tema. O interessante exposto por ele, no desenrolar do seu texto, é o comportamento das pessoas, a maneira como interagem com o ambiente (sensitiva ou memorial) e como elas o interpretam. Essas análises fazem total diferença, uma vez que a partir dessas observações se possibilitou a destinação cultural naquele espaço.

A comunidade, na sequência, é outro elemento abordado no contexto das perguntas deste trabalho. Magnani (2007) é um dos autores que retratam a ideia sobre comunidade. Segundo ele, esse termo representa proximidade, ou seja, quando se tem relações de continuidade espacial ou por afinidades propósitos e vivências compartilhadas (trabalho, modo de vida, etc.).

O destaque à cultura remete a todos os questionamentos, pois atribui-se a ela um traço de multiplicidade, quer dizer, esse desígnio não é referido à apenas uma única produção (música, modo de vida, etc.), mas sim a uma infinidade de aspectos que têm relação com os meios de convívio da sociedade. Logo, a cultura se insere no campo material e imaterial. Enfatiza-se essa compreensão a respeito de cultura pela seguinte fala: “Trata-se de levar em conta um ambiente, que não se constitui apenas de natureza - vegetação, relevo, [...], etc.- {mas, também} a maneira como determinados sujeitos [...] produzem edificações, objetos, conhecimentos” (FONSECA, 2003, p.86).

Por último, é visto como um dos temas apresentados nas perguntas, o reuso para o lazer. Explicando esse aspecto, podemos apontar Marcellino (2004) como um dos autores que tratam sobre o lazer. Ele expõe, de modo geral, em um dos seus livros (Lazer e Educação, 2004) a proximidade entre o lazer e a educação.

Esse autor ainda traduz que ele [o lazer] pode ser orientado de diversas formas no meio urbano, uma vez que pode ser entendido como o aproveitamento do tempo livre dos indivíduos. O lazer, na compreensão desta pesquisa, faz menção a uma das possibilidades no local que será estudado, portanto observamos se há algum indício de uso para o lazer mediante a análise dos comportamentos existentes no ambiente em desuso.

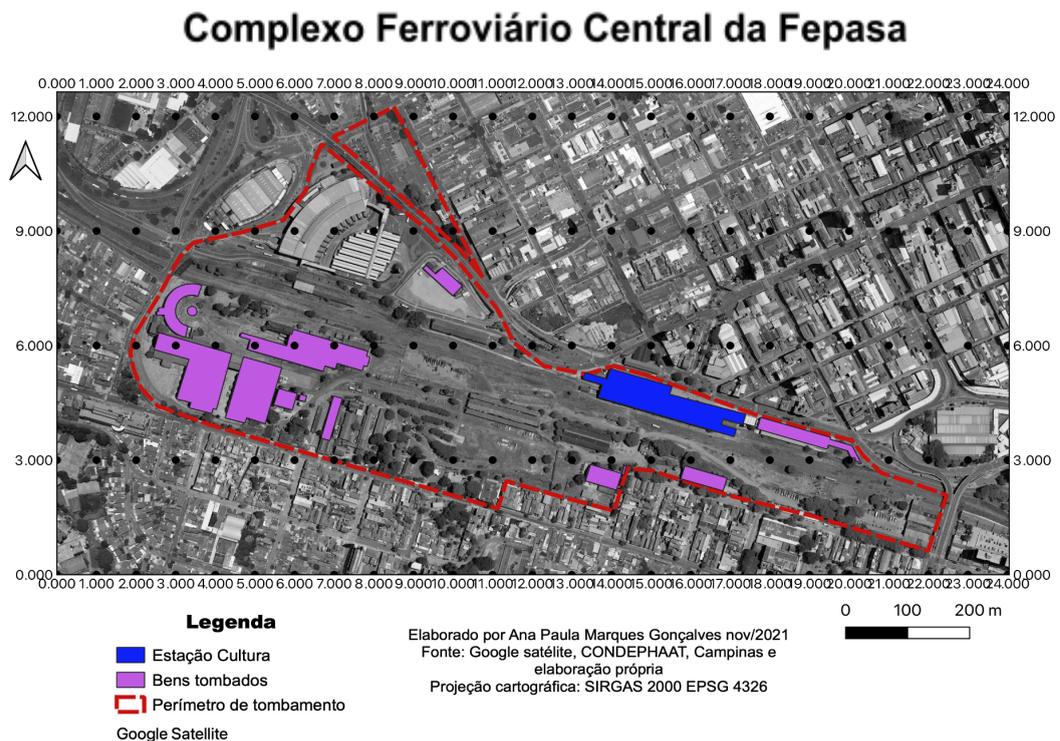
Dessa forma, Rolim (1989) complementarmente faz considerações acerca desse tema. Ele aponta que o lazer é uma das maneiras que o indivíduo tem para se desafogar das pressões cotidianas relacionadas com a vivência estimulada pelo trabalho. Assim, pontua que através

do lazer a pessoa pode se recuperar de todo cansaço, além de dizer da existência de inúmeras coisas que correspondem à prática do lazer.

É útil exemplificar dentre tantos meios, o ato de ouvir uma boa música. Os tipos de comportamentos podem induzir a encontrar relação entre as pessoas com o ambiente por meio das suas ações no local. De modo análogo, cabe explicar que a partir dos indícios comportamentais e orais é possível capturar condutas lúdicas numa área, cujo espaço é analisado para esse interesse.

Nesse contexto, este trabalho demarca uma percepção acerca do Conjunto Ferroviário da Estação de Campinas-SP (nome referido como título dessa pesquisa), é um bem protegido. Todavia, encontra-se parte em desuso no momento atual. O espaço analisado (complexo ferroviário) está situado entre as avenidas 20 de novembro e Prefeito Faria Lima e entre as Ruas Lidgerwood, Dr. Sales de Oliveira, Antonio Manuel e Francisco Teodoro. Ele é conhecido atualmente como Estação Ferroviária de Campinas (Estação Cultura). Ela é designada para ser usada como um dos departamentos da Secretaria de Cultura de Campinas.

A área que constitui o complexo é protegida em nível Estadual e Municipal. Sendo os órgãos de proteção, respectivamente, Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) e Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas (CONDEPACC). Visualize a seguir a localização do objeto de estudo.



É tombado pelo CONDEPHAAT (referindo-se à estação do conjunto ferroviário) no Processo nº 20682/78 - Resolução nº 9 de 15/04/1982 com publicação no diário oficial no dia 30/04/1982. O processo de tombamento foi elencado para o Livro do Tombo Histórico com a inscrição nº 170, p. 39, 17/05/1982. E pelo CONDEPACC (nomeando a área tombada como Complexo Ferroviário Central da Fepasa) no Processo 004/89 - Resolução nº. 137/2015 de 13/10/2015.

Quem administra o espaço como um todo, hoje, é a Prefeitura de Campinas e lá funcionam predominantemente órgãos da administração municipal. Há alguns edifícios em que funcionam outras entidades, como, por exemplo, a Junta Militar. Também existem outros que estão sendo usados para iniciativas terceirizadas e da prefeitura, como a Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas (EMDEC); a Renova, que é uma empresa que trabalha com limpeza pública. Em suma, alguns usos encontrados na estação e nos edifícios ao lado dela, na perspectiva de uso cultural, foram direcionados para: teatro, hip-hop e eventos.

Em respeito a este conjunto ferroviário, foram detectados demais edificações sem utilização e/ou funcionamento. Por essa razão, discutimos a problemática do bem em desuso, neste caso, que inclui vários aspectos que implicam em análises. Averiguações essas atinentes ao estado de conservação, a circulação de pessoas no local, indícios de possíveis usos a partir da avaliação comportamental; além de avistar a possibilidade de indicação referente ao uso; se ela pode estar ou não relacionada com o lazer.

Objetivo geral:

Pretende-se, de modo geral, identificar as posturas expressas pela comunidade residente no entorno do bem industrial, a fim de que elas sejam tomadas como um critério para orientar os usos possíveis e/ou mais praticados nesse mesmo bem. Inclusive, tomar essas posturas para verificar junto aos responsáveis pelo espaço ferroviário se há inclusão da comunidade residente na gestão de usos atribuídos (sugeridos por ela ou direcionados a ela). Espera-se, pois, reunir informações que permitam contribuir para o planejamento de intervenção no bem industrial protegido (em uso ou em desuso).

Objetivos específicos:

- A. Levantar qual o comportamento e a opinião de membros da comunidade sobre os edifícios ferroviários protegidos, áreas abandonadas ou reutilizadas dentro do sítio

patrimonial, de modo a determinar os usos formais reconhecidos ou alguma relação identitária com o local;

- B. Verificar, em particular, se o lazer é item presente nos usos formais, informais ou na opinião da população com respeito ao mesmo sítio patrimonial;
- C. Confrontar, com base nos dados coletados nos objetivos anteriores, os diferentes tipos de usos (formais, informais) e opiniões declaradas, a fim de verificar quais usos (incluindo o lazer) são mais praticados por esta população residente do entorno;
- D. Verificar junto aos gestores do espaço ferroviário (principalmente da Secretaria de Cultura) quais iniciativas são dirigidas à população residente do entorno e a viabilidade de reuso identificadas junto aos moradores.

Como um dos meios de auxílio para a interpretação dos aspectos de interesse apresentados nesse estudo, a pesquisa esteve apoiada no levantamento bibliográfico, dado a partir da realização de leituras de livros e artigos, temas da pesquisa (Patrimônio Comunidade, Uso, Reuso do Patrimônio e Lazer); além da busca dessas temáticas em bases eletrônicas e acervos como as bibliotecas da UNESP, UNICAMP e USP. Para a implementação dos objetivos propostos por esta pesquisa, do ponto de vista metodológico, consideramos utilizar um **método de valoração aplicado ao patrimônio** (*value-based approach*) e exame analítico.

Essa metodologia proposta por Silberman e Labrador (2014) reúne quatro instrumentos que possibilitaram compreender a comunidade em diversos ângulos, sendo eles: *tour*, *photovoice*, observações e entrevistas. Todos esses mecanismos para a realização do método permitem a interpretação patrimonial sobre as perspectivas territoriais, memoriais, simbólicas, afetivas, arquitetônicas, históricas, sociais e culturais (OLIVEIRA; SANTOS; SILVA, 2018). Isso significa que as quatro ferramentas viabilizam o entendimento sobre o patrimônio em vários sentidos.

É oportuno dizer que por intermédio das técnicas dessa metodologia foi possível capturar valores sociais relativos ao patrimônio industrial ferroviário: apropriações informais e a representação de membros da comunidade sobre o sítio patrimonial. O primeiro aspecto, das apropriações informais, é inferido a partir da pesquisa observacional, com a produção dos **mapas de fluxos** advindos dessa técnica. O segundo elemento que resultou da aplicação das técnicas de **entrevista** (feita com duas pessoas: entrevistador e observador - que anota aspectos interessantes sobre o indivíduo participante) e *photovoice*, cuja aplicação dispôs a opinião declarada, permitiu-nos abstrair a representação de membros da comunidade sobre o espaço.

Atinente ao caráter estrutural do estudo; dizemos que ele contém 3 capítulos. O capítulo 1 elenca aspectos teóricos da pesquisa, direcionando aos principais pontos de interesse a serem discutidos durante o trabalho (1.1 - patrimônio e comunidade; 1.2 - uso, reuso do patrimônio e lazer). No segundo capítulo são apresentados os dados da coleta de informação, obtidos por meio das técnicas de entrevista, *photovoice* e observacional - mapas de fluxos. O capítulo 3 atinge a análise dos dados, dos quais resultam as intenções demarcadas por cada objetivo. E, por último, apresenta-se considerações gerais sobre a pesquisa realizada.

1 DISCUSSÃO TEÓRICA

1.1 Patrimônio e Comunidade

A discussão se inicia destacando aspectos mais gerais até que seja chegado aos enfoques mais pontuais relacionados ao tema. Por essa razão, não é desprezada a característica contextualizada deste tópico. De partida, precisa-se dizer que o patrimônio cultural “é memória que não apenas transmuta um passado, mas constrói e reconstrói um presente, que se atualiza constantemente com as identidades e as interpretações da cidade, e ante as ações daqueles que vivem e convivem na sociedade” (PINHEIRO, 2015, p. 13).

Dessa noção simples alusiva ao patrimônio cultural, expomos que dentre as distinções possíveis inerentes nesse conceito, o tipo que nos chamou a atenção é relacionado ao patrimônio material, mais especificamente, **tratamos acerca do patrimônio industrial ferroviário**. Contudo, isso será explicado com mais detalhes adiante.

Da conceituação acerca do patrimônio, Roberta Cunha Martins (2015, p. 11) faz menção à Constituição Brasileira de 1998, em que no seu artigo 216, seção II - DA CULTURA, estabeleceu um conceito de Patrimônio Cultural. Esse termo é definido como: “[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]”. Em outras palavras, os modos de criar, fazer e viver, formas de expressão, criações científicas, artísticas e tecnológicas, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, etc podem ser entendidos como patrimônio cultural.

A Unesco redige na Carta de Patrimônio Cultural e Natural (1972) a noção desses dois conceitos. Entretanto, é de nosso interesse nesse momento citar o primeiro. Desse modo, são considerados “patrimônio cultural”, os monumentos, conjuntos e sítios. Isto é, os monumentos incluem as obras arquitetônicas, esculturas ou pinturas monumentais, objetos/estruturas arqueológicas, assim por diante. O segundo elemento que pode ser entendido como patrimônio cultural são os conjuntos, os quais inserem os grupos de construções isoladas ou reunidas que têm valor universal excepcional do ponto de vista da arte, história ou da ciência.

E, por último, os sítios também estão unidos ao sentido desse termo. Neles estão contidas obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como áreas que incluem os sítios arqueológicos, que possuam valor do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico. A partir dessa conceituação, nota-se que o patrimônio cultural é

o aglomerado de elementos materiais os quais a carta exemplifica e as manifestações imateriais enredadas nesse processo de vivência do “homem”.

Adentrando-se mais nesta percepção do patrimônio cultural, observamos que “o meio ambiente está intimamente relacionado com o cultural e, portanto, com as produções do homem” (BOURDIEU apud AGUIRRE, 1997, p. 205). Desse modo, o conceito de patrimônio cultural, “então, envolve o feito humano atrelado a um contexto, uma vez que todo o espaço ocupado pelo homem está demarcado e oferece testemunho de sua ação em busca de sua sobrevivência e bem-estar” (MARTINS, 2015, p 53).

No mesmo raciocínio, um exemplo sobre essas ações que deixaram marcas em busca da sobrevivência e bem-estar da sociedade, tem-se o patrimônio industrial ferroviário. Isso, pois, esse tipo foi um dos meios desenvolvidos pelos homens para a produtividade e que, inclusive, é o nosso foco quanto à abrangência temática do estudo. Após a apresentação das noções gerais a respeito do que é considerado como patrimônio, é possível delimitar mais a conexão estabelecida entre o patrimônio cultural e a tipificação patrimonial do industrial ferroviário, além da sua relação com a sociedade, conseqüentemente.

Para se chegar à definição do industrial ferroviário (tipificação temática do trabalho), são explicadas definições importantes. Primeiramente, entende-se por Patrimônio Industrial a composição dos resquícios da cultura industrial que possuem significado histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. De acordo com Abad (2008) esses indícios podem ser exemplificados como oficinas, usinas, armazéns, meios de transporte e toda sua infraestrutura, além dos locais em que foram desenvolvidas atividades relacionadas à indústria.

A Carta de Nizhny Tagil (TICCIH, 2003) compreende o patrimônio industrial de modo semelhante à ideia pontuada por Abad (2008). Ela o descreve como: “[...] os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico”. Nela estão descritos que tais vestígios

[...] englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação (TICCIH, 2003).

Nos Princípios de Dublin (2011), também são definidas as características do patrimônio industrial. Desse modo, compreende-se que as “[...] estruturas, complexos, áreas e paisagens assim como maquinaria, objetos ou documentos relacionados que fornecem evidências dos processos de produção industrial passados ou em desenvolvimento

[contemplam ao patrimônio industrial]” (ICOMOS-TICCIH, 2011). Diante dessas assertivas, resume-se que o patrimônio industrial inclui o aglomerado de resultantes materiais, os quais foram citados acima, que estiveram interligados com o período assinalado como de produtividade fabril.

Ampliamos essa perspectiva, para a compreensão do **patrimônio industrial ferroviário**, o qual **apresenta a união dos restos ferroviários que obtiveram associação com a atividade industrial**. Uma forma bem simplista de se entender essa ideia é a partir do suporte de deslocamento oferecido pelas estradas de ferro, por exemplo. Dessa forma, como um meio de condução dos materiais industriais da época alguns dos complexos ferroviários dispunham de armazéns, depósitos, oficinas para as locomotivas, ou ainda, centros interligados com a produção industrial tornando o caminho de ferro como um fator essencial para o escoamento desses materiais.

Relativamente a essa proximidade, mas no caso específico das ferrovias,

o tombamento de estações, cujo papel [vinculado à indústria] só pode ser compreendido no contexto amplo que sustenta funcional e tecnologicamente o sistema ferroviário, composto de itens como armazéns, oficinas, residências, instalações mecânicas, revela nitidamente a tendência de consolidação da imagem nostálgica do passado e do tratamento unitário de partes, ainda preponderante sobre o tratamento dos sistemas industriais (RODRIGUES, 2010, p. 39).

Por isso, o patrimônio industrial ferroviário pode ser entendido como a junção dos vestígios do período industrial que tinham relação com as ferrovias.

Uma vez mais citamos as observações feitas por meio da Carta de Nizhny Tagil (2003), cujo documento alude a importância quanto à vista do patrimônio a que nos referimos e suas relações estabelecidas com a sociedade. Neste sentido, o “patrimônio industrial reveste um valor social como parte do registro de vida dos homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentimento identitário” (TICCIH, 2003).

Dessa maneira, é notória a proximidade desse tipo de patrimônio com a sociedade, em função das atividades desempenhadas em favor da vivência da população. Concordante a sua importância, foi destacado que para a preservação do patrimônio industrial é indispensável a participação pública, de modo a difundir a informação e a investigação sobre o patrimônio industrial (TICCIH, 2003).

Igualmente, inseridos nos Princípios de Dublin (2011) estão apontamentos referenciando à cooperação da comunidade para conservar o patrimônio industrial. Para tanto, são dispostos meios que auxiliam na conscientização das pessoas envolvidas com o lugar, de modo a possibilitar a valoração do patrimônio. Nessa lógica, programas,

[...] equipamentos e outros recursos – como visitas a sítios ativos de patrimônio industrial e a apresentação de suas operações, relatos e patrimônio intangível associados a sua história, maquinaria e processos industriais, museus industriais ou de cidades e centros de interpretação, exposições, publicações, websites, itinerários regionais ou transfronteiriços – devem ser desenvolvidos e mantidos como meios de promover a conscientização e a valorização do patrimônio industrial em toda sua riqueza de significados para as sociedades contemporâneas (ICOMOS-TICCIH, 2011).

Esse conjunto de mecanismos visando manter a comunidade a par das discussões correlatas ao patrimônio acentuam o interesse e significado de manutenção que o complexo patrimonial tem. Faz-se necessário assimilar que a existência e contínua conservação do patrimônio industrial, só é completa a partir da compreensão do porquê e a razão de ser tão importante para o próprio indivíduo. Sem tal entendimento, ainda que seja protegido e/ou preservado, ele não estará sendo compartilhado com quem ele demarca relação, ou seja, com a sociedade.

Da Carta de Burra (ICOMOS-Austrália, 2013) se aproveita muito mais concernentemente aos elementos de participação da comunidade no patrimônio. Além de ser um documento amplamente difundido com respeito às diretrizes de conservação patrimonial, ela dispõe do ponto de vista que baseia nosso interesse na característica participativa com respeito ao bem protegido. Extraordinariamente, no processo de conservação apresentado nesta carta, existe o direcionamento de todas as etapas de planejamento patrimonial com o auxílio da comunidade – resguardando a significância cultural do espaço.

Observando isso, orienta-se nessa carta que as associações significativas

[...] entre pessoas e um lugar devem ser respeitadas, preservadas e não obscurecidas. As oportunidades de interpretação, comemoração e celebração dessas associações devem ser reconhecidas e complementadas (ICOMOS-Austrália, 1999, p. 7, tradução nossa).

Com a fundamentação desta carta conseguimos estender a importância do contínuo processo de investigação relativo ao que é patrimonial juntamente aos indivíduos interessados. Esse processo de conservação do patrimônio se resume em: Entender a significância cultural -> Desenvolver políticas -> Gerenciar em conformidade às políticas implementadas e monitoradas (ICOMOS-Austrália, 1999). Lembra-se que todos os tópicos de iniciativas estão sujeitos à participação de agentes interessados. Sendo assim, faz sentido a nossa proposta de investigação dos significados em relação aos usos no Conjunto Ferroviário da Estação de Campinas.

Além disso, trata-se de refletir sobre o que se tem como **percepção atual desse bem**, pois não havendo quem os interpretem e quem absorva essas informações dispostas pela compreensão do indivíduo, por que se preservar? Quer dizer, notadamente, entender as

percepções da comunidade com relação a ele permite tomar rumos e designar ações, tanto de preservação como de uso. Dar a dimensão interativa e participativa à comunidade sob o bem patrimonial por meio de estudos é uma das maneiras de torná-las mais próximas e atuantes na conservação e valorização do “lugar cultural” – como foi falado anteriormente.

Como último exemplo que se pode dispor nesta fundamentação acerca da comunidade e sua relação com o patrimônio, apresentamos um outro lado de um documento de resguardo patrimonial discutido em âmbito mundial. Nos Princípios de la Valleta (ICOMOS, 2011) as orientações são dadas relativamente à Salvaguarda e Gestão de Cidades Históricas, porém, nesse documento também se vê a evolução de um contexto participativo a respeito da população ligada com os bens protegidos.

É descrita a presença fundamental de comunidades mediante a conservação patrimonial. Há enfoques reforçando nesse escrito que a “[...] consulta direta e o diálogo contínuo com os moradores e outros interessados são indispensáveis, visto que a salvaguarda da cidade histórica respeita, em primeiro lugar, aos seus habitantes” (ICOMOS, 2011, p. 8). Fica, por isso, aparente uma abertura à concepção da comunidade para o aprimoramento das questões envolvendo o patrimônio.

Passadas as argumentações que direcionam o ponto de vista base desse trabalho, podemos apresentar neste momento outras leituras atinentes ao “Patrimônio e Comunidade” que foram realizadas durante a pesquisa desempenhada. Tais leituras possibilitaram destacar informações relevantes ao conteúdo abordado neste tópico. Salienta-se que a partir de agora as descrições permitem expressar algumas considerações para esse capítulo como um todo no item 1.3 de conclusões limitadas à bibliografia reunida.

Caliskevstz (2012), Santos (2013), Allis (2006), Quaresma (2019), dentre outros, delineiam uma perspectiva de patrimônio cultural e comunidade com base nos alicerces históricos e arquitetônicos. As especificações com esse sentido são destacadas por meio da fala de Choay (2001) quando é citada por Caliskevstz (2012). Rapidamente, é possível exemplificar as assertivas a respeito da utilização dos conteúdos, interesses históricos e arquitetônicos no texto da autora. Coloca-se a seguir uma das citações usadas no trabalho e que pontuam esse mérito.

Ela explica que para a melhor compreensão do tema patrimônio cultural tal como se entende hoje, é preciso reconhecer a existência de dois momentos:

[...] o primeiro refere-se a Roma do século XV, com o despertar de interesse em preservar objetos achados em atividades arqueológicas, como forma de estudá-los.
 [...] A admiração e fascínio que despertavam as obras de arte e a arquitetura das cidades, promovidas pelo orgulho da própria história romana, acarretaram as primeiras movimentações para preservação das chamadas Antiguidades (CHOAY,

2001). [...] O segundo momento da consolidação do patrimônio diz respeito ao século XIX, através da consagração do chamado Monumento Histórico, também com bases no orgulho nacional, mas com maior intensidade (CHOAY, 2001) (CALISKEVSTZ, 2012, p. 28-29).

Toda essa citação remonta a trajetória de reconhecimento do patrimônio, que se ramifica em dois grandes momentos. Antes, no princípio, foi percebido como um elemento relativo às ruínas e artefatos correlatos à arqueologia, e com isso houve a conveniência desses elementos como importantes por serem “antigos”. Patrimônio, era todo o conjunto que demarcasse o antigo (no sentido arqueológico).

O segundo momento apresentado na citação, demarca o patrimônio como aspecto de enobrecimento da nação, ou seja, ele passou a ser designado a todos os vestígios correlatos à nação (também era patrimônio o que era do pater, era preservado os bens familiares dos nobres). Daí que surge o termo “monumento”, pois o patrimônio era caracterizado apenas por monumentos nacionais e relacionados à nobreza.

Por essa caracterização do patrimônio ser universalmente constituída, praticamente todos os trabalhos que foram coletados e analisados obtinham o conceito primando esse sentido exposto, de um modo geral, pela autora (CALISKEVSTZ, 2012). No texto de Allis (2006) mais uma vez é enfocado como interesse de pesquisa a compreensão do bem por meio de aspectos valorativos arquitetônicos, ou seja, à cultura material edificada.

Firmando o caráter de interesse histórico destacado nos muitos trabalhos analisados, indiscutivelmente, o texto de Santos (2013) torna visível a detecção dos apontamentos que foram feitos anteriormente acerca da forma de se visibilizar/valorar o patrimônio, formas essas pautadas nos vieses que elencam o bem numa conjuntura histórica/arquitetônica.

Exemplifica-se com o texto de Cezar (2018) uma distância entre aquela proposta de uso de memória e usos dos indivíduos feita por nós e outra, idealizada pela autora. Cezar demarca uma apresentação de memória com seu caráter passado, diferente da contextualização dessa memória proposta em nossa pesquisa, cuja disposição memorativa é aproveitada em sentido presente.

Quaresma (2019) destaca em sua natureza conceitual o sentido de memórias e usos sobre o patrimônio ferroviário de Belém Bragança (EFB). Quando se analisa a proposta metodológica, notadamente, é perceptível que esse autor aposta no ponto de vista histórico. Apesar de reconhecer o valor da construção social sobre o patrimônio, em seu trabalho, não é aproveitada a natureza interativa da comunidade com respeito ao seu patrimônio. No método há a predominância de fatores considerados “confiáveis”. A exemplo disso, é utilizado por esse autor o padrão de historicidade (base documental/oficial).

Quaresma (2019) dispõe de uma noção que é convergente, em alguns trechos, ao que tratamos, contudo, o “como” que seu estudo enfoca deixa de lado todas as palavras que direcionam a um olhar mais participativo em respeito ao patrimônio. O fato de utilizar uma metodologia que considere apenas como dado interessante, bases ditas oficiais, ou seja, um indivíduo orientador dessas “memórias coletivas”, gera controvérsia.

Quaresma pondera sobre uma memória coletiva acerca da EFB, entretanto, o “como” ele faz essa apresentação metodológica não abrange o coletivo. Desse modo, vemos com esse exemplo, uma apropriação de conceitos sem a devida metodologia que interprete de modo mais consistente/abrangente a proposta conceitual do trabalho. Na titulação aparece em destaque o contexto de memória e uso, mas essa memória não foi retirada do ponto de vista interativo considerando os indivíduos.

O texto de Oliveira (2012) procura explicar outras possibilidades de uso para os bens patrimoniais. O que se aponta como interessante e que pôde ser notado por meio da leitura, é que o status que os bens/objetos culturais passam a ganhar é perceptível no decorrer do século XX (OLIVEIRA, 2012).

Contudo, a valia atribuída ao ‘esqueleto’ patrimonial se deu não compreendendo a perspectiva popular, pois, nesse momento, esses bens culturais são avistados por profissionais como “documentos”. Isto é, a construção de seu valor se galgou do ponto de vista “que os bens protegidos acabam por constituir, seja pelos critérios de sua seleção seja pelo conjunto expositivo que formam, *discursos de memórias*” (OLIVEIRA, 2012, p. 99).

Isso significa que embora houvesse uma valoração sobre o bem protegido, essa percepção não se baseia no contingente populacional. As definições de valor que tais bens receberam foram aferidas por grupos determinados e específicos e que, portanto, compreenderam o bem de acordo com períodos de tempo distintos. Dessa maneira, evidencia-se a carência de buscar compreender não só perspectivas de especialistas com respeito aos bens, mas também das comunidades sobre o bem resguardado na contemporaneidade.

Essa forma de perceber o bem patrimonial como “discursos de memórias” (OLIVEIRA, 2012) demarca mais uma vez a falta de inserção da comunidade à construção de valor e percepção, atualmente, sobre os bens protegidos. Aproveita-se esse ponto destacado na leitura para evidenciar a natureza de valoração patrimonial considerando o passado e não o atual momento vivenciado pelas comunidades.

1. 2 Uso, reuso do patrimônio e lazer

Da mesma forma descrita no item anterior, este tópico está subdividido considerando fatores gerais até que seja chegado às assertivas mais específicas dos temas. Não esqueçamos de lembrar que essa primeira parte se vale de argumentações basilares e que dão aporte ao propósito defendido por este trabalho. A segunda parte concentra outras leituras que permitem demarcar ponderações interessantes acerca dos temas.

De partida, Cordeiro (2011) coloca alguns cenários antes de se compreender as questões relativas ao uso do patrimônio cultural. Ele explica que o mundo pós Segunda Guerra Mundial foi mobilizado para a preservação do que tinha valor histórico/arquitetônico. O sentido histórico, artístico e arquitetônico norteador de preservação e utilização dos espaços resguardados foi difundido em documentos de valor universal (CARTA DE VENEZA, ICOMOS, 1964; CARTA DE NIZHNY TAGIL, TICCIH, 2003; exemplarmente).

Em detalhes, Cordeiro (2011, p. 155) diz que “o interesse pelo patrimônio industrial e, mais do que isso, a sua emergência como disciplina acadêmica resultou do fenômeno de desindustrialização que começou a se alastrar na Europa pós II Guerra Mundial”. Isto é, no período dos bombardeamentos efetuados nos países europeus, os ataques eram focados nas estruturas industriais como medida contra a industrialização, que naquele tempo era com viés armamentista e de fornecimento dos utensílios para a guerrilha.

A partir dessas destruições acentuadas, também, nas zonas industriais (em sua maioria acompanhadas pela linha férrea bem como o complexo industrial), começou-se a enxergar as estruturas como o patrimônio industrial. Isso quer dizer que em consequência das

[...] destruições resultantes dos bombardeamentos seguiram-se as demolições de instalações industriais obsoletas, resultantes da reconversão industrial e urbanística, num fenômeno que se prolongou até os primeiros anos da década de 60. Essa situação contribuiu não apenas para a formulação de uma nova noção de patrimônio — o patrimônio industrial —, mas também como para a emergência da arqueologia industrial como uma nova área de investigação (CORDEIRO, 2011, p. 155)

Essa concepção de salvaguardar e estudar o patrimônio industrial ferroviário, é mais defendida por volta da década de 70. No entanto, Cordeiro (2011, p. 156) pondera que “[...]; em muitas cidades, há ainda inúmeras situações em que antigas instalações fabris se mantêm abandonadas e em degradação durante longos anos, constituindo um problema de salvaguarda” e que também — se tal se justificar — pode ser encarado como um problema urbanístico. Dessa forma, é inegável que o patrimônio em muitos cenários urbanos é desvalorizado.

A alta preservação de patrimônios materiais trouxe mais tarde o que Cordeiro (2011) chama de “choque urbanístico”, uma vez que os espaços protegidos, em sua maioria,

encontram-se em desuso. Além disso, nos patrimônios em que existe uso, é percebida a predominância de uma utilização relacionada com os elementos históricos-arquitetônicos supra valorizados nas cartas patrimoniais de valor universal como a de Veneza (ICOMOS-Veneza, 1964).

Tratar de usos não significa separá-los de outros contextos. Por isso, Cordeiro (2011) apresenta um cenário comum em locais urbanos, aqueles onde existem os ditos “choques urbanísticos” - desuso de áreas preservadas em âmbito legal. Embora seja notória essa característica de não aproveitamento do bem protegido, a

[...] solução ideal para situações desse tipo deveria privilegiar a questão patrimonial, ou seja, se as instalações apresentarem inequívoco valor patrimonial, mereceriam atuação em conformidade, mediante tombamento e programa de valorização e aproveitamento, de forma a salvaguardar o interesse da comunidade (CORDEIRO, 2011, p. 156).

É certo salientar que não se faz um caráter valorativo do espaço protegido apenas pelo tombamento, mas sim, por um conjunto de medidas que o interpretem constantemente e pelas pessoas que convivem com o patrimônio. Ademais, “adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais preserva a fisionomia e as características urbanísticas de uma determinada zona citadina” (CORDEIRO, 2011, p. 157); sendo que muitas das vezes o abandono e a vista do bem em degradação é encarado como uma questão de ordem urbanística. Esse fator pode até fazer com que as pessoas não valorizem o espaço, por justamente ele estar em estado de degradação e desuso.

Em outras palavras, Cordeiro (2011) defende que após o abandono das infraestruturas pertencentes à produção industrial e o recorrente crescimento das cidades, alguns desses bens ficaram alocados nos centros e muitas das vezes surgia o choque relacionado à questão urbanística. É bem verdade que uma das possíveis soluções para essa questão se refere às ações de valorização do patrimônio cultural - diretamente pela proteção legal declarada por órgão de proteção - e, concomitantemente, por projetos urbanos de revitalização e o reuso do espaço.

De modo a aproveitar a perspectiva de uso do patrimônio industrial ferroviário, Beatriz Kühl (1998) demarca um conjunto de reflexões referindo-se à preservação dessas estruturas e seu valor na contemporaneidade. Precisa-se dizer da relação entre o ato de preservar o bem protegido por meio da utilização dele. Por isso, essa autora enriquece essa descrição com detalhes da variedade de elementos que apontam a versatilidade de usos possíveis ao industrial ferroviário, pelo motivo das suas características estruturais.

As características apreciadas nas concentrações do patrimônio industrial ferroviário, deve-se também à presença do elemento ferro - o que torna as estruturas ferroviárias tão ímpares quando se fala da existência desse material nas edificações -, pois a mesma autora descreve que esse material passava por procedimentos até ser colocado juntamente ao restante das matérias-primas - que faziam parte da construção. Isso fica evidente quando “certas características do ferro permitiam que fosse utilizado de uma outra forma” (KÜHL, 1998, p. 42).

Continuamos a dizer que essas potencialidades do ferro fomentaram ainda mais seu uso nas construções da época. É avistado tal caráter, ao passo em que esse material “podia ser arqueado, ou a estrutura ser composta da junção de partes menores, seguindo qualquer curvatura” (KÜHL, 1998, p. 42). À vista disso, Beatriz Kühl (1998) acrescenta que o patrimônio ferroviário apresenta significância não somente quando se trata de aspectos que remetem à arquitetura, mas também para a história social, econômica, pois estende-se desde a técnica para a ciência.

Acerca das possibilidades de usos e fins que o patrimônio aporta, Oliveira (2012) discute que o patrimônio na contemporaneidade não deve ser visualizado apenas pelos aspectos de antiguidade, históricos e artísticos, mas também, pela abrangência cotidiana e afetiva desses espaços. Afinal, as atuais diretrizes internacionais apontam a necessidade de incluir as manifestações sociais de pertencimento sobre o patrimônio.

Outros caracteres referentes ao uso podem ser discutidos. Meneses (2006) destaca a prática governamental comum de atribuir “nobres” – usos culturais – aos bens protegidos. Os usos considerados “nobres” nos espaços, na prática, envolvem problemáticas com respeito à utilização. Esses problemas expõem, por exemplo, a não participação, desconhecimento dos indivíduos como percebemos no resultado das nossas pesquisas. Além disso, problemas relativos aos usos do patrimônio também são notados no trabalho de D'Agostini e Abascal (2017).

Um estudo realizado por Magnani (2007) elege a percepção social sobre o patrimônio para fins de preservação por meio do órgão CONDEPHAAT. Sustenta-se a necessidade de obter a visão popular com a intenção de aproveitar essas percepções nos procedimentos de planejamento e processos de estruturação para uso no local.

Em se tratando de reutilização patrimonial, as narrativas se cruzam em função da conexão entre diferentes destinações de usos. As descrições de “usos nobres” trazidas por Meneses (2006), semelhantemente, fazem sentido neste item remetendo à “reutilização”. No âmbito ferroviário é esperado com esse tipo de estrutura, basicamente, o reuso por meio de

adequações para fins museológicos e culturais, contudo, essa tendência não demonstra todo o potencial desses espaços. Choay (2001, p. 222) elenca que a reutilização dos bens patrimoniais – bem como o industrial ferroviário, por ser um tipo dentre os bens patrimoniais – precisam considerar usos normais e contemporâneos.

Embora no livro “Lazer e humanização” Marcellino (2004) esteja focado na abordagem da democratização de espaços para o lazer, ele argumenta que essa democratização é possível com iniciativas de reutilização de áreas. É interessante admitirmos seu entendimento de uma contínua investigação desse processo de reutilização dos espaços urbanos - onde estão presentes bens naturais e culturais.

Outra questão apresentada por esse autor, relativa às iniciativas de reuso em ambientes urbanos, compete à valorização do espaço por intermédio do plano de reuso que considera a percepção de cidadãos. Essa atitude de pensar a reutilização de modo mais participativo propicia à comunidade “[...] o conhecimento do valor do ambiente e incentivo a um comportamento destinado à valorização, preservação e revitalização” (MARCELLINO, 2004, p. 63).

Rogério Proença Leite (2002) sustenta que a reutilização requer observar a maneira com que são interpretados os espaços urbanos e públicos. A questão dos espaços urbanos e públicos tem de ser entendida em razão dos usos que podem ser veiculados em determinados lugares. Ao imaginar um patrimônio, cuja área se tem a pretensão de revitalizar, também é preciso pôr em análise a forma como aquele espaço será utilizado.

O sentido de análise que se pondera por esse autor é aquele que visa atender as características de um espaço público, ou seja, de todos que participam e usufruem do local. Tão importante quanto compreender as relações criadas com os espaços em que se tenciona reutilizar é preciso entender que as pessoas circulam no espaço urbano e quando se deslocam nesse espaço comum vão sendo criadas “fronteiras simbólicas”.

Ou seja, essas divisões figurativas podem ser interpretadas como as atribuições de sentido dos indivíduos com os lugares. De modo análogo, exemplifica-se a situação de um patrimônio revitalizado. Nele deveria constar características do espaço público, mas em alguns casos as atividades desempenhadas nesse local não favorecem à participação geral da comunidade, por consequência, isso torna o ambiente específico para certos tipos de pessoas (ARANTES, 2000 apud LEITE, 2002).

Ao tratar de reutilização, importa lembrar que as chamadas “fronteiras simbólicas” “separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos em suas mútuas relações” (ARANTES, 2000, p. 106 apud LEITE, 2002, p. 130).

Nesse sentido, a maneira como são postos os usos ou, até mesmo o jeito que as próprias pessoas titularizam o ambiente, demarca essa percepção.

Por isso, o caráter interativo entre gestão e indivíduos se mostra essencial para investigar os significados de determinados reusos para os cidadãos, de modo a compreender a existência ou não dessas “fronteiras simbólicas” em ambientes protegidos.

No que concerne à abrangência lúdica dessa pesquisa, são relevantes as descrições que contextualizam o lazer trazido neste estudo. De início, precisa-se dizer que o lazer é visto como “um fenômeno da sociedade industrial”. A exaltação exagerada do trabalho fez surgir dialeticamente a valorização do não-trabalho.” (ROLIM, 1989, p. 51). Esse lazer, na definição de Machado (1973, p. 34 apud ROLIM, 1989, p. 53), é

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou a sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

A partir da constatação de práticas consideradas lúdicas em áreas urbanas, é possível compreender os anseios populares e formas de entendimento sobre o valor dado pelo indivíduo a determinado espaço. Além disso, ele pode servir de forma de expressão pessoal que favorece também ao desenvolvimento social e, assim, alguns autores discutem sobre vários aspectos que envolvem o lazer.

É destacável, aliás, o lazer como um uso possível ao patrimônio, por meio da coleta de percepções de cidadãos. A escolha ou indicação desse tipo de uso considera “um aglomerado de fatores relacionados à comunidade e a interpretação do seu contexto, em um caso de estruturação da identidade do sujeito perante o seu meio social” (FREIRE, 1996, in LIMA, 2018, p.16). Ressalta-se a potencialidade de usos lúdicos, haja vista as designações apontadas por sujeitos que interpretam o espaço protegido cotidianamente.

A intenção de apresentar o lazer como uma característica colaboradora nas iniciativas de gestão com respeito ao patrimônio, exemplarmente, prevalece sob a medida de que essa concepção, além do mais, “visualiza o educar pelo lazer como uma ação que visa promover o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo e a educação para o lazer, objetiva o desenvolvimento de ações voltadas à aproximação do ser a produção cultural existente” (LIMA, 2018, p.16)

No momento em que se nota o interesse dos indivíduos para áreas urbanas (neste caso específico, espaços protegidos), é previsível que a sua utilização seja ainda mais favorável ao contentamento e compreensão do conteúdo cultural evidenciado nos locais protegidos.

Complementarmente, é indispensável dispor o que Marcellino (2004) descreve acerca do item: “lazer”. Ele aponta a proximidade entre o lazer e a educação, além dos elementos que envolvem o lazer no meio contemporâneo.

Assim, o lazer pode ser observado como um veículo de educação. Essa afirmativa é mais bem interpretada quando ele diz que “o lazer não é apenas um bem de consumo, mas também, centro de convergência da atenção dos especialistas, interessados em conceber novas formas de educação que a prática dessas ocupações de lazer propicia” (MARCELLINO, 2004, p. 60, 61).

Isso significa, que o lazer não deve ser visto somente como um meio de atração da indústria cultural, pois adiante o autor trata sobre a questão do “lazer sem conteúdo”, aquele, por vezes, apresentado pelas mídias como televisão e rádio. O lazer conforme exposto por Marcellino (2004) tem potencialidade educacional. Isso “dar-se-ia numa perspectiva de “educação permanente”, que buscaria o desenvolvimento cultural, através da animação sócio-cultural” (MARCELLINO, 2004, p. 64).

No entanto, “a necessidade do estímulo para o consumo rápido faz com que o nível da maioria das obras veiculadas seja elementar e fragmentário” (MARCELLINO, 2004, p. 70). Em outras palavras, esse estímulo ao consumo, que é evidente nos meios de comunicação de massa, faz-nos notar que “a pobreza de conteúdo é uma constante da produção oferecida ao grande público, nos vários gêneros culturais, notadamente naqueles mais consumidos” (MARCELLINO, 2004, p. 70).

Esse caso ocorre, por exemplo, com os filmes que são feitos para a televisão, as novelas e a música “pop”. Detalhe que aparece nesse contexto, é que essa produção trata de uma enfadonha repetição de estilos, ritmos, temas e estruturas (MARCELLINO, 2004).

As argumentações até aqui pontuadas atingem a análise comportamental feita para ver se há possibilidade de usufruir do espaço com intuito de lazer. Essas e outras questões que envolvem o tema devem ser ponderadas, pois são fatos que coincidem com a forma de viver das pessoas, isso quando falamos da atração maior que tem ocorrido por intermédio das mídias.

Se antes as ruas, os parques ou locais que eram destinados ao lazer eram ocupados consideravelmente, com o advento da indústria cultural as pessoas tendem a cada vez mais permanecerem em suas casas. Tais facilidades fizeram com que o público se entretencesse com o que lhe ofereciam. Vê-se isso quando o autor aponta que “entramos, assim, na fase de produção, do consumo, sem praticamente nenhuma tradição cultural” (MARCELLINO, 2004, p. 62).

Acrescenta-se a essa discussão sobre uso, reutilização e lazer no patrimônio, alguns dos apontamentos descritos pela Carta de Nizhny Tagil (TICCIH, 2003), pois tornam perceptível a possibilidade de valorar o espaço para além do âmbito legal de proteção. Nesse prisma, a noção é de conjuntamente a outras ferramentas de gestão inserir práticas lúdicas, inclusive, o turismo nos bens industriais. Ela demarca que:

As autoridades públicas devem explicar ativamente o significado e o valor dos sítios industriais através de publicações, exposições, programas de televisão, Internet e outros meios de comunicação, proporcionando o acesso permanente aos sítios importantes e **promovendo o turismo nas regiões industriais (grifo nosso)**.

Por esse fragmento, não esquecemos de salientar que embora a Carta de Nizhny Tagil (TICCIH, 2003) explicita ordenamentos mais voltados aos aspectos de materialidade do bem industrial, em poucos trechos, notam-se algumas brechas interessantes ao tratamento do reuso para o lazer. O que se percebe nessa parte citada são iniciativas que, possivelmente, apontam um direcionamento lúdico para reutilização. Essa direção de reuso com viés de ludicidade, dentre outras coisas, faz parte de um conjunto de mecanismos de gerenciamento do patrimônio, tais como foram expressados, a fim de que sejam acessíveis atividades atingindo ao lazer no bem resguardado.

Em Princípios de la Valleta (ICOMOS, 2011), ainda que a direção seja às orientações acerca das cidades históricas, notadamente, esse sentido é cabível ao patrimônio industrial ferroviário, vide as conexões de bases históricas, sociais, arquitetônicas, arqueológicas, além de outras coisas, atinentes ao bem protegido e a sociedade. Os Princípios de la Valleta, delineiam a potencialidade de inserção turística no patrimônio como incremento de revitalização ao espaço protegido. Por isso:

O turismo pode ter um papel positivo no desenvolvimento e revitalização das cidades e áreas urbanas históricas. O desenvolvimento do turismo nas cidades históricas deve ter por base a melhoria dos monumentos e espaços livres, no respeito e apoio à identidade e à cultura da comunidade local e às atividades tradicionais, e bem assim a salvaguarda do carácter do território e do ambiente. A atividade turística deverá respeitar e não interferir com a vida quotidiana dos habitantes (ICOMOS, 2011, p. 11).

Em respeito àquilo apontado nas cartas é indispensável esclarecer que a característica lúdica e, até mesmo, o turismo aparece como possibilidade de aplicação e reuso no espaço protegido. Todavia, ainda persiste nas cartas e documentações de ordem universal - sobre o tema patrimonial - direcionamentos mais imersivos no que se julga componente físico do patrimônio; ao contrário de uma descrição de métodos para incluir as práticas de lazer no patrimônio considerando as comunidades. Distintamente, esse trabalho defende, explica e demonstra o sentido de como fazê-lo no bem protegido.

Do mesmo modo explicado no item anterior, descrevemos que passadas as argumentações que direcionam o ponto de vista base desse trabalho, podemos apresentar neste momento outras leituras atinentes ao “Uso, Reuso do Patrimônio e Lazer” realizadas durante a pesquisa desempenhada. Essas leituras possibilitaram destacar informações relevantes ao conteúdo abordado neste tópico. Por conseguinte, os parágrafos subsequentes permitem expressar considerações (item 1.3 de conclusões limitadas à bibliografia reunida) para esse capítulo como um todo.

Do texto de Xavier e Constantino (2017) foram retirados alguns argumentos interessantes e que se relacionam com todas as discussões pretendidas no decorrer do nosso trabalho. Uma das assertivas é atinente às atribuições usuais aos bens, que por muito consideram os elementos passados e não as perspectivas atuais para utilização do patrimônio.

Em Kühn (2004) foi percebida a expressividade dos conceitos já descritos como os principais fundadores dos trabalhos (históricos/arquitetônicos), os quais também são aparentes nos discursos da autora. Há de se considerar que embora haja uma aderência crescente em pesquisas científicas no viés do patrimônio industrial, ainda são prevaletidas as temáticas de compreensão desses bens versando os elementos de ordem arquitetônica.

Essa afirmativa é explicitada com base nas descrições de Kühn (2004) no momento, o qual expressa que:

As investigações que se têm desenvolvido na FAUUSP são voltadas, de modo geral, para a herança arquitetônica do processo de industrialização. Muitas monografias têm sido produzidas em tempos recentes, na graduação e na pós-graduação. Esses trabalhos oferecem contribuições para um conhecimento mais aprofundado da arquitetura industrial.

Observando tais perspectivas seria interessante - como já está sendo defendido com nosso trabalho e a autora igualmente sublinha tal ponto de vista - a interação entre instituições que se debruçam no entendimento da herança industrial para a abertura aos assuntos multidisciplinares.

O recorte possibilitado no estudo de Guazzelli (2014), explicitamente, é mais um exemplo de contextualização considerando os três aspectos detectados nos textos correlatos aos três subitens. Em suma, ela se vale de uma caracterização histórica, arquitetônica e passada.

Xavier e Constantino (2017) põem como interesse de pesquisa uma análise do reuso de um patrimônio de uma cidade do Estado de São Paulo. O desdobramento dessa pesquisa considera “sua história, recuperação arquitetônica e reuso” (XAVIER; CONSTANTINO, 2017, p. 145). Para essa pesquisa de Xavier e Constantino (2017), percebemos controvérsias

no que se refere ao direcionamento da análise e a forma metódica para contextualizar. Por isso, existe disparidade entre o nosso trabalho e o desses autores.

É possível notar essa situação com a apresentação da justificativa e na sequência com a metodologia proposta pelos autores. O que foi escrito como justificativa e o que foi utilizado como método para o que se propôs deixa bastante claro o desalinhamento acerca da inserção de conceitos nos trabalhos e a utilização indevida deles:

A principal justificativa está na importância da preservação da memória do patrimônio ferroviário bem como do uso desses prédios e seu entorno, por meio da reapropriação pelas comunidades (XAVIER; CONSTANTINO, 2017, p. 145).

Vê-se, novamente, que o sentido memorativo/interativo é apresentado como essencial para o contexto de preservação patrimonial, entretanto, na aplicação desse prospecto no caráter metódico, o sentido participativo que é indicado pela justificativa desaparece. Veja que dispõe tratar o reuso do bem patrimonial considerando os interesses comunitários para o patrimônio. Contudo, as descrições bem como a forma de apresentação desse sentido (reaproveitamento do espaço pelos cidadãos) não foram discutidas metodologicamente.

É notória essa característica no trecho a seguir:

A metodologia utilizada nessa pesquisa divide-se em duas etapas, sendo primeiramente um levantamento e análise bibliográfica dos conceitos de patrimônio e patrimônio ferroviário, seguido por pesquisa de campo junto aos órgãos públicos responsáveis de Mogi Mirim, buscando levantar subsídios para a discussão do atual destino dado ao patrimônio (XAVIER; CONSTANTINO, 2017, p. 145).

Para esse texto se pontua a aparência – assim como em outros trabalhos – da utilização de um contexto conceitual que aparenta ser desdobrado como enfático no sentido do trabalho, contudo, apenas se aproveita desse conceito para englobar o texto. Essa situação pode colocar em descrédito o sentido metodológico. Por vezes, é marcado como incompleto, considerando esse ponto de vista do que se “vende” como ideia e o que se “pratica” na metodologia do estudo.

O texto de Anjos (2018) destaca uma extensão à busca de fontes “ditas como oficiais” para delimitar os acontecimentos de jurisdição protetiva sob o patrimônio. Nota-se isso na fala do autor, cuja posição expressa que a análise do seu trabalho se baseou no contexto oficial. Vejamos o que ele descreve como proposta: “uma reflexão sobre a proteção dos bens ferroviários realizada pela instituição federal de preservação do patrimônio cultural brasileiro – o Iphan” (ANJOS, 2018, p. 191).

Outra vez, percebe-se que a importância dada aos assuntos de preservação patrimonial é delimitada respeitando os posicionamentos legislativos que prezam, por vezes, a opinião de especialistas. Isso é refletido pelo “como” Anjos (2018) conseguiu resolver o objetivo deste

estudo. Ele utilizou uma metodologia de base documental. O ponto de vista da preservação aqui delimitado direciona a discussão por meio de especialistas do órgão de proteção nacional.

Nesse sentido, reforça-se no trabalho de Anjos (2018) o olhar dos especialistas como orientador dos assuntos patrimoniais. Esses especialistas têm percepções e considerações distintas se comparadas com as da comunidade. A comunidade, por sua vez, não é entendida como um agente que possui discursos interessantes para se considerar a preservação/manutenção e reuso.

A discussão do turismo como uma forma de uso para os bens patrimoniais é referenciada pelo texto descrito por Durán (2017). Contudo, é desconhecido se houve a atribuição valorativa atual sobre o bem por meio dos agentes comunitários e, se foi destacado que por eles pode ser designada a utilização que, eventualmente, terá uma utilização para o lazer/turismo. Com isso, percebemos que o que se discute não é no mesmo viés apresentado no nosso trabalho.

Destacamos o caso do texto de Torralba e Vinuesa (2016) como reafirmação do caráter defasado no sentido da incorporação de estudos que explorem mais pontualmente as possibilidades das percepções comunitárias sobre os bens patrimoniais. Diz-se isso, pois elencam outros vieses.

O último texto lido é de Demczuk (2011), em que deixou claro o ponto de vista da valorização/preservação por seus caracteres históricos e estilos arquitetônicos. Assim como muitos outros já discutidos anteriormente noutros subitens, não é vista a dinamização às práticas valorativas, discutindo-as pelo viés da percepção comunitária atual, a fim de explorar suas possibilidades para o patrimônio. Diante dos textos lidos podemos considerar no próximo item (1.3) alguns aspectos complementares, os quais dão base para a defesa do nosso ponto de vista acerca do patrimônio.

1.3 Conclusões limitadas à análise do bibliográfico

Das leituras realizadas durante os meses de estudo, como um todo, puderam ser destacados alguns aspectos interessantes de serem apontados que corroboram para a realimentação do ciclo das carências teórico-práticas atingindo ao patrimônio e comunidade. As considerações acerca da bibliografia complementar surgiram por meio das análises de conteúdo, metodologia e abordagem trazida pelos textos interpretados.

Por saber dessa organização do arcabouço teórico complementar analisado, foram percebidas as seguintes características nos trabalhos: **limitações nas opções de destinação de**

uso do patrimônio; falha metodológica da bibliografia sobre memória e comunidade; inexistência de uma compreensão descontínua¹ do patrimônio; valorizar a argumentação técnica (julgamento arquitetônico, documental) sem considerar o valor afetivo (ou social).

Em respeito às atribuições usuais aos bens, as quais concernem ao primeiro ponto observado a partir das leituras - **limitações nas opções de destinação de uso do patrimônio** -, é possível dizer que elas, em grande parte, consideram os elementos passados e não as perspectivas atuais para utilização do patrimônio. A natureza de caracterização do uso considerando o elemento “passado”, acaba demarcando o reuso por meio de adequações para fins museológicos e culturais. Contudo, essa tendência não demonstra todo o potencial desses espaços (CHOAY, 2001, p. 222). Principalmente, em razão da valorização do patrimônio pelo viés “passado” que desconsidera o potencial da percepção atual sobre o bem.

Mais uma vez, é dado lugar à argumentação de que há a necessidade de se abrir espaço ao entendimento da comunidade sobre esses bens, pois como exemplificado a pouco, abundantemente é comentado o valor e percepção histórica/passada e pertinência destes, mas quando se trata do uso no presente, argumenta-se, sobretudo, a relação de uso social para museologia ou para cultura.

Nota-se a plena inserção de usos e não a busca de entendimento atual sobre estes locais protegidos. O que, muitas vezes, desconsidera o potencial de contribuição da perspectiva contemporânea sobre os bens patrimoniais. Dos exemplos das leituras supracitados na segunda parte do item 1.1 e 1.2 é perceptível a pouca ou quase nenhuma abertura acerca da relevância de se inserir a opinião comunitária nos assuntos patrimoniais.

Percebemos, a partir das leituras realizadas, o não aparecimento da inserção lúdica nos bens patrimoniais junto à maneira de incorporação de tais práticas, sendo detectadas por meio de perspectiva comunitária. O que se encontrou pouco ou quase nada se referia ao contexto do lazer no patrimônio.

Atingindo ao segundo fator detectado: **falha metodológica da bibliografia sobre memória e comunidade**: Observou-se o uso de métodos que consideram, sobremaneira, critérios de base tradicional. O item abordado trata das relações estabelecidas entre o patrimônio cultural e a comunidade. Contudo, na maioria dos textos essa relação não é aparente ou compreendida de modo igualitário, no campo metodológico das pesquisas.

¹ A compreensão descontínua é aquela que conjuga, interpreta, analisa continuamente os caracteres passados, presentes e de futuro atinentes ao patrimônio (POULIOS, 2010). Julga avassaladora esse tipo de abordagem, pela razão de que: **“O significado do patrimônio não está apenas no tecido, mas nos valores atribuídos pelos grupos de partes interessadas ao patrimônio”** (POULIOS, 2010, p. 172, tradução nossa, **grifo nosso**).

Há a expressividade de metodologias que cultivam uma apresentação ou interação de conceitos abrangentes à participação; mas, quando são analisados, condicionam a existência dessa comunidade a uma perspectiva defasadamente inclusiva. Avistamos uma situação de repetidos estudos que se restringem à compreensão de assuntos específicos de suas áreas de conhecimento com metodologias mais restritas a seus pontos de vistas e, por isso, tornam-se assuntos mais fechados e com métodos mais “excludentes”.

Destacar contextos e não os esclarecer metodologicamente, faz com que seja reforçada a característica de apropriação de conceitos. Como uma justificativa ao título, os conceitos parecem ter utilização essencial nos trabalhos, contudo, de modo superficial ou imparcial esses conceitos são aplicados. Ainda se nota que os conceitos, por vezes, embora sejam destacados como essenciais, são apenas descritos para contextualizar o trabalho.

Apresentar temas/conceitos como de extrema importância aos assuntos e não os contemplar no eixo metódico que subsidia o trabalho é um indício da desconsideração quanto à relevância desses conceitos, seus vieses de aplicação e suas potencialidades incrementadoras para a metodologia. Ademais, a maioria dos textos têm a abordagem mais direta da sua área de conhecimento e, isso, não visualiza a capacidade de incorporação de outros métodos que podem igualmente auxiliar no propósito de pesquisa.

Opostamente ao que se notou até agora, explica-se que o método que utilizamos abrange conceitos de ordem memorativa, sensitiva, de opinião e de conduta e sua aplicação não se restringe apenas a uma área de conhecimento ou tema isolado. O conceito norteador para nosso estudo é o da valoração patrimonial, mas há uma variedade de subitens a serem aproveitados dentro de seu escopo de atuação. As finalidades de uso do AVP nas pesquisas de patrimônio e demais temáticas são percebidas de modo abrangente, assim como propomos na nossa.

Outro contraponto às noções fundamentadas por este estudo, retiradas por essas leituras, diz respeito à inexistência **de uma compreensão descontínua do patrimônio**. Nota-se que a ideia expressada pelos escritos, em suma, está restrita ao passado, sem que fossem apresentadas as interações com a condição e uso atual do patrimônio.

Vários dos trabalhos supracitados remontam e complementam uma das perspectivas detectadas a partir dessas leituras – histórica, arquitetônica e passada. Rapidamente, vale dizer, a própria conjuntura de ideias encontradas nas discussões teóricas enfoca a valoração do patrimônio e os elementos históricos e arquitetônicos.

Tal assertiva denota o olhar voltado dos autores sobre essas questões, haja vista a expressividade desse conceito e sua consolidação dentre os discursos acadêmicos. Por

consequente, essa mesma importância é demarcada com o trato arquitetônico desses bens patrimoniais. O que se destaca, nesse sentido, é a alta influência desses tipos de conceitos sobre os assuntos discutidos nos textos observados.

Os estudos elencados delineiam uma perspectiva de patrimônio cultural e comunidade com base nos alicerces históricos e arquitetônicos. Dessa maneira, os enfoques abordados em suas discussões não se sobressaem a esses conceitos pré-concebidos como basilares às argumentações relativas ao contexto do patrimônio e comunidade. A valoração preconizada por esses textos prima a confluência de tais perspectivas e sua relação com o bem especificamente analisado.

Extraordinariamente, são apontados esses conceitos à medida em que o contexto histórico e arquitetônico é supervalorizado no rol de debate mundial. Não desconhecemos esse fato, contudo, é justamente por essa constatação que encontramos mais um elemento que firma o caráter e importância da realização deste trabalho.

É certo sublinhar que não se busca com esses argumentos descaracterizar a pertinência dos estudos levantados e analisados por meio das leituras, tampouco refutar a natureza importante desses conceitos nos trabalhos. Reconhecemos a vasta colaboração desses estudos nos seus respectivos vieses. E mais, já se toma ciência da grande expressividade dos estudos pautados nos caracteres históricos e arquitetônicos.

Todavia, o que se percebe é uma lacuna com respeito a outros aspectos igualmente importantes para serem discutidos sobre o patrimônio cultural. A exemplo especial, destaca-se o contexto preconizado pelo nosso trabalho, o da valoração patrimonial a partir da concepção comunitária contemporânea.

A partir disso, insiste-se à defesa de que muito se baseia em características materiais relacionadas ao patrimônio cultural, entretanto, pouco ou quase nada se procura em características imateriais, particularmente à compreensão populacional em respeito ao bem, inclusive na contemporaneidade. Assim, notadamente, pouco ou quase nenhum interesse há quanto ao entendimento local de “fora” para dentro, mas sim de “dentro” para fora.

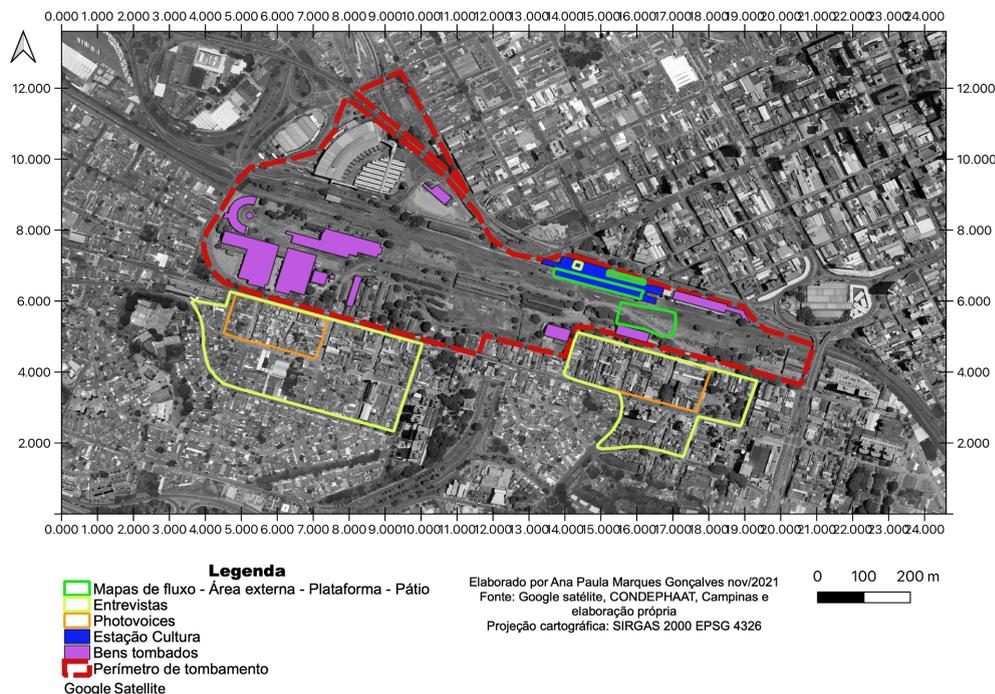
De forma conjugada ao último ponto expressado atinente às leituras, dizemos da característica percebida de admitir os **valores formais (arquitetônico ou histórico fundamentado em argumentos técnicos) sem considerar o valor afetivo (ou social)**. Percebe-se que a importância atribuída aos assuntos de preservação patrimonial é delimitada respeitando os posicionamentos legislativos que prezam, por vezes, a opinião de especialistas. O ponto de vista da preservação aqui delimitado direciona a discussão por meio de especialistas do órgão de proteção nacional.

Neste panorama, ambientando o patrimônio como espaço de saber predominantemente técnico, a comunidade, por sua vez, não é entendida como um agente que possui discursos interessantes para se considerar a preservação/manutenção e reuso. Cabe a ressalva de que esses especialistas têm percepções e considerações distintivas se comparadas com as da comunidade. No entanto, é evidente que essa visão se configura distante do que defendemos em nosso contexto metodológico de interação entre o poder público e os indivíduos.

2 COLETA DE INFORMAÇÃO

Os dados foram obtidos por intermédio da aplicação das técnicas de entrevista, *photovoice* e observacional, em seguida os dados foram sistematizados em agrupamentos. Estabeleceu-se comum a todas as técnicas que as informações seriam unidas por critério de maior aparição no conjunto de percepções coletadas da comunidade do entorno ao bem patrimonial. Para visualizar a zona de aplicação das técnicas de pesquisa, veja o mapa abaixo. Na sequência é explicada a maneira de coleta de informação.

Aplicação do método AVP: delimitação de pesquisa - Complexo Central Fepasa



Para aplicação da técnica de entrevista, em primeiro lugar, foi preciso elaborar um roteiro de perguntas. De modo geral, as questões postas no roteiro versam atender um conjunto de propósitos imbuídos aos objetivos. Isso se explica ao passo em que se pretendeu - com as entrevistas - coletar opiniões dos residentes do entorno ao bem patrimonial, além da coleta de opinião dos gestores.

As entrevistas foram divididas em dois momentos importantes: **1ª e 2ª coleta**. A primeira, tratou-se de uma **averiguação da percepção geral da comunidade** sobre o patrimônio (aspectos: sensitivo/memorativo; opinião/participação; conduta), enquanto na **2ª coleta** estavam sob análise os **elementos de opinião relacionados ao uso e reuso**. Nesse caso da 2ª coleta foram entrevistadas: a comunidade do entorno e gestores do espaço protegido. Com base nos dados obtidos com a comunidade (1ª e 2ª coleta de entrevistas),

pôde-se averiguar com o gestor do espaço as **práticas de gestão participativa**, além de observar a viabilidade de implementação de usos indicados pelos indivíduos perguntados.

No *photovoice* as classes se subdividiram respeitando as palavras-chave utilizadas para a prática da técnica. As palavras-chave são: **Lembrança, Ferrovia e Lazer**. Essa técnica foi aplicada sob o interesse da captura de valor da comunidade residente no entorno sobre o bem protegido. Na última técnica: a observacional, cuja aplicação resultou no mapa de fluxos, foram separados os conjuntos de dados **em maior e menor fluxo**.

Portanto, é lembrado que essas aplicações: 1ª coleta de entrevista; *photovoice* e mapas de fluxos, referenciam o levantamento de dados gerais de percepção da comunidade do entorno (opinião; sensitivo/memorativo; conduta). A segunda parte dos dados remonta uma coleta mais específica de entrevista, sobre a qual, inclusive, houve necessidade de adaptação por razão da pandemia do covid-19.

Nessa segunda parte de coleta, a técnica de entrevista precisou ser adaptada prezando que não houvesse perda da qualidade das informações levantadas e o atropelamento do trabalho. A ferramenta de entrevista, ainda que adaptada ao momento de pandemia da covid-19, possibilitou uma coleta sem perda na qualidade dos dados, pois, todas as informações foram ordenadas, sistematizadas e estruturadas para que se pudesse obter um levantamento passível de análise.

2. 1 Entrevistas

A 1ª ida a campo capturou aspectos **memorativos/sensitivos** em relação ao bem; aspectos de participação; e, aspectos de opinião de membros da comunidade (residente do bairro Vila Industrial) sobre os edifícios/áreas abandonadas ou reutilizadas. A 2ª coleta reteve um levantamento de **opinião sobre usos, reuso e viabilidade deles no espaço protegido**. Precisa-se explicar, por isso, que essa segunda parte foi feita com a comunidade e gestores do Conjunto Ferroviário da Estação de Campinas.

Para darmos início a descrição desse grupo que corresponde às entrevistas da 1ª coleta, é interessante destacar que as perguntas apresentadas fornecem dados relativos ao caráter memorativo/sensitivo. Assim, as questões descritas e suas respostas são em relação ao conhecimento dos indivíduos sobre a existência do local, as lembranças que eles possuem do local ou relativas a ele e sobre as atividades ocorridas no ambiente antes da desativação do uso original (transporte ferroviário).

As perguntas seguidas com esse viés no roteiro foram: O (A) sr. (a) já conhece a área da estação de Campinas? Já passou por lá? Com qual motivo? ; O sr.(a) sabe dizer o que era lá

antigamente? Para o que era usada? Poderia dizer algum uso?; Quais são as lembranças que lhe vem à mente ao pensar nessa área ferroviária?

Em resposta à primeira pergunta realizada, a entrevistada mencionou: “Ah, a Estação ali?! Nossa! Hehehe [...] A gente vivia no sítio e ia de trem. Ai que delícia! Faz falta o trem. E, a gente atravessa aqui [a estação] para ir lá [o centro] agora né” (ENTREVISTADA ABIGAIL, 2019). Essa fala retrata a natureza memorativa da entrevistada ao se reportar às lembranças em respeito ao bem, mas também destaca o elemento sensitivo dela quando aponta a sensação boa de ter viajado no trem.

Sobre a segunda parte da pergunta (Já passou por lá?), ela respondeu: “Eu atravesso, mas tenho medo de cair naquelas pedrinhas. [...] Porque quando eu vou na "Beneficência" [Hospital da Beneficência Portuguesa] ou na treze [Rua Treze de Maio] ali, é mais fácil aqui porque eu já saio lá, né. Agora quando eu vou em outro lugar, eu vou por lá [pela rodovia de Campinas]” (ENTREVISTADA ABIGAIL, 2019). Esse depoimento aponta a natureza de passagem que o local representa para ela.

Continuando em relação a última parte da pergunta (Com qual motivo?) a entrevistada apontou que: “[...] tem festa, carnaval teve só que eu não fui. [...] Não, eu nunca fui, minha nora que vai. Meu filho. Teve carnaval aqui na rua, teve lá. Eles que vão, eu não gosto muito de sair” (ENTREVISTADA ABIGAIL, 2019). Isso pode direcionar ao entendimento de que ela não visita o local por motivo de eventos. Esse fato pode se relacionar com a idade da entrevistada, pois ela possui 84 anos e, no caso dela, além de não gostar muito de sair, só iria acompanhada nesses eventos.

Na segunda pergunta (O sr. (a) sabe dizer o que era lá antigamente? Para o que era usada? Poderia dizer algum uso?) ela respondeu: "Ahhhhhhhh... (saudosa) [...] na Estação? Ah, eu pegava trem pra ir viajar. Viajava né. Até para Santos a gente foi. Naquele tempo ia de trem né” (ENTREVISTADA ABIGAIL, 2019). Logo, ela tinha conhecimento que ocorria atividade ferroviária no local.

Como resposta à terceira pergunta (Quais são as lembranças que lhe vem à mente ao pensar nessa área ferroviária?) ela continua como reafirmação de sua memória com tom de saudade, “Ahhhhhhhhhh. (saudosa) Nossa... Só boas né!” (ENTREVISTADA ABIGAIL, 2019).

Outra resposta, agora, de outro indivíduo pouco mais jovem (tem 41 anos), concernente à primeira parte da pergunta (O(A) sr. (a) já conhece a área da estação de Campinas?) foi: “Ah, a Estação ali em cima? Então, eu moro bem próximo. Do meu apartamento, inclusive, eu tenho vista para a Estação Cultura, né. Mas eu fui algumas vezes,

mas para falar a verdade, bem pouco” (ENTREVISTADO ALEX, 2019). Logo, ele diretamente respondeu se conhece ou não, diferente da outra entrevistada de 84 anos que iniciou sua fala explanando suas sensações.

Desse modo, esse entrevistado denota um conhecimento sensitivo desse bem mais atual e não se reporta, de forma direta, aos elementos memorativos do bem, definindo a significância desse bem para ele ou não. Aproveitamos para acrescentar que pela fala desse entrevistado, nota-se que ele tem certo conhecimento sobre onde se situa a estação - um tanto dessa informação se deve ao fato de que ele mora também próximo ao bem -, entretanto, não o frequenta assiduamente.

Em respeito à segunda parte da pergunta (Já passou por lá?), ele respondeu: “Sim, inclusive uma vez que minha sobrinha cantou lá. Eu fui lá para ver a apresentação dela” (ENTREVISTADO ALEX, 2019). Ele afirma que sua ida ao local se deu no momento mais atual, contudo, apenas uma vez. Isso pode corroborar para uma compreensão de que mesmo estando próximo ao patrimônio, não necessariamente os indivíduos vão ter interesse em usá-lo ou frequentá-lo.

Na última parte da primeira pergunta posta aqui (Com qual motivo?) ele diz: “uma apresentação” (ENTREVISTADO ALEX, 2019). Por essa afirmação e no decorrer da entrevista ele descreveu que foi à apresentação da sobrinha, ou seja, ele participou de um evento. É bastante destacado a partir da fala dos indivíduos, não somente dele, o entendimento do uso do local para realização de eventos. A segunda pergunta foi respondida assim:

Que eu sei, lá era estação de trem né!? Ah, na verdade, é o seguinte: o trem ainda funciona tem trem de carga lá. Mas, antigamente, quando tinha outra função, ali passava o trem de passageiros e era estação de trem mesmo. Se não me engano era a principal estação? (ENTREVISTADO ALEX, 2019)

A sua percepção com respeito aos aspectos memorativos não é dada da mesma maneira que a primeira entrevistada. O que se entende com essa afirmação é que ele não teve relação passada direta com o bem, portanto, sua forma de expressar o carácter memorativo não demarcou conectividade no âmbito da interação ou participação. Assim, ele direcionou a resposta conforme informação repassada por outros. Isso também pode ser atrelado ao fato dele ser relativamente jovem.

Referente à terceira questão (Quais são as lembranças que lhe vem à mente ao pensar nessa área ferroviária?) ele afirmou: “É... Pode ser um desprezo pelo bem ali. Eu sinto desprezo da prefeitura, por uma cultura que não devia acabar” (ENTREVISTADO ALEX, 2019). Por essa fala, cumpre observar que ele obtém uma opinião mais recente não tão

enfática aos elementos passados vivenciados por ele, mas contornados mediante a situação atual do bem patrimonial.

Um caso extraordinário encontrado na fala de uma entrevistada que reside na “vila de cinco quadras”, isto é, um pouco mais distante do que a de “três quadras” e, que nos chamou a atenção, foi a resposta sobre essa primeira pergunta. Quando perguntamos se ela conhecia a Estação de Campinas, a Cultura, ela respondeu: “Não” (ENTREVISTA ARACI, 2019). Esse fato referencia o não conhecimento sobre o bem. E também se acrescenta que não foi expressado nenhum elemento memorativo ou sensitivo detectável com essa entrevistada.

Relativo à segunda parte da pergunta (Já passou por lá?) ela respondeu: “Não! Eu sei que lá era Fepasa só” (ENTREVISTADA ARACI, 2019). A terceira parte da primeira questão (Com qual motivo?) não foi questionada em virtude da afirmativa de que ela não passa no local. Quando perguntado: O sr. (a) sabe dizer o que era lá antigamente? Para o que era usada? Poderia dizer algum uso? A resposta foi: “Era Fepasa, agora não sei o que que é” (ENTREVISTADA ARACI, 2019). Essas falas dessa pessoa que, inclusive, declarou residir no bairro há 70 anos, deixa-nos pensativos.

Justamente pela razão de que ela está “próxima” ao bem e não o compreende como elemento de seu conjunto memorial, ou pelo menos, não o expressou a nós no momento da entrevista. Em relação a: Quais são as lembranças que lhe vem à mente ao pensar nessa área ferroviária? Ela respondeu: “Não. Eu não saio” (ENTREVISTADA ARACI, 2019).

Respondendo à primeira pergunta, outro entrevistado pouco mais jovem apontou: “Conheço. Já passei. Várias vezes. [...] Muitos. Assim, eu já participei de eventos culturais, aconteceram lá. Já utilizei o espaço para fazer um tipo de evento também. É... Já participei de aula de teatro lá. Ah. Foram diversos. Exposições de arte que tiveram lá” (ENTREVISTADO GABRIEL, 2019). Os elementos memorativos desse jovem referenciam ocasiões mais recentes.

Remetendo à segunda pergunta ele disse:

Pelo que eu sei da história de Campinas, foi uma cidade movida pela economia do café e da cana de açúcar. Então, imagino que tenha sido construída para esse tipo de transporte. Mas que também não ficou presa a isso. Acho que teve também transporte de pessoas, se não me engano (ENTREVISTADO GABRIEL, 2019).

Sua memória do que era construído no local anteriormente, não foi retratada como algo dele próprio. Suas bases de informação foram repassadas por outros indivíduos. Esses aspectos da historicidade de Campinas, em algum momento, foram dispostos por diferentes sujeitos (nas escolas, eventos, livros etc.).

Isso não quer dizer que as informações não sejam importantes, pelo contrário, podemos ponderar que muitos dos entrevistados por variados fatores não possuem raízes memoriais próprias construídas/vivenciadas, mas constituída por um conjugado de informações e experiências repassadas a eles.

Reportando-se à terceira questão, ele expôs: “Olha, me vem à mente assim, um bem-estar de estar lá. Não uma lembrança. Mas, falando agora nisso, eu me lembro de todas as vezes que eu passei ali, ou ‘*pra*’ ir ‘*pra*’ escola, voltar da escola” (ENTREVISTADO GABRIEL, 2019). A partir disso, destacamos que por ele ser mais jovem sua experiência de lembrança do bem não se relaciona única e exclusivamente com a atividade ferroviária que outrora ocorreu ali. Distintamente, seus laços de lembrança se deram por elementos corriqueiros vivenciados em outro momento.

Na primeira questão a entrevistada enfocou: “Sim. Conheço. [...] Passo praticamente todo dia. Já fui assaltada (fala sarcástica). [...] É que eu faço caminhada e nesse dia eu fui pelo... aqui pelo terminal central e voltei pela Estação Cultura” (ENTREVISTADA IMELDA, 2019). Aproveitamos essa afirmação de modo a exemplificar um dos elementos bastante citados pelos entrevistados: a insegurança.

Expomos como argumento que uma das sensações que muito impedem os indivíduos de visitarem ao bem é o fator da insegurança. Isso aliado a uma infinidade de variáveis que estão adiante destacadas. As variáveis notadas pelas falas dos sujeitos e realidade vivenciada amparou o surgimento da noção coletiva de desconfiança em passar na área despreocupadamente, quer dizer, sem que seja por motivo de trabalho - já que se percebe que o bem é usado como travessia por moradores do bairro Vila Industrial.

Da segunda questão ela disse: “Era uma estação de trem mesmo” (ENTREVISTADA IMELDA, 2019). Com respeito à terceira pergunta ela sublinhou: “Ah, uma lembrança que eu tenho é que eu adorava andar de trem, mesmo que aqui eu nunca andei, mas eu adorava andar de trem. Eu já andei em outras cidades. Que eu acho que deveria voltar” (ENTREVISTADA IMELDA, 2019). Imelda também atribuiu como significativa a ferrovia no seu conjugado de memórias e sensações.

Depois dessas descrições acerca dos aspectos memorativos/sensitivos capturados, parte-se para apresentação dos **aspectos de participação** retirados dessa 1ª coleta. Nesse segundo conjunto, buscamos apresentar as respostas retiradas das questões que se relacionam com elementos de participação dos indivíduos com o bem. Desse modo, as perguntas abordadas neste agrupamento são: Você já chegou a parar no local, ou mesmo visitar a área? Por qual motivo? e a segunda questão é: Qual parte da área você já visitou ou faz algo lá?

A esse respeito ficou visível que há pouca frequência com intuito de participar de atividades. Para firmar esse elemento detectado apontamos a fala de alguns entrevistados. Quando contestada: “Você já chegou a parar no local, ou mesmo visitar a área? Por qual motivo?”, a entrevistada respondeu: “Não...[...] Só que de primeiro a gente ia aqui [se refere ao túnel de pedestres que se encontra fechado], mas agora para judiar da gente fizeram a gente passar lá em cima. Eu atravesso, mas tenho medo de cair naquelas pedrinhas” (ENTREVISTADA ABIGAIL, 2019).

Tendo como base a fala dela notamos, aqui, outro ponto a ser sublinhado e que juntamente a outras variáveis nos permite compreender a natureza de pouca participação dos indivíduos no bem. Esse ponto relacionado ao fechamento do túnel de passagem subterrâneo ficou aparente, pois era utilizado para passagem de pessoas. Utilizava-se o túnel tanto no momento de atividade da linha férrea dessa estação como em tempos mais recentes, entretanto, o fechamento dele alimentou nesses moradores um senso de “obrigação” a usar a estação como um escape para seus deslocamentos.

Esse elemento de passagem é atribuído à estação (parte do conjunto ferroviário central Fepasa), pela razão de que na segunda pergunta (Qual parte da área você já visitou ou faz algo lá?), a mesma entrevistada apontou: “Não, eu nunca fui” (ENTREVISTADA ABIGAIL, 2019). Ela descreveu que nunca mais após a desativação das atividades da ferrovia ela retornou com intuito de visita à estação. Agora, quando a vê é com o objetivo de a utilizar como trecho de travessia para o centro.

Respondendo à primeira questão, podemos aproveitar a mesma fala exposta pelo entrevistado Alex no primeiro grupo, em que disse: “Sim, inclusive uma vez que minha sobrinha cantou lá. Eu fui lá para ver a apresentação dela” (ENTREVISTADO ALEX, 2019). Agora, nessa perspectiva de participação dos indivíduos, utilizamos o caso dele para apresentar que há pouca interatividade entre comunidade e bem.

Pelo fato de que ele mora bem próximo ao bem, em geral, subentender-se-ia que sua participação com o espaço, bem como sua noção em respeito às informações seria mais definida. Contudo, não é isso que se nota entre vários relatos nesse contexto. Por mais que sua ida ao local tenha sido motivada por um evento (apresentação) essa participação não se estendeu a outros momentos, conforme explicitado pelo entrevistado.

Como resposta da segunda questão, referente ao lugar em que ele permaneceu durante o evento tratado, ele disse: “Não sei se tem mais alguma, mas foi aquela parte da apresentação... ali” (ENTREVISTADO ALEX, 2019). Ele não soube especificar o nome ao

certo do local em que esteve, mas perguntamos se ele se referia à plataforma e ele afirmou que sim.

Como resposta extraordinária, também referente a esse ponto de análise - aspectos de participação -, a entrevistada da “vila de cinco quadras” respondeu à primeira e segunda questão: “Não. Nunca passei...” (ENTREVISTADA ARACI, 2019). Outra vez, a natureza de não participação dos moradores do entorno ao bem é aparente. Neste caso, o que se pode argumentar é o fator de desconhecimento unido à carência de informações ou de interesse do entrevistado pelo local abordado.

Ainda em relação à carência de informações a respeito do bem que alcancem a comunidade da Vila Industrial e que, portanto, atrelam-se a não participação da própria comunidade, destacamos a fala de uma das entrevistadas que disse: “Olha, quando eu sei que vai ter alguma coisa é [quando] colocam uma faixa. Virada *pra* treze [Rua Treze de Maio]]. [...] Só virada *pra* treze, só. Só... E, eu acho que ela é fechada à noite também *pra* utilizar o espaço” (ENTREVISTADA JÚNIA, 2019).

Respondendo às duas perguntas supracitadas citadas, essa entrevistada colocou: “Direto. Porque é mais perto. É mais perto da treze. É um acesso mais fácil. Porque o túnel “piquininho” tá fechado! Então. E, o único acesso mais rápido é ali, porque no viaduto tem muito “mendigo”. A gente só passa por ali!” (ENTREVISTADA JÚNIA, 2019).

Por meio dessa resposta notamos que se nota a não participação de boa parte comunitária com outra finalidade que não seja de passagem ou travessia pela estação. Unido a esse fato a percepção atual sobre o local se põe numa base de insignificância quanto às suas variadas potencialidades. Sendo assim, essa visão sobre o patrimônio está relacionada a um contingente de fatores.

Isto é, essa ideia não se restringe única e exclusivamente ao fato de que o local é usado com travessia pelos indivíduos, mas também, que isso ocorre em virtude de outros acontecimentos e tomadas de decisões públicas com respeito a esse bem. Logo, essas ações ou a falta delas implicam em condutas distintas das de participação efetiva das atividades que se desenvolvem nesse espaço.

A caracterização dessa postura é demarcada na fala da entrevistada ao ser questionada se apenas utiliza o local para travessia e ela afirmou: “[...] Sim!!! Não tem outra opção... [...] às vezes, tem alguma feira no domingo alguma coisa..., mas, é... a gente só para porque tá passando. A gente não vai lá! A gente só passa mesmo” (ENTREVISTADA JÚNIA, 2019). Por esse depoimento, abre-se espaço para refletir no que tange ao direcionamento de iniciativas e os aspectos que implicam sobre esse desinteresse dos moradores.

Um dos elementos já lançados anteriormente para explicar esse fato é a falta de inserção dos moradores no que respeita às informações de atividades do bem. Além disso, outro aspecto que pode se relacionar com essa conduta é a carência de dinamização das iniciativas públicas, haja vista, a fala de que não existe outra opção de deslocamento e que, por isso, os indivíduos se veem “obrigados” a passar pelo espaço protegido para chegarem ao centro.

Por último, dos **aspectos de opinião, direcionados a coletar ideias a respeito dos edifícios abandonados ou reutilizados**; as perguntas foram: O (a) sr. (a) conhece os espaços não utilizados ou abandonados ali naquela área? Se sabe, quais sugestões de usos daria sobre esses locais desocupados? As percepções retiradas por meio das respostas nesse agrupamento, propiciaram entendimento sobre o que os moradores compreendem dessas áreas/edifícios, além de terem indicado a frequência das opções de usos para o lazer ou não.

Como resposta a esse questionamento, José Augusto que mora na “vila de três quadras”, isto é, mais próximo ao bem, expôs: “Daqui... eu acho que conheço só duas... a estação que ‘tá’ lá perto da rodoviária, só. [...] Que eu conheço assim, que ‘tá’ parado” (ENTREVISTADO JOSÉ AUGUSTO, 2019). Esse entrevistado se mostrou um tanto quanto “perdido” ao falar dessas áreas. Para ele, aparentemente, só existem como pertencentes aos edifícios do conjunto, a estação e um galpão grande próximo à rodoviária de Campinas.

Ao responder sobre ter sugestão de uso para as áreas abandonadas, ele disse: “Olha, fã, ‘tê’ tem, mas eles nunca faz nada!” (ENTREVISTADO JOSÉ AUGUSTO, 2019). Para complementar a sua fala ele destacou como uma dica de uso: “Se eles pegassem esse que tem aqui e fizessem uma... uma área assim de espaço do pessoal ter... uma área um ‘mini shopping’, coisinha ‘pra’... coisa assim de... [...] Área comercial. Porque tem espaço, né. Eles *num* faz porque *num* quer ‘memo’” (ENTREVISTADO JOSÉ AUGUSTO, 2019).

Essa sugestão aponta a intenção do entrevistado em expandir linhas comerciais do centro para as áreas abandonadas ou subutilizadas do conjunto ferroviário, uma vez que a estação está muito próxima ao centro comercial de Campinas. Como resposta à questão: “O (a) sr. (a) conhece os espaços não utilizados ou abandonados ali naquela área? Se sabe, quais sugestões de usos daria sobre esses locais desocupados?” a moradora da “vila de cinco quadras” – Joana – ficou em dúvida de quais espaços estavam sendo questionados.

Reafirmando o caráter de incerteza sobre o local questionando, ela disse: “Aquele pedaço vazio? [...] Fica bem pertinho da rodoviária né?” (ENTREVISTADA JOANA, 2019). Continuando a resposta, ela declara:

Então... Ali mesmo. [...] Ah, podia... tinha que ser importante... Que nem... Vamo supor... já que não vai ser mais a estação, né! [...] Eu faria isso, né. Uma aula de... internet e outras coisas... Pras criança. Uma oportunidade pra eles né! [...] Precisava de coisas 'memo', que ajudasse as criança a sair da rua!!! (ENTREVISTADA JOANA, 2019)

Apesar de aparentar desconhecer, parcialmente, dos edifícios abandonados no início de sua resposta, ela sugere como uso nesses locais abandonados ou subutilizados, uma estruturação para atender as crianças que estão impossibilitadas de terem um local para realizarem atividades educacionais extraclasse no bairro. Segundo ela, isso serviria também como um espaço multiuso para atender essas crianças de forma gratuita.

Outra entrevistada descreveu sobre a pergunta (O (a) sr. (a) conhece os espaços não utilizados ou abandonados ali naquela área? Se sabe, quais sugestões de usos daria sobre esses locais desocupados?): “Não sei dizer...” (ENTREVISTADA MARISA BORBA, 2019).

Continuando a responder a pergunta, ela afirmou como possibilidade de uso a esses edifícios e áreas abandonadas que poderia ser feito um espaço: “Pra’ gente caminhar aproveitar o pedaço que... [...] ... Fazer caminhada. [...] Então. É isso que eles ‘tão’ fazendo aí ‘pra’ andar de bicicleta. Falta isso aqui” (ENTREVISTADA MARISA BORBA, 2019). Como sugestão de uso ela indicou a possibilidade de ser feito um circuito de caminhada aproveitando o espaço do conjunto ferroviário.

Respondendo a essa questão, a entrevistada Ivani apontou que sabe que existem alguns locais abandonados, entretanto não soube delimitar quais, especificamente. Podemos afirmar isso pela própria fala dela, em que apenas declarou como resposta: “Também!” (ENTREVISTADA IVANI, 2019). Complementando a sua resposta ela descreveu como sugestão de uso:

Eu acho que espaço cultural mesmo. Porque, assim, aqui nós temos o teatro castro mendes. Igual antigamente... tinha cinema na cidade não existe mais né! Que era tão bom assim né! Eu acho que poderia ser utilizado pra algo desse tipo. [...] Algo cultural, e que fizessem pra todos poderem participar, “não ai posso pagar!” Não! Pra todo mundo mesmo ou até ter coisa de... como é que eles falam... teatro popular... Essas coisas né! Seria legal (ENTREVISTADA IVANI, 2019).

Pela sugestão de uso dessa entrevistada é possível associá-la ao caráter de ludicidade posto como um dos elementos a serem detectados por meio das percepções dos moradores do entorno ao bem patrimonial.

Depois dessas descrições concernentes ao primeiro conjunto de dados de entrevistas, realizados na primeira parte do trabalho, partimos a relatar os dados da segunda coleta de opinião. As coletas dos dados foram combinadas de acordo com os limites espaciais delimitados durante os meses de pesquisa. Já fora mencionado noutros trechos a nossa nomeação da área de coleta como: “vila de três quadras” e “vila de cinco quadras”.

A escolha dessas proximidades permitiu a organização da zona de levantamento de campo tanto na primeira quanto na segunda coleta. Por essa breve explicação, tenciona-se dizer que os dados de opinião obtidos e apresentados nesse momento são fruto das coletas nessas áreas apontadas dentro do bairro da Vila Industrial.

Expressamos de modo enfático a necessária reordenação da segunda coleta que corresponde a essa parte de descrição de dados, a fim de que não houvesse perda de qualidade no levantamento de dados. Considera-se uma cautela redobrada para esse período pandêmico não somente experienciado por nossa pesquisa, mas pelo todo. Esses elementos supracitados a respeito da pandemia não cabem ser discutidos afincos neste tópico, entretanto, seus efeitos se estenderam até o desenvolvimento planejado e ordenado pelo cronograma deste estudo.

Por isso, dizemos uma ressalva sobre a maneira ordenada para que fosse feita uma coleta mais rápida na segunda ida a campo e considerando o contexto atual de pandemia da Covid-19. A estrutura mostrada na figura 01 ilustra a base para a coleta, uma vez que se pensou na possibilidade de conseguir fazer uma coleta mais rápida sem tanto contato, justamente para que a esse modo a coleta agisse de alguma forma como uma prevenção a nós, vide a ida a campo prevista na pesquisa.

Protocolo

O(A) sr.(a) permite que seu nome seja identificado? Sim [] Não []

QUESTIONÁRIO- COMUNIDADE	
1) QUAL SEU NOME?	
2) QUAL SUA IDADE?	
3) HÁ QUANTO TEMPO RESIDE AQUI?	
4) QUAL SUA PROFISSÃO?	
5) QUAL (AIS) DAS OPÇÕES ABAIXO VOCÊ INDICARIA PARA USO NA ÁREA FERROVIÁRIA DA ANTIGA ESTAÇÃO DE CAMPINAS?	
a) Educacional (curso técnico, curso de informática, etc)	
b) Comercial (lojas, feiras de alimentos, feiras de artesanato)	
c) Infraestrutura (trem de passageiros; passagem viária)	
d) Lazer (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência)	
e) Outros [Quais?] _____	

Figura 1: Base para coleta de dados, comunidade. **Fonte:** Elaboração própria, 2020.

Além disso, precisa-se explicar a composição das informações sistematizadas, de modo a representar por meio dessa figura base as opiniões expressadas pelos indivíduos do bairro noutra coleta da pesquisa. Esses dados acerca dos usos foram aplicados nessa estrutura apresentada na figura 01. Assim, os usos pontuados nessa base sistematizada foram retirados das próprias interpretações da comunidade sobre indicações de utilização para o Conjunto Ferroviário da Estação de Campinas e o entorno (bairro Vila Industrial).

Para apresentar os dados da segunda coleta de entrevista é preciso que seja clara a disposição de coleta. Foi feito trabalho de campo com a comunidade e gestor do espaço protegido. A respeito do primeiro grupo (comunidade), descreve-se que essa figura 01 subsidia uma captura que possibilitou conferir a demanda de uso para o espaço protegido..

São colocadas as respostas dos indivíduos para o principal questionamento da estrutura mostrada na figura 1. A pergunta feita foi: “Qual (ais) das opções abaixo você indicaria para uso na área ferroviária da antiga estação de Campinas?”. Portanto, descrevem-se sequencialmente as respostas.

João Lima, aposentado, com a idade de 60 (sessenta) anos, apontou como indicação os usos: Educacional (curso técnico, curso de informática, etc), Comercial (lojas, feiras de alimentos, feiras de artesanato), Infraestrutura (trem de passageiros; passagem viária) e Lazer (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência). Desse modo, todas as alternativas dispostas foram assinaladas por ele. Ele não deixou outras sugestões de usos.

Outras duas pessoas questionadas preferiram não autorizar a identificação do nome. Ambas apontaram como indicação os usos: Comercial (lojas, feiras de alimentos, feiras de artesanato) e Infraestrutura (trem de passageiros; passagem viária). Desse modo, apenas duas das alternativas dispostas foram assinaladas por elas. Também não deixaram outras sugestões de usos.

Camila Estefani, autônoma, com a idade de 23 (vinte e três) anos, apontou como indicação de uso apenas formas de utilização relacionadas ao âmbito comercial (lojas, feiras de alimentos, feiras de artesanato). Com isso, apenas uma das alternativas foi assinalada por ela. Ela não deixou outras sugestões de usos.

Jaime de Oliveira, aposentado, com a idade de 76 (setenta e seis) anos, apontou como indicação os usos: Comercial (lojas, feiras de alimentos, feiras de artesanato) e Lazer (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência). Desse modo, foram assinaladas duas das alternativas apresentadas. Ele deixou outra sugestão de uso. Indicou um uso para “centro de natação”, que segundo ele esse uso tem sua relação com práticas de lazer.

Antônio Garcia de Oliveira, Sebastião Silva e Luzia Cordeiro Pereira, apontaram como indicação os usos: Educacional (curso técnico, curso de informática, etc.), Infraestrutura (trem de passageiros; passagem viária) e Lazer (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência). Desse modo, 3 (três) das alternativas dispostas foram assinaladas por eles. Apenas Sebastião acrescentou outra sugestão de uso. Sebastião indicou uso abarcando “exposições históricas”.

Joélio, motoboy, com a idade de 46 (quarenta e seis) anos e Marilene, vendedora, com a idade de 83 (oitenta e três) anos, apontaram os mesmos usos como interessantes a eles: Educacional (curso técnico, curso de informática, etc.), Comercial (lojas, feiras de alimentos, feiras de artesanato), Infraestrutura (trem de passageiros; passagem viária) e Lazer (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência). Desse modo, todas as alternativas dispostas foram assinaladas por eles. Ambos não deixaram outras sugestões de usos.

Nayara, técnica em enfermagem, com a idade de 23 (vinte e três) anos, indicou como usos: Educacional (curso técnico, curso de informática, etc.) e Lazer (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência). Dessa forma, apenas duas das alternativas foram assinaladas pela questionada. Ela não deixou outra sugestão de uso para o Conjunto Ferroviário da Estação de Campinas.

Outra pessoa que preferiu não identificar o nome, ex-ferroviária, com a idade de 80 (oitenta) anos, apontou como indicação os usos: Educacional (curso técnico, curso de informática, etc.), Comercial (lojas, feiras de alimentos, feiras de artesanato), Infraestrutura (trem de passageiros; passagem viária) e Lazer (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência). Conseqüentemente, todas as alternativas dispostas foram assinaladas. A pessoa questionada adicionou, ainda, outra sugestão de uso. Foi descrito como interessante ter “exposições ferroviárias”.

Eduardo, microempresário, com a idade de 35 (trinta e cinco) anos, apontou como sugestão de uso o item de Infraestrutura (trem de passageiros; passagem viária). Desse modo, das alternativas dispostas apenas uma foi assinalada por ele. Ele não deixou outras sugestões de usos. Igualmente a esse, outro que não quis identificar o nome destacou como uso interessante para área o uso relativo à infraestrutura. Também não deixou outra sugestão de uso para o conjunto ferroviário.

Ana Maria de Oliveira, doméstica, com a idade de 38 (trinta e oito) anos, assinalou apenas duas das alternativas, quais sejam: Educacional (curso técnico, curso de informática, etc.) e Lazer (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência). Ela não deixou outras sugestões de usos. Já Anderson da Silva, segurança, 40 (quarenta) anos, marcou como

indicação os usos: Educacional (curso técnico, curso de informática, etc) e Infraestrutura (trem de passageiros; passagem viária). Assim, duas alternativas dispostas foram assinaladas por ele. Ele não deixou outras sugestões de usos.

Natalia Pinheiro, cozinheira, com a idade de 31 (trinta e um) anos, apontou como indicação os usos: Educacional (curso técnico, curso de informática, etc), Comercial (lojas, feiras de alimentos, feiras de artesanato) e Lazer (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência). Desse modo, três das alternativas dispostas foram assinaladas por ela. Ela não deixou outras sugestões de usos.

A penúltima questionada, Maria Elisabete, auxiliar administrativo, com a idade de 67 (sessenta e sete) anos, apontou a indicação dos usos: Comercial (lojas, feiras de alimentos, feiras de artesanato) e Lazer (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência). Com as respostas, apenas duas das alternativas dispostas foram assinaladas por ela. Ela não deixou outras sugestões de usos.

A última pessoa preencheu as informações do questionário, no entanto, não assinalou os usos das alternativas tampouco descreveu outras opções de uso. Por esse motivo, achamos por bem não o considerar para essa perspectiva de apresentação de dados. Mas, a sua abstenção sobre os usos de outros moradores indicados pelo questionário, pode ser uma informação referente a insatisfação correspondente aos tipos descritos por outros moradores.

A não apresentação de outro uso que o interesse estimulou-nos a pensar como desinteresse do questionado; ou que não existe uma opção mais abrangente por parte dele mesmo. Portanto, embora não haja uma resposta assinalada de modo igual aos demais, essa abstenção também significa algo.

Talvez, arrisca-se dizer o desinteresse e/ou falta de estímulo para uma resposta mais completa, vide o pensamento expressado em outras entrevistas – também descritas em relatos anteriores – da baixa confiança na gestão pública geral. Percebemos em parcela das respostas da comunidade do bairro uma adesão relativamente considerável de mais de um tipo de uso para o conjunto ferroviário estudado.

Os dados concernentes ao gestor só foram possíveis, vide as coletas anteriores junto a comunidade do bairro da Vila Industrial. Como se apontou nos relatos dantes postos as coletas (1ª e 2ª) com a comunidade foram distribuídas nas zonas de interesse da pesquisa: “vila de três quadras”, “vila de cinco quadras”.

A coleta com esses indivíduos foi extremamente precisa para subsidiar as questões postas no modelo de entrevista adaptado a esse tempo vivenciado de pandemia. A coleta com

o gestor do espaço estudado foi feita de maneira rápida, assim como as demais, já descritas, nessa segunda parte de coleta.

O principal intuito da utilização do modelo de entrevista adaptada foi capturar o tipo de relacionamento da gestão do Conjunto Ferroviário da Estação de Campinas com o seu entorno. Buscou-se entender como se dá essa interação dos gestores com esse grupo do arredor ao bem protegido por meio das perguntas descritas no modelo.

Elas tratam acerca da opinião do gestor sobre indicações de usos dadas pelos indivíduos residentes do bairro do entorno, a viabilidade desses usos sugeridos ao patrimônio, além de disposições com respeito a forma da gestão do patrimônio. Por isso, sabemos que esses atributos dispuseram de informação possível para analisar no próximo tópico (3. Análise dos dados).

A estrutura mostrada na figura 2 ilustra a base para a coleta, uma vez que se pensou na possibilidade de conseguir fazer uma coleta mais rápida sem tanto contato, justamente para que a essa maneira a coleta agisse, de algum modo, como uma prevenção a nós, vide a precisão da ida a campo prevista na pesquisa.

Protocolo	
O(A) sr.(a) permite que seu nome seja identificado?	Sim () Não ()
QUESTIONÁRIO - GESTOR	
1) PARA CADA TIPO DE USO, INDICADO PELA COMUNIDADE E ASSOCIAÇÕES CIVIS DO BAIRRO VILA INDUSTRIAL; QUAIS SÃO AS INICIATIVAS DESEMPENHADAS PELA GESTÃO PARA ATENDER A ESSES GRUPOS? (1º, 2º, 3º etc. corresponde a ordem de preferência da comunidade do entorno para os seguintes usos)	
a)	
<p style="text-align: center;">1º LAZER</p> <p>INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência, centro de natação, centro de informa�o turística/lazer)</p>	<p>R: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
b)	
<p style="text-align: center;">2º INFRAESTRUTURA</p> <p>INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (trem de passageiros, passagem viária)</p>	<p>R: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
c)	
<p style="text-align: center;">3º EDUCACIONAL</p> <p>INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (curso t�cnico, curso de informática, etc)</p>	<p>R: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
d)	
<p style="text-align: center;">4º COMERCIAL</p> <p>INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (lojas, feiras de alimentos, feiras de artesanato)</p>	<p>R: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
e)	
<p style="text-align: center;">5º CULTURAL</p> <p>INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (exposi�es ferroviárias, exposi�es histórica)</p>	<p>R: _____</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>_____</p>
2) TEM ALGUM INSTRUMENTO DE PARTICIPA�O POPULAR? (por exemplo, pesquisa de opinião, audiência pública entre outros)	
Sim () Não () Qual? _____	
3) NA ÁREA DO CONJUNTO FERROVIÁRIO DA ESTA�O DE CAMPINAS HAVERIA POSSIBILIDADE DE IMPLEMENTA�O DE USO PARA O LAZER (n� 1 na ordem de sugestões da comunidade do entorno)	
Sim () Talvez ()	
Não () Por qu�? _____	

Figura 2: Base para coleta de dados, gestor. **Fonte:** Elabora o própria, 2020.

Note que essa figura possui três sessões, cujas partes procuram capturar um tipo de resposta acerca do **posicionamento gestor acerca da sua rela o com a comunidade do entorno** (moradores do bairro Vila Industrial). Dessa maneira, foi notória a capacidade de retirar dados interessantes   pesquisa por meio desse modelo de entrevista adaptado.

Na primeira sessão, em que indaga quais iniciativas são desempenhadas para cada tipo de uso sugerido pelos dois grupos, o gestor teve   frente dele não apenas uma indica o, mas numa única op o, várias descritas pela comunidade (dados da 1ª e 2ª coleta). Isso se

exemplifica, como se vê pela opção: “A) Lazer (teatro, centro, etc.)”, além das demais dessa sessão.

A segunda parte questiona de modo mais direto se é utilizado algum instrumento de participação popular, de forma a intensificar o relacionamento entre gestão e comunidade. Por último, na terceira sessão se pergunta a respeito da viabilidade de implementação de quaisquer tipos de usos indicados pelos indivíduos do grupo perguntado.

Explica-se que à cada parte é descrita a devolutiva gestora. Atingindo a primeira pergunta: “Para cada tipo de uso, indicado pela comunidade e associações civis do bairro Vila Industrial; quais são as iniciativas desempenhadas pela gestão para atender a esses grupos?”; a resposta para a alternativa A) “1º Lazer [...]” foi: “Teatro Castro Mendes (outro setor da Prefeitura de Campinas)”.

A opção B) “2º Infraestrutura [...]”, teve a seguinte resposta: “Projeto Instituto Pedra – parceria com a Prefeitura de Campinas para restauro da estação, 13.09.2019”. Na alternativa C) “3º Educacional [...]”, o gestor respondeu: “Centro de Educação Profissional de Campinas (Ceprocamp)”. A opção D) “4º Comercial [...]”, não obteve nenhuma devolutiva. Por último, nessa primeira sessão a alternativa E) “5º Cultural [...]”, foi respondida da seguinte forma: “Encontro de ferromodelismo – anual, 7º edição”.

Na segunda parte, foi perguntado: “Tem algum tipo de instrumento de participação popular?”. Assinalou-se para essa pergunta: “Não”. A terceira seção de perguntas corresponde a: “Na área do Conjunto Ferroviário da Estação de Campinas haveria possibilidade de implementação de uso para o lazer (1º na ordem de sugestões da comunidade do entorno)”. A resposta do gestor para essa pergunta foi: “Sim. Parque Cultural Ferroviário”.

Essas foram as respostas para cada sessão de perguntas do modelo aplicado ao grupo gestor. Ressalta-se que apesar das respostas serem bastante rápidas, veremos que permitem alguns apontamentos para análise no próximo tópico - que é de análise de dados.

2.2 Photovoices

Para a aplicação do *photovoice*, primeiramente, foram pensadas as palavras-chave que os indivíduos participantes dessa prática sorteiassem. Essas palavras foram: lembrança, ferrovia e lazer. Escolhemos essas palavras justamente para atender, de um modo geral, o propósito de coletar a percepção da comunidade em diferentes sentidos.

Mais especificamente, essas palavras foram selecionadas a fim de retirar percepções relativas ao caráter memorativo, perceptivo e lúdico (ou práticas de lazer) dos indivíduos em

relação ao bem. Ou seja, por meio da palavra lembrança compreendeu-se qual local, objeto, etc representa algum tipo de memória em relação ao seu bairro e/ou ao bem patrimonial.

Pela palavra ferrovia, interessou-se compreender por meio da descrição do indivíduo o porquê de ele ter tirado uma fotografia de determinado “lugar/objeto/edifício”, que para ele tivesse alguma ligação com a ferrovia. Por meio da palavra lazer a intenção foi de identificar o que é entendido ou caracterizado como um “lazer” no bairro ou na sua proximidade.

Essa junção de percepções nos auxiliou a compreender quais elementos são considerados relevantes aos indivíduos, já que se pretendeu como um dos objetivos deste trabalho identificar o lazer na fala dos indivíduos e a partir dessa detecção indicar possíveis usos para o bem patrimonial.

Diferente da quantidade que foi estabelecida como parâmetro de realização de entrevistas, no *photovoice*, foi delimitada a quantidade de dez. A aplicação ocorreu tanto na “vila de três quadras” quanto na de “vila de cinco quadras”. A sistematização ocorreu como já exposto anteriormente por intermédio de um padrão documental. Assim, as palavras sorteadas e suas descrições foram inseridas no documento.

Sobre a primeira palavra-chave “**Lembrança**” as pessoas que a sortearam foram: Marisa Borba, Marilsa e Rachel. A seguir apresentamos essas descrições inseridas ao modelo padrão que foi estruturado. Marisa Borba mora pouco mais distante do bem (“vila de cinco quadras”), já Marilsa e Rachel são moradoras da “vila de três quadras”, ou seja, mais próxima ao bem. Assim, iniciamos apresentando a esquematização das informações da aplicação da técnica no quadro 1.

Quadro 1 – Photovoice; Lembrança.

LEMBRANÇA		
<p>Imagem</p> 	IDENTIFICAÇÃO	Marisa Borba, feminino, 82 anos, foi contadora
	DESCRIÇÃO	Ela elenca o grêmio como local que remete a lembranças. Afirma que: “o grêmio era uma chácara enorme, ali onde hoje existe esse local que foi de lazer. Até que foram abrindo o caminho e surgiram as casas em volta. Saudades de brincar e aproveitar o local. Depois que abriu a rua, lembra que

Fonte: Autora, 2019.		via gente brincando de carrinho de rolemã”
----------------------	--	--

Na descrição de Marisa Borba, ela se referiu ao local próximo a sua casa na “vila de cinco quadras” como lugar que ela tem lembranças. Destaca que antes do fechamento do local ao público ele era muito visitado pela população residente do bairro, pois era um dos poucos lugares do bairro propícios à prática de lazer. Por um tempo o local foi gerenciado por outro proprietário, contudo, o preço cobrado para a entrada não foi bem aceito pela comunidade. Cada vez menos esse local foi frequentado, o que por consequência, contribuiu para seu fechamento. Sequencialmente, no quadro 1.1 são apresentadas as descrições de Marilsa.

Quadro 1.1 – Photovoice; Lembrança.

LEMBRANÇA		
<p>Imagem</p> 	IDENTIFICAÇÃO	Marilsa, feminino, aproximadamente 50 anos, trabalhou no casarão elétrico da Fepasa.
<p>Fonte: Autora, 2019.</p>	DESCRIÇÃO	Ela tem lembranças da época em que trabalhou no casarão elétrico da Fepasa. Inclusive ele está em frente a casa dela, por isso ela lembra daqueles tempos e sua vivência.

Marilsa é residente da área mais próxima ao bem (“vila de três quadras”). Quando aplicada a técnica com a palavra-chave lembrança é notória a relação de sua lembrança com as práticas de trabalho. Mais especificamente, num casarão que era utilizado para atividades relativas à extensão de energia para o complexo ferroviário. O que foi posto na fala dela é o memorativo como um aspecto saudoso para ela.

Ou seja, notou-se que a sua lembrança com o bem induziu diretamente aos aspectos passados no tempo em que trabalhou na área onde se constitui o bem. Percebe-se, também, que não demarcou nenhuma lembrança mais recente com respeito ao patrimônio, justamente

pelo laço de afetividade entre suas relações passadas com o espaço serem, por sua vez, mais fortes/marcantes a ela. No quadro 1.2 abaixo são apresentadas as descrições de Rachel.

Quadro 1.2 – Photovoice; Lembrança.

LEMBRANÇA		
<p>Imagem</p>  <p>Fonte: Autora, 2019.</p>	IDENTIFICAÇÃO	<p>Rachel, feminino, 42 anos, cozinheira (marmitaria).</p>
	DESCRIÇÃO	<p>Ela declarou ter tirado a foto do muro por conta do início de sua moradia no bairro. Disse que havia insegurança em residir ali, pois em um momento ela ouviu gritos perto do muro.</p>

Rachel, é uma moradora próxima ao bem. A sua fala se baseou em elementos memorativos mais recentes. A percepção de lembrança que ela descreveu pode ser usada como amparo a uma das questões postas nas entrevistas e que se refere ao elemento da insegurança. Esse ponto de vista corrobora para o que percebemos acerca da não participação dos indivíduos no patrimônio. Em sua lembrança ela destacou que, principalmente, no início de sua moradia no bairro sua lembrança não foi muito boa, em razão do que foi descrito como explicação no *photovoice*.

Acerca da palavra-chave “**Ferrovia**”, as pessoas que a sortearam foram: Ivani Borba, Joana Romero, Raniel e Marcela Reis. A seguir apresentamos essas descrições inseridas ao modelo padrão que foi estruturado. Ivani Borba e Joana Romero moram um pouco mais distante do bem (“vila de cinco quadras”), já Marcela Reis é moradora da “vila de três quadras”, ou seja, mais próxima ao bem. Raniel tem mais proximidade com a “vila de três quadras” pelo seu trabalho, ele tem contato mais recente com o bairro. No quadro 2 abaixo são apresentadas as descrições de Ivani Borba.

Quadro 2 – Photovoice; Ferrovia.

FERROVIA		
<p>Imagem</p>  <p>Fonte: Autora, 2019</p>	IDENTIFICAÇÃO	Ivani Borba, feminino, 54 anos, Agente de Ação Social
	DESCRIÇÃO	O bairro São Bernardo é um bairro antigo de Campinas e segundo ela, assim como a vila industrial, possui relação com a ferrovia, sendo que está atrás da vila industrial. A foto que Ivani tirou foi do seu bairro, mas em sua fala ela descreve que de sua casa tem a vista para o bairro São Bernardo. Assim, destaca: “Leva a gente para qualquer lugar (ferrovia), e o bairro São Bernardo é ao fundo e o mais longe de Campinas”.

Ivani Borba descreveu que o elemento explicativo à fotografia tirada com a palavra-chave, é dado na medida em que na opinião dela há a relação entre o outro bairro (São Bernardo) próximo a casa dela com a ferrovia - localizada na proximidade da Vila Industrial, cuja infraestrutura interligava a cidade. Mas além disso, pode-se apontar que ela se reporta a outro aspecto, inclusive de outro local, que para ela tem relação com a ferrovia.

Entretanto, não aponta o bem patrimonial que estabelece vínculo direto com seu bairro e que, portanto, encontra-se ainda mais próximo do que o outro bairro citado. Esse caráter privilegia, talvez, ao não reconhecimento da proximidade quanto à relação do seu bairro com o conjunto patrimonial destacado no trabalho. No quadro 2.1 são apresentadas as descrições de Joana Romero.

Quadro 2.1 – Photovoice; Ferrovia.

FERROVIA		
<p>Imagem</p>  <p>Fonte: Autora, 2019</p>	IDENTIFICAÇÃO	<p>Joana Romero, Feminino, 62 anos, dona de casa.</p>
	DESCRIÇÃO	<p>Joana descreve que tirou a foto de como é o lugar onde vive, pois ele tem relação com a ferrovia. Explica: “É o lugar onde moro. E, moro do lado da ferrovia”.</p>

Como ponto diferencial entre a fala dos moradores, Joana tem uma perspectiva distinta, porque mais que apontar unicamente a relação da ferrovia com elementos materiais que possam remeter à própria edificação ferroviária “próxima” a sua casa; ela compreende que não apenas elementos passados podem se relacionar com o bem patrimonial, ao qual deu base para a construção da Vila Industrial.

Ela considera toda vivência constituída no presente, que por sua vez, está muito mais distante da forma de apresentação e convívio que se deu outrora. Todavia, ainda assim, tem relação com o patrimônio que fez e faz parte do contexto do bairro. A seguir no quadro 2.2 ´é detalhado o resultado de aplicação da técnica junto a Marcela Reis.

Quadro 2.2 – Photovoice; Ferrovia.

FERROVIA		
<p>Imagem</p>  <p>Fonte: Autora, 2019.</p>	IDENTIFICAÇÃO	Marcela Reis, Feminino, 34 anos, estudante de serviço social.
	DESCRIÇÃO	Aponta que os edifícios trazem: “história, conhecimento da ferrovia e das pessoas que a edificaram.

Marcela Reis, que é moradora bem próxima ao complexo ferroviário, destacou que o vínculo estabelecido entre a fotografia tirada e a ferrovia, dá-se pelo motivo de que o edifício compõe o rol de outras estruturas do complexo ferroviário. Também, aponta a característica dessa relação pelo aspecto de que essas edificações têm potencial de proporcionar o conhecimento e a história do município. A seguir, no quadro 2.3 vemos as descrições de Raniel.

Quadro 2.3 – Photovoice; Ferrovia

FERROVIA		
<p>Imagem</p>  <p>Fonte: Autora, 2019.</p>	IDENTIFICAÇÃO	Raniel, masculino, 27 anos, auxiliar de operação.
	DESCRIÇÃO	Alegou ter fotografado o mais próximo possível do local que estava para mostrar algo que rememorasse a ferrovia, no caso os edifícios que fazem parte dela, que estão no fundo da imagem. Disse que por ter passado pela ferrovia lembrou das que existem no seu estado de origem (Minas Gerais).

Assim como Marcela Reis, Raniel descreveu que a relação interpretada por ele entre a fotografia e a palavra-chave ferrovia, firma-se pelo fator histórico. Vale acrescentar que a fotografia tirada por Raniel insere um pedaço do cinema do bairro que foi construído em meados do funcionamento das atividades ferroviárias do Complexo Ferroviário da Estação de Campinas - conhecido como Estação Cultura.

Comprendemos que o objetivo dele não foi tirar a foto evidenciando o cinema, contudo, o que se vê primeiramente em destaque é parte dele e, não o que aparentemente se obtinha como intuito, que era ao menos retratar o muro da estação. Com isso, ainda que implicitamente podemos notar a relação da fotografia com a palavra sorteada, tanto do muro que está ao fim da foto, como também o cinema, o qual fora construído na época de operação da ferrovia presente ao redor do bairro.

A última palavra-chave é “**Lazer**”, as pessoas que a sortearam foram: Suellen, Marisa e Jailson. A seguir apresentamos essas descrições inseridas ao modelo padrão que foi estruturado. Suellen e Marisa moram pouco mais distante do bem (“vila de cinco quadras”), já Jailson é morador da “vila de três quadras”, ou seja, mais próxima ao bem. Considerando isso, no quadro 3 estão as descrições de Suellen.

Quadro 3 – *Photovoice*; Lazer

LAZER		
<p>Imagem</p>  <p>Fonte: Autora, 2019.</p>	IDENTIFICAÇÃO	Suellen, feminino, 20 anos, auxiliar administrativo.
	DESCRIÇÃO	Pensa no lazer ali a partir da vista da natureza. Por esse motivo, ela tira a foto da árvore que tem próxima a sua casa.

Suellen, considera em sua fala a presença de elementos naturais no espaço atribuído para a prática do lazer. A relação da fotografia com respeito à palavra-chave, segundo ela, é percebida pelo fato de que há a necessidade em se ter a paisagem constituída com características naturais. Nessa informação coletada, também pensamos no caráter de que a

participante da técnica não citou ou referenciou o espaço do complexo ferroviário como uma opção de lazer até o momento. A seguir no quadro 3.1 são postas as descrições de Marisa.

Quadro 3.1 – *Photovoice*; Lazer.

LAZER		
<p>Imagem</p>  <p>Fonte: Autora, 2019.</p>	IDENTIFICAÇÃO	<p>Marisa, feminino, 53 anos, comerciante.</p>
	DESCRIÇÃO	<p>Diz ser um lugar além do caráter religioso, pois muitas pessoas vão nessa igreja nos seus tempos livres.</p>

Marisa, que é moradora da parte mais distante do bem (“vila de cinco quadras”), referenciou a igreja como um ponto que ela considera para “lazer”, em vista das visitas ao local fora dos períodos em que ocorrem as práticas religiosas. O interessante é compreender que além de entender o que se pensa sobre o bem e seu arredor que o compõe, essa descrição valoriza também outras áreas existentes no bairro, como por exemplo, essa igreja.

Mas, por outro lado, neste caso não fica aparente o reconhecimento da estação (principal motivador para a fundação do bairro) como um local para além do caráter histórico/passado. E por fim, em sequência, no quadro 3.2 são postas as descrições de Jailson.

Quadro 3.2 – Photovoice; Lazer.

LAZER		
<p>Imagem</p>  <p>Fonte: Autora, 2019.</p>	IDENTIFICAÇÃO	Jailson, masculino, 31 anos, frentista.
	DESCRIÇÃO	Tirou a foto por acreditar que a estação é uma área de lazer, pois vão várias pessoas fotografar os trens.

Por último, Jailson que é morador mais próximo do bem protegido entende o complexo como potencial ao lazer, em virtude de ter observado durante suas travessias realizadas pela estação, pessoas fotografando o local. Ele apresenta uma visão diferente; se comparada às noções percebidas de outros moradores que estão relativamente distantes do bem e que percebem, muitas vezes, o local como inseguro para tais práticas.

2.3 Mapas de Fluxos

A realização desta técnica observacional ocorreu em conjunto à prática das entrevistas que foram aplicadas no primeiro momento do trabalho em campo. A sequência dessas observações se deu em três períodos distintos, a fim de compreender os fluxos constituídos nesse bem em variados momentos do dia. Esses momentos foram: manhã, almoço e fim de tarde.

Em cada momento de observação foram levantados os fluxos da área externa, plataforma e pátio do complexo ferroviário. Em todos esses períodos foi estipulado o tempo de 10 minutos para cada área (externa, plataforma e pátio), sendo ao todo 30 minutos de observação em cada momento do dia (manhã, almoço e fim de tarde). A escolha para o agrupamento entre maior e menor fluxo foi pensado justamente para podermos analisar os maiores e os menores fluxos tendo em conta as diferentes áreas em

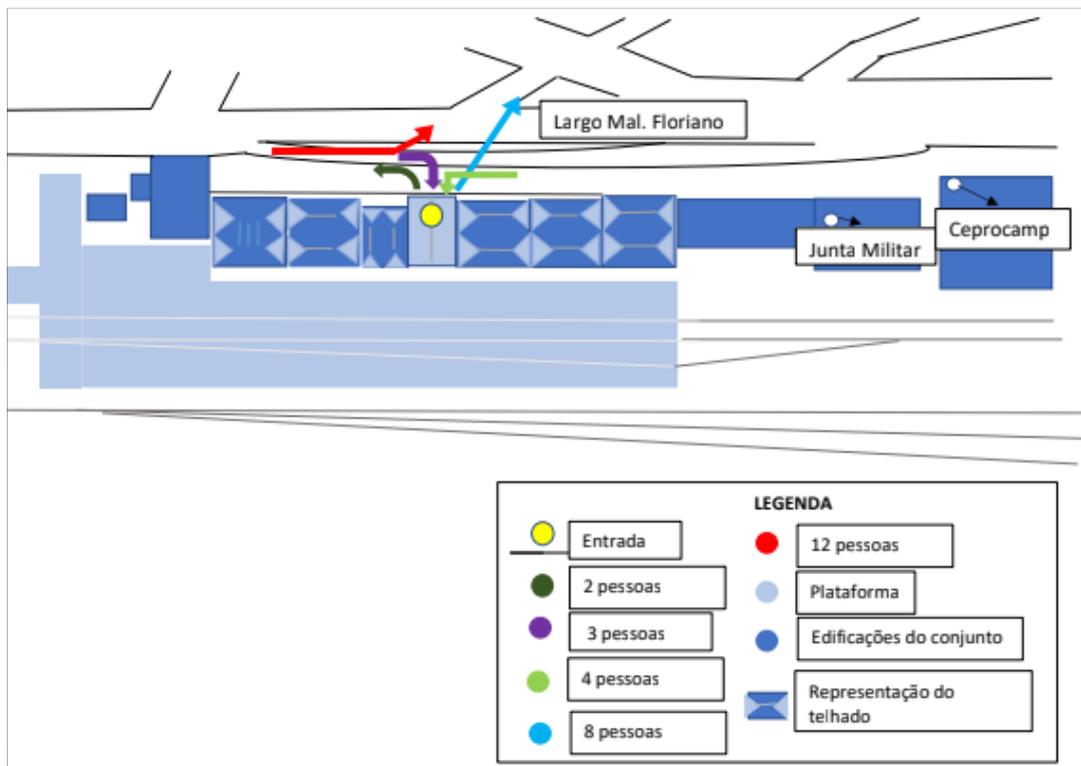
seus distintos momentos do dia.

A sistematização desses dados, assim como a das demais técnicas já descritas, foi estruturada a partir de um modelo padrão elaborado por nós. Por essa produção fica atendido aquilo esperado como resultado da metodologia - a produção de mapas de comportamento sob base da conduta das pessoas no sítio patrimonial.

Os mapas foram produzidos tendo como subsídio a planta do edifício. Por intermédio da estrutura foi possível elaborar os mapas da área externa, plataforma e do pátio. Cada mapa contém uma legenda para facilitar a visualização da quantidade de indivíduos que circularam nos espaços, bem como a direção à qual eles predominantemente seguiam conforme demonstram as “setas”. Também, com intuito de facilitar a visualização dos mapas, nas legendas de cada mapa, as cores indicam a quantidade de pessoas circulando em uma determinada direção.

Nessa parte, sequenciamos o detalhamento sobre o **maior fluxo** (definido pela quantidade de pessoas). Além da descrição numérica da quantidade de indivíduos circulantes nas áreas mapeadas, também, são apontadas as direções mais circuladas que se destacaram nas observações em seus determinados períodos observados durante o dia. Destarte, o mapa 1 dá início às apresentações dos dados sistematizados por meio da técnica observacional.

Mapa 1. Mapa de fluxo na área externa - período da manhã; 29 pessoas.

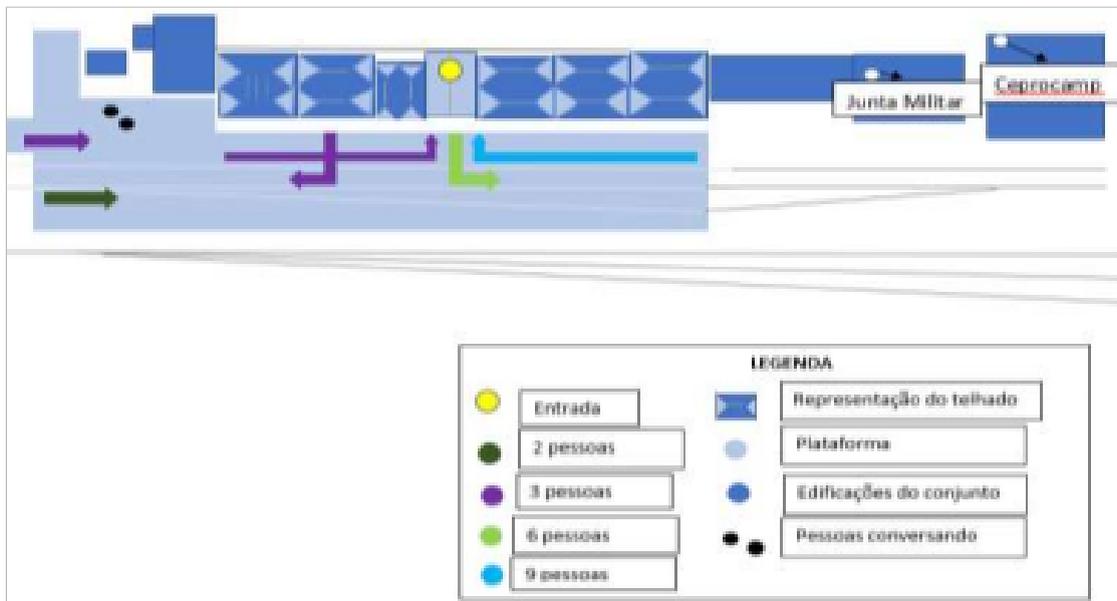


Fonte: elaboração própria, 2019

Com base no mapa 1, pode-se ver as quantidades de indivíduos circulando em determinadas direções. A seta de cor verde escuro aponta que cerca de 2 pessoas saíram da entrada da estação para a esquerda. A seta de cor roxa demarca que 3 pessoas vieram do lado esquerdo da estação para sua entrada. A de cor verde claro demonstra a vinda de 4 indivíduos do lado direito da estação para sua entrada.

Já a seta de cor azul claro ilustra a saída de 8 pessoas da estação em direção ao centro comercial. E, a seta de cor vermelha também aponta que indivíduos se direcionaram também ao centro, neste caso, apenas passaram pela calçada estes foram de 12 pessoas. Essas características de circulação possibilitam estabelecer relação com a percepção coletada por meio das entrevistas, de que o local é utilizado por muitos para passagem. Continuando, abaixo segue o mapa 1.1.

Mapa 1.1: Mapa de fluxo na plataforma - período da manhã; 20 pessoas



Fonte: elaboração própria, 2019.

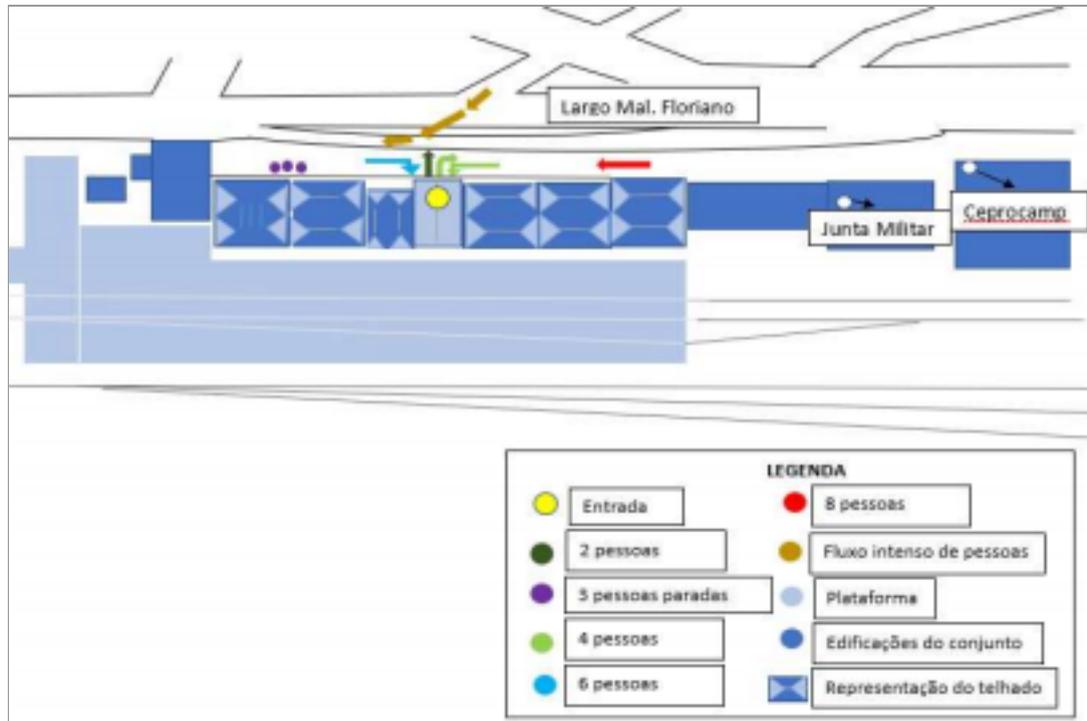
Neste segundo mapa, que se trata da plataforma da estação no período da manhã, o fluxo em geral observado foi de 20 pessoas ao todo. Sendo que a maioria dos indivíduos que circulavam na plataforma vieram do lado direito do local como indica a seta de cor azul claro (cerca de 9 pessoas). Aproximadamente, 2 pessoas se deslocaram para a direita e não permaneceram no local, assim como aponta a seta de cor verde escuro.

O mesmo ocorre com as setas de cor roxa, nas quais 3 indivíduos circularam tanto para a esquerda quanto para a direita. Poucas pessoas estavam paradas no local. Desse modo, o que se nota fortemente é o caráter de passagem atribuído ao local. Essa natureza de trajeto para passagem cada vez mais é reafirmada nos demais mapas.

Há ainda de se considerar as direções de onde os indivíduos vêm. Que caracteriza

boa parte das pessoas do bairro ao entorno do bem e que firma, assim, o que muito foi dito nas entrevistas: uso do local como travessia. O período em que foi feita a observação também afirma o que vários entrevistados apontaram, que foi: usar o trecho para ir para o trabalho/centro. Partindo disso, prossegue-se a apresentação dos dados no mapa 1.2.

Mapa 1.2: Mapa de fluxo na área externa - período do fim de tarde; 24 pessoas.



Fonte: elaboração própria, 2019.

No período do fim de tarde o que prevaleceu foi o fluxo intenso de pessoas vindo do centro para a esquerda da estação, como confirmam as setas de cor mostarda. Por meio dessas condutas, basicamente, percebeu-se que a maioria dos indivíduos circulantes ao redor do local, não estabeleceram contato direto com o bem. Ou seja, participando ou conhecendo dentre outras possibilidades de vínculos, mas ao contrário, mantiveram contato indireto pelo fato de que o veem, mas essa relação não se dá de outra maneira, mas sim, passageira.

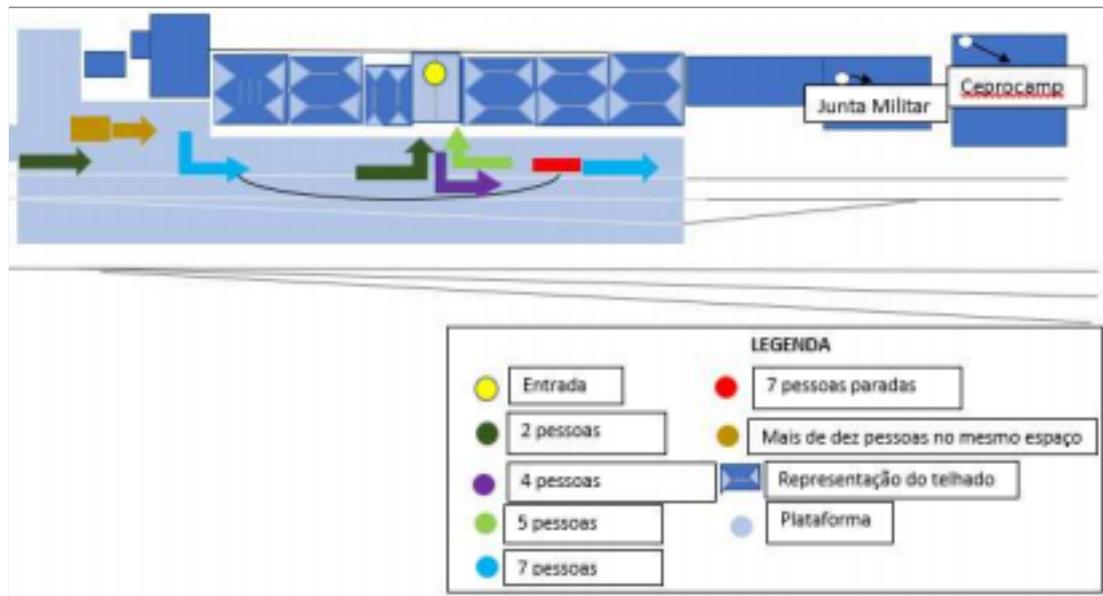
Em vista da expressividade do mapa, observa-se um tipo de comportamento espontâneo dos indivíduos, ou seja, que possui certa frequência. Ainda, explicando sobre o mapa 1.2 é destacável que a seta verde clara aponta que 4 indivíduos entraram e saíram da estação. A seta de cor azul claro, expressa a entrada de 6 pessoas no bem.

Neste mapa apareceram indivíduos parados na entrada da estação, alguns conversavam e outros não. Embora a detecção desse fato possa significar um contato distinto do que a maioria das pessoas fazem com o bem, fica visível a atribuição de

“contato” passageiro com o lugar. É certo e subentendido que a circulação intensa de pessoas em frente ao bem seja explicada pelo fato de que ele está situado no centro de Campinas, local onde muitos trabalham.

Entretanto, não focamos a nossa percepção somente a esse acontecimento frequente, mas ao fato de existir o patrimônio no centro e, ainda assim não serem visualizadas as suas potencialidades pelos indivíduos. Continuam-se as descrições sobre maiores os fluxos no mapa 1.3.

Mapa 1.3: Mapa de fluxo na plataforma - período do fim de tarde; 25 pessoas

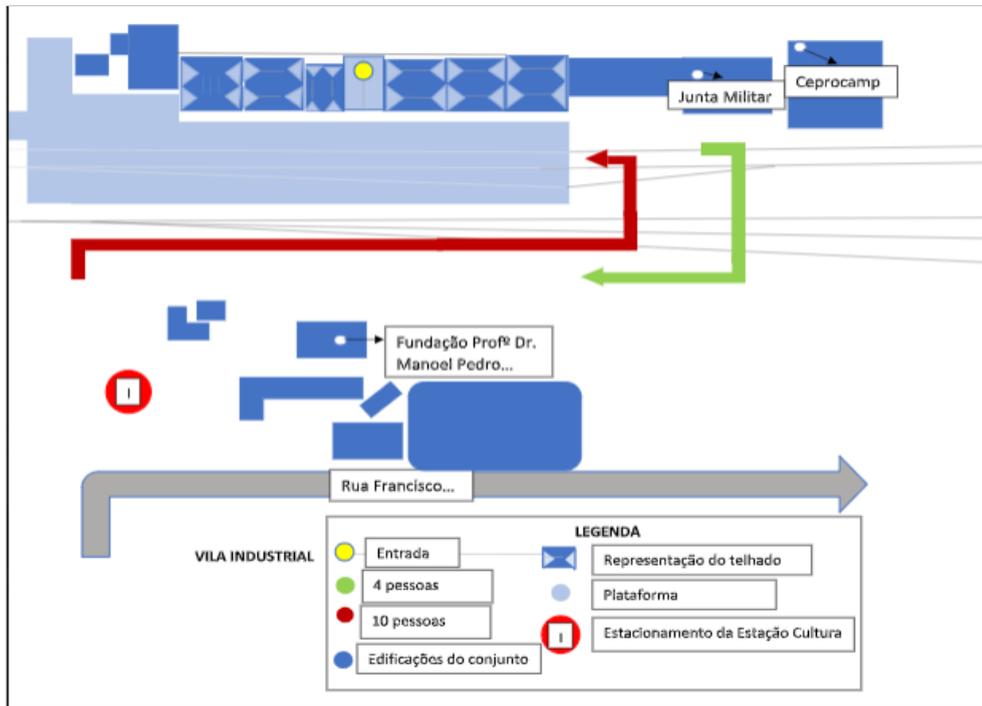


Fonte: elaboração própria, 2019.

Nesse último mapa, demarcando um fluxo maior, observado na plataforma no período do fim de tarde, percebemos a intensificação de pessoas que possivelmente utilizaram essa área como meio de retorno de trabalho. As setas de cor verde escuro, roxo e azul claro expressam tal característica. Além disso, nesse mapa, **embora o que mais apareça seja o fluxo para a passagem no local, notamos alguns indivíduos que estavam parados sentados ou conversando no local.** O que também pode ser caracterizado como um momento de descontração possibilitado pelo local.

Dando sequência à descrição sobre os fluxos e condutas notadas, estão dispostos os mapas em que foi visto um **menor fluxo**. Isto é, por quantidade de pessoas. Lembra-se que, além disso, também apontaremos a seguir as direções menos circuladas que se destacaram nas observações em seus determinados períodos aplicados durante o dia. Assim, segue o mapa 2 com a sistematização dos dados coletados.

Mapa 2: Mapa de fluxo no pátio - período da manhã; 14 pessoas.

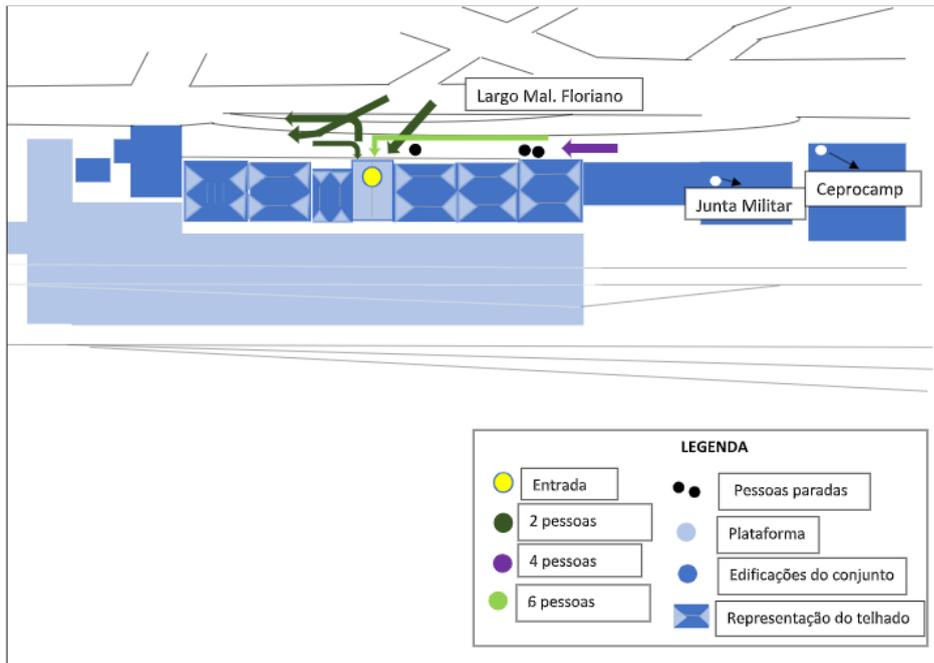


Fonte: elaboração própria, 2019.

No período da manhã em que foi aplicada a técnica observacional no pátio, percebeu-se fluxo menor que o anteriormente destacado na área externa no mesmo período. Acreditamos que seja justamente em razão do aspecto explicado sobre o fator de trabalho, o qual constitui esse cenário cotidiano de passagem. Como aparece no mapa acima a seta de cor vermelha delimita cerca de 10 pessoas que advém da Vila Industrial. Também aponta na seta verde claro aproximadamente 4 pessoas que partem, possivelmente, do centro de Campinas.

Aproveitando a disposição desses dados, infere-se que a maioria dos indivíduos circulantes no local, como exposto no mapa, seja advindo do bairro próximo ao bem. E poucos são os que circulam para o bairro. Com a imagem vista no mapa o que se percebe é a passagem direta não havendo parada em algum outro ponto do pátio. O que mais uma vez confirma a natureza de travessia posta tanto na fala quanto na conduta dos indivíduos observados. Continuamos as ponderações com o mapa 2.1.

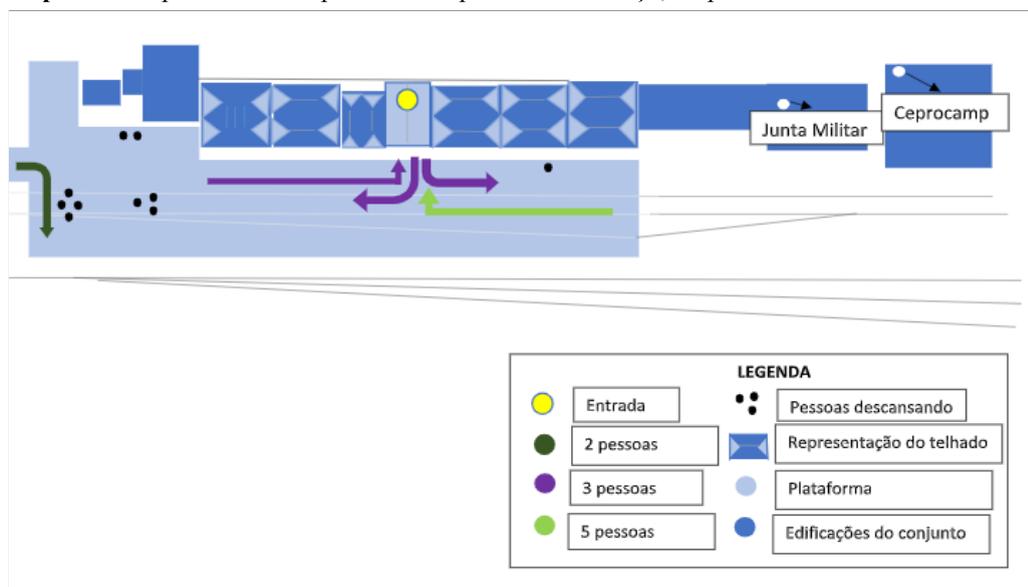
Mapa 2.1: Mapa de fluxo na área externa- período do almoço; 12 pessoas.



Fonte: elaboração própria, 2019.

Com esse mapa, percebemos um fluxo menor de indivíduos entrando na estação se comparado com o maior fluxo apontado também no mapa 1.1. As setas de cor verde escura expõem as variadas direções que cerca de 2 indivíduos circularam. Na cor verde claro 6 pessoas vieram do lado direito do bem. A seta de cor roxa aponta que aproximadamente 4 pessoas vieram da mesma direção, mas não necessariamente entraram na estação. Poucos indivíduos ficaram parados, aguardando ou conversando com outras pessoas próximas a entrada. Seguimos com o mapa 2.2.

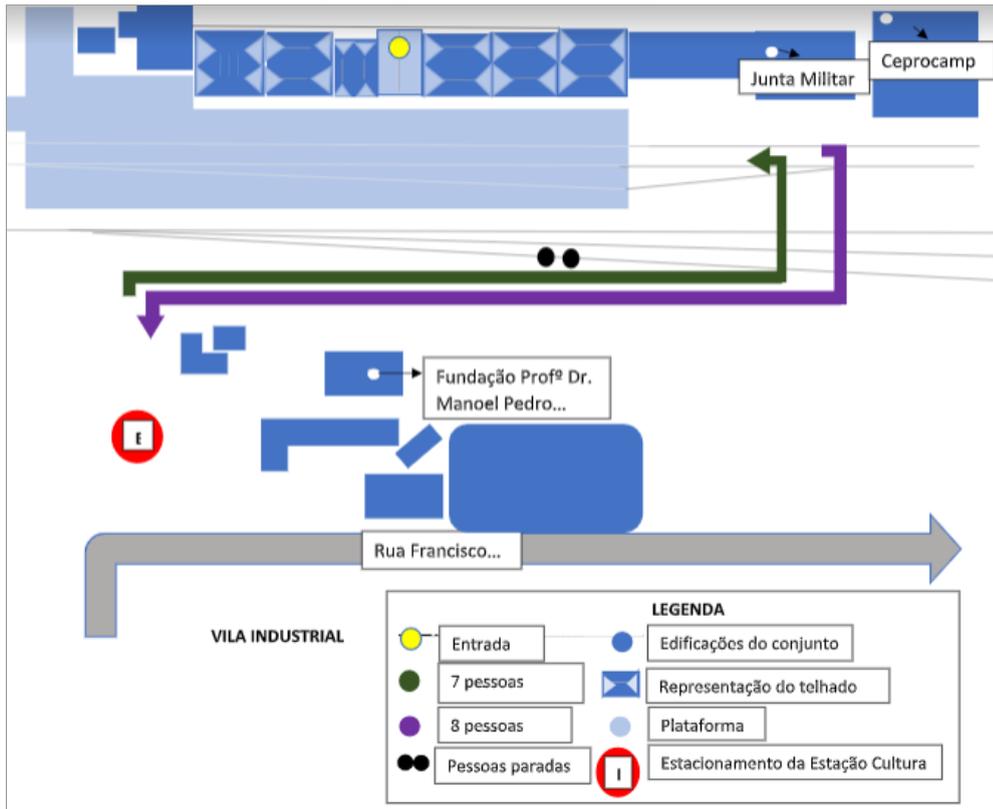
Mapa 2.2: Mapa de fluxo na plataforma - período do almoço; 10 pessoas.



Fonte: elaboração própria, 2019

Ainda são destacados os elementos mais aparentes de fluxo para a passagem dos indivíduos, como apontam as setas de cor roxa em que demarcam 3 indivíduos por seta e verde claro, em que define 5 pessoas circulando. Contudo, um novo aspecto notado nesse mapa é a aparição de alguns indivíduos utilizando o espaço para descanso e permanência, haja vista o horário em que a observação foi realizada - horário de almoço. No mapa 2.3 continuamos apresentando sobre esse período de almoço, mas no espaço do pátio.

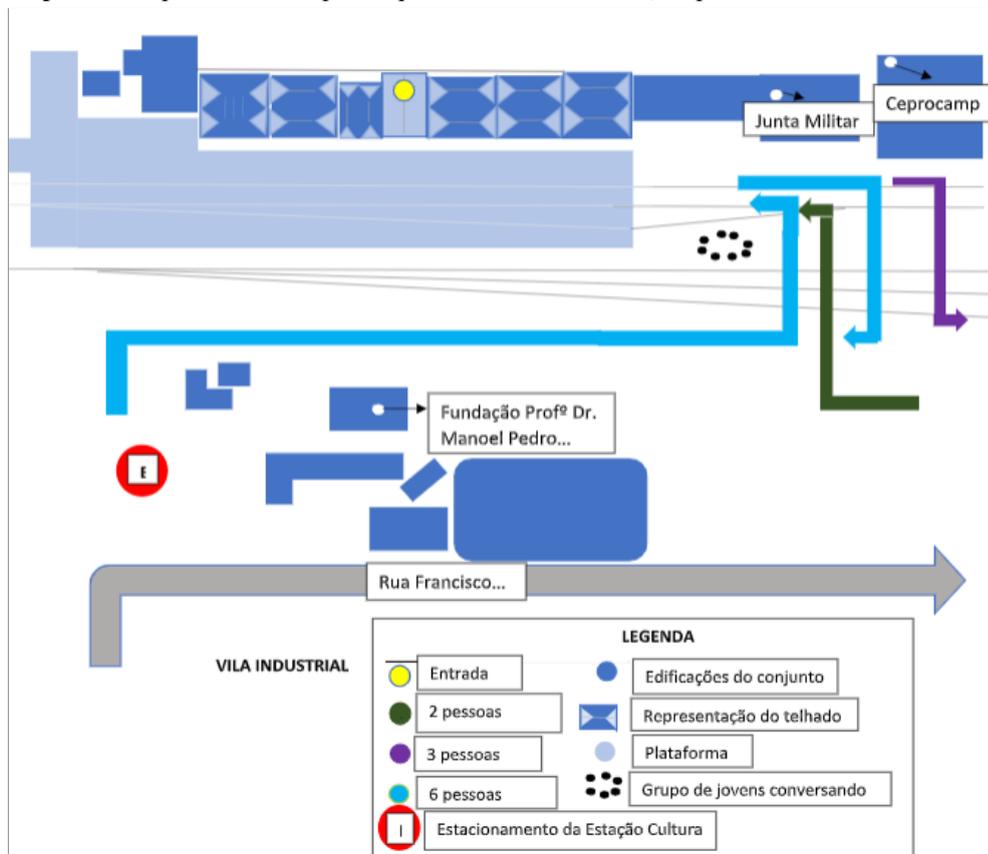
Mapa 2.3: Mapa de fluxo no pátio - período do almoço; 15 pessoas.



Fonte: elaboração própria, 2019

O fluxo também esteve menor no pátio no período do almoço. Neste mapa, outra vez, apareceram alguns indivíduos parados no espaço. Como demonstra a seta de cor roxa, 8 pessoas circularam no pátio em direção ao bairro próximo ao bem. Além disso, houve pessoas que saíram do bairro atravessando pelo pátio da estação. E, por último, há outro mapa de fluxo no pátio, no entanto, observado no fim de tarde; mapa 2.4.

Mapa 2.4: Mapa de fluxo no pátio - período do fim de tarde; 11 pessoas.



Fonte: elaboração própria, 2019.

Neste último mapa, as setas de cor azul claro indicam que 6 indivíduos circulam tanto para ir em direção à estação como passagem, quanto para ir em direção ao bairro próximo a ela. Uma outra direção notada neste mapa é colocada pela seta de cor verde escuro, que indicou a passagem de 2 indivíduos que vêm da direita do patrimônio, o que não foi percebido em outro mapa de fluxo no pátio. O mesmo ocorre com a seta roxa que aponta a saída de indivíduos que passaram pela estação, os quais rumaram para o lado direito do conjunto.

Nesse mapa, aliás, é percebida a presença de alguns jovens que estão conversando no pátio, numa área bem próxima da plataforma. Vale dizer que a detecção da presença de indivíduos para este fim pode indicar uma demanda pelo espaço para práticas de descontração. Ainda que, essas condutas sejam vistas em menor escala, quando comparadas com as demais, importa lembrar que na oportunidade de que tais ações distintas às de passagem ocorram no local, essas condutas precisam ser analisadas também.

Com tudo o que foi dito neste agrupamento, em que percebemos os menores fluxos nas diferentes áreas e períodos observados, podemos colocar algumas ponderações para que fique mais claro o que se tira como importante deste item. Dentre os espaços observados, o pátio foi o que menos teve fluxo. No período da manhã o pátio não possui tanta circulação.

A plataforma no horário do almoço possui um fluxo, relativamente, mais intenso que o pátio no período da manhã.

Tanto no momento da manhã, de almoço e no fim de tarde na área externa, no pátio e na plataforma foram percebidas algumas condutas de prática no complexo ferroviário que são diferentes da que majoritariamente se estabelece que é a de passagem. Por isso, acrescentamos que na área externa essas condutas de estar parado ou conversando com alguém foi parecida com as descritas na plataforma e no pátio.

2.4 Considerações limitadas aos resultados da coleta de dados

A disposição de dados, obtida por meio do uso da metodologia AVP com a aplicação das suas técnicas (entrevistas, *photovoices*, mapas de fluxos) traz como resultados os elementos de valor possíveis de serem capturados pelo modo oral, visual e observacional. O meio oral, permitiu abstrair opiniões e percepção, além da captura memorativa/sensitiva e de valoração possível pela prática do *photovoice*. O modo observacional retirou a conduta expressa por determinados indivíduos num espaço.

A aplicação desse método tornou hábil a captura diversa de características acerca do patrimônio. É certo dizer que o bem protegido carrega consigo seu valor de expressão social (ARANTES, 1984; MAGNANI, 2007; OLIVEIRA, 2010), embora seja, em sua maioria, protegido pelo seu caráter de excepcionalidade física e não imaterial.

Claramente, o AVP apareceu oportunizando reconhecer o fator social como muito relevante não apenas para discursos relacionados aos bens protegidos, mas também, para seu aproveitamento nas ações atingindo o espaço resguardado. Utilizou-se desse método para mostrar a capacidade de aproveitamento das várias características (opinião, valoração e comportamento) capturadas por meio dessa metodologia patrimonial. .

Para o primeiro objetivo “A”, as técnicas de entrevista semiestruturada, *photovoice* e observacional foram aplicadas. Relembramos que por esse objetivo foi tencionado retirar da coleta, o comportamento e a opinião de membros da comunidade sobre os edifícios ferroviários protegidos, áreas abandonadas ou reutilizadas dentro do sítio patrimonial, de modo a determinar os usos formais reconhecidos ou alguma relação identitária com o local. O uso dessas três técnicas permitiu a captura sistemática de tais elementos.

Os usos formais foram listados como resultado de uma busca em forma de inventário sobre a área protegida. Eles estão apontados nas descrições introdutórias do estudo. Esses dados formais também foram, aliás, contrastados pelas informações dispostas das coletas. Isso permitiu a nós equiparar aquilo apontado como atribuição formal do espaço e aquilo

enxergado como real uso pela comunidade. Isto é, atribuições de utilização informal capturadas dos indivíduos do entorno.

As relações identitárias propostas nesse objetivo, como conteúdo de compreensão sobre o espaço, aparece no sentido da abordagem valorativa aplicada pela metodologia já elucidada nos parágrafos acima. Como foi visto na descrição dos dados, obtêm-se bastante informações de relevância perceptiva, cuja parte também insere a noção identitária ou não com a área protegida. À guisa disso, é cabível dizermos que essas técnicas aplicadas na primeira parte de trabalho forneceram aparato bastante interessante de interpretação e reflexão sobre o tema.

Por base dessas coletas e das potencialidades de análise permitidas em vista da aplicação da metodologia AVP, os demais objetivos deste estudo (B, C e D) são complementados. Vejamos. No objetivo “B”, cuja proposta foi verificar, se o lazer é item presente nos usos formais, informais ou na opinião da população; as análises puderam, igualmente, ser fundamentadas nas coletas de dados formais (inventário), informais (entrevistas, mapas de fluxos, *photovoices*). Inclusive, é preciso dizer que nesse propósito das entrevistas, as informações relacionadas à segunda coleta estão à luz desse sentido de interpretação.

No propósito “C” de investigação, a ideia foi verificar usos referenciados ao âmbito lúdico ou não pelos indivíduos. Novamente, para essa parte de análise pudemos abstrair das coletas as indicações para o lazer como também à outras áreas de uso. As buscas de informações estiveram pautadas nos três prismas do método (opinião - entrevista, memorativo/sensitivo - *photovoice* e observacional da conduta - mapa de fluxo). Todos estes aspectos permitiram averiguar a presença lúdica e/ou outras formas de uso referenciadas nos dados.

Por último, pontua-se que a metodologia também atendeu ao interesse do objetivo “D”, uma vez que se conhece do seu sentido conclusivo a respeito daquilo já apresentado como dado antes. Especificamente, queremos dizer da capacidade de fechar o estudo por meio do aproveitamento do que foi levantado como informação pela segunda coleta.

Este estudo pôde capturar desde elementos mais genéricos de percepção; até os mais pontuais atingindo os interesses acerca dos usos e avaliação da existência de uma gestão participativa concernente à comunidade do entorno ao bem protegido. Cabe a ressalva de que as estruturas de coleta constam no item: "Apêndices".

Portanto, conjuntamente as aplicações das técnicas desse método trazem resultados interessantes, os quais são devidamente detalhados no próximo tópico (3. Análise dos dados).

Recapitulamos, como finalização desse raciocínio que foram explicadas na 1ª parte de coleta entrevistas, *photovoice* e mapas - complementares ao escopo de levantamento de percepção dos indivíduos.

A segunda coleta, esteve fundamentada na técnica de entrevista. A respeito dela, cabe destacar que as disposições permaneceram dentro daquilo esperado de uma técnica que extrai opinião dos grupos perguntados. Os dados deixaram expressivamente declarado que se tratou de uma coleta que incrementou informações de percepção memorativa/sensitiva, de opinião, conduta, além da característica valorativa do indivíduo acerca do espaço resguardado.

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Em relação ao comportamento e opinião da comunidade – Objetivo A

Como caráter percebido no conjunto de aplicações das entrevistas da primeira coleta são destacados os seguintes pontos: os **indivíduos não possuem informações recentes do bem** protegido; **não participam para além do uso como passagem bairro-centro e vice-versa**; as **ações do poder público contribuem para** que certas **condutas de não participação voluntária** sejam percebidas; a **proximidade** e a distância entre “vila de três quadras” e “vila de cinco quadras”, **não necessariamente implica que os moradores mais próximos** ao bem **tenham** mais conhecimento **sobre o espaço**; e, **não conhecem muito bem o conjunto como um todo**, isso considerando as áreas abandonadas e subutilizadas.

Discutindo o primeiro e segundo aspecto, recorrente na fala dos indivíduos percebemos que ele permite variadas reflexões. Por exemplo, o fato de não obterem informação devidamente repassada sobre o patrimônio que os rodeia também resulta em desinteresse por parte dos mesmos indivíduos. Eles não se sentem parte integrante do conjunto, haja vista a descompromissada abrangência dos moradores da Vila Industrial nas atividades do local.

Em segundo lugar, a não participação das pessoas para além do uso como passagem centro-bairro e vice-versa é o ponto que esse item toca. Foi observado nas entrevistas realizadas complementaridade sobre as ponderações feitas a pouco. Pensando nisso, chegou-se a uma listagem de ideias de utilização que, eventualmente, serviriam de base para processos interventivos para o local.

Por essas indicações listadas é expressado o fator do não aproveitamento do potencial do patrimônio. Nesse sentido, vemos pelos resultados que condutas de gestão que não observem as potencialidades participativas dos indivíduos em seu redor contribuem para uma postura desinteressada por parte desses mesmos cidadãos.

Considerar as indicações dadas por aqueles que são atingidos pela presença do espaço protegido em seu entorno, o tornaria mais atraente para quem o utiliza como travessia. Seria interessante destacar que um dos elementos explicitados nas entrevistas, que também justifica a não participação dos indivíduos, corresponde ao fato de eles não acharem no local outros aspectos que atraiam seus interesses para o visitar, indo além das características históricas.

Outro ponto que chama a atenção, está atrelado à distância que os indivíduos moram do bem e, se essa distância interferiria no aspecto de conhecimento a respeito dele. Como se percebeu, não necessariamente quem mora próximo ao espaço protegido tem

informações acerca dele, do mesmo modo, isso vale àqueles residentes longínquos da área resguardada.

Tanto as pessoas que moram próximas como as que estão distantes do bem, de uma maneira geral, não possuem informações mais recentes à mesma medida que outras pessoas que circulam no entorno ao bem, por exemplo, em direção ao centro. Citamos o exemplo da faixa de informações a respeito de eventos que é direcionada ao lado central e não tem outra faixa que também esteja posta para o bairro Vila Industrial.

Assim, foi percebido que a proximidade e a distância entre “vila de três quadras” e “vila de cinco quadras”, não necessariamente implica que os moradores mais próximos ao bem tenham mais conhecimento sobre o espaço. O quarto ponto, concernente às características detectadas nas entrevistas, de modo geral, demarcou que as ações do poder público contribuem para que certas condutas de não participação voluntária sejam percebidas. Esse aspecto se relaciona com o fato de não participação já exposto anteriormente.

Tal afirmação é explicada mediante as observações extraídas pelas respostas das entrevistas. Os moradores expõem a divergência percebida quanto às iniciativas tomadas pelo poder público no espaço do conjunto. Caso análogo para descrever essa divergência, nitidamente é o fato do fechamento do túnel que a população utilizava para a travessia bairro-centro e vice-versa.

Não se quer dizer, com isso, que antes do túnel ser fechado o local era bastante visitado, mas sim, que o resultado do fechamento dele reverberou, também, na conduta distante dos moradores no que respeita tanto ao usufruto das atividades no bem patrimonial, como a sua percepção sobre o mesmo espaço.

Se antes haveria alguma perspectiva diferenciada para a visita ao local, agora o que se notou foi a sensação de “obrigação”, aliada ao sentimento de insegurança em se usar o espaço como travessia. Nesse sentido, é evidente que ao espaço sempre fora atribuído caráter de passagem. No entanto, ao retirar a passagem física, comumente utilizada outrora, isso contribuiu para reforçar uma nova conduta: de indiferença quanto aos aspectos de importância para esse local.

Um último elemento detectado foi o não reconhecimento total ou parcial do conjunto ferroviário, considerando as áreas abandonadas e subutilizadas. Vale apontar que esse aspecto tem relação com a suspeita de que a distância poderia implicar numa distinção de percepção entre os moradores. Pensava-se que esse fator da distância do bem protegido, refletiria num conhecimento mais aparente entre aqueles residentes mais próximos do que outros mais distantes. Em contrapartida, identificou-se que tanto quem reside perto quanto

longe, têm poucas informações e baixo conhecimento das áreas abandonadas/subutilizadas do complexo.

Todos os elementos destacados como aparentes nos resultados podem ser, ainda, aproveitados pelo viés de referência cultural trabalhada por Fonseca (2003). A autora elenca que o processo de proteção dos bens culturais foi sendo alterado e discutido por especialistas desde 1937 buscando reorientar os critérios e normativas para considerar protegido em legitimidade o patrimônio.

Com a existência dessas defesas em também pensar o patrimônio como elemento de referência cultural para o local em que se preserva, fica visível que além da atribuição de importância histórica, aqui já argumentada em tópicos anteriores, há o caráter memorativo/sensitivo do bem em que se resguarda. O seu sentido aos residentes e aos que estão ao redor do patrimônio.

Essa visão sobre a referência cultural que o patrimônio também confere aos moradores de um determinado lugar é melhor descrita pela autora quando ela aponta:

Falar em referências culturais nesse caso significa, pois, dirigir o olhar para representações que configuram uma “identidade” da região para seus residentes, e que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos “fazeres” e “saberes”, às crenças, hábitos, etc. (FONSECA, 2003, p. 87).

Com base nisso e utilizando as informações coletadas na pesquisa vemos **a inconstância dos moradores nos âmbitos de memória, participação e interesse**. Isso não desmerece o bem estudado, mas constata e contrapõe o que, genericamente, é proposto quando se pensa em patrimônio e sua relação com a comunidade.

Da coleta com *photovoices*, percebemos, em geral, que os indivíduos **não possuem lembranças diretamente relacionadas ao bem patrimonial**, algumas das **lembranças são relativamente recentes**, demarcando o aspecto já abordado de interesse nas percepções presentes dos indivíduos. A segunda característica concerne às relações percebidas nas descrições sobre ferrovia. Sendo assim, **havia indivíduos, como já era esperado, que correlacionaram os elementos passados com a ferrovia**.

Esse fato possibilita refletir acerca da projeção explicitada sobre o patrimônio, uma vez que se observa o caráter de reconhecimento e memorial dos indivíduos quando é pensado em patrimônio. Como detalha Cordeiro (2011), o patrimônio tem caráter de importância, geralmente, em seu sentido memorativo. Tanto é que uns dos motivos pelos quais se preserva algum local/objeto se deve a sua capacidade de atribuir memória aos indivíduos e/ou sociedades.

Em modo análogo, além de Cordeiro (2011), Arantes (1984) explora em sua obra o caráter memorativo de um bem protegido (Capela de São Miguel Paulista). É aproveitada toda a caracterização memorativa dos cidadãos em favor de uma nova utilização ao patrimônio. Arantes (1984), direcionou em seu texto a presença de elementos de memória dos moradores de São Miguel Paulista acerca do seu patrimônio.

O que se percebeu nessa coleta de dados instiga-nos a observar uma controvérsia sobre disposições genéricas sobre esse conhecimento e memória dos indivíduos sobre o espaço protegido. Percebeu-se do trabalho de Caliskevstz (2012) que houve enfoque nas memórias em seu direcionamento passado para coleta com indivíduos. A parte descritiva considerou a relação dessa memória com o espaço ferroviário. O desígnio passado da memória foi preconizado, caracterizando uma abordagem tradicional como aportado nas considerações acerca das leituras.

Apesar do método: “memória social” ter sido ligado ao grupo ferroviário, a relação dessa memória com o lugar aparece nas descrições do texto dizendo haver importância para a comunidade geral, uma vez que por esse estudo foi pretendido apontar o papel do ferroviário na memória coletiva paranaense. Diz-se sobre memória ferroviária ser parte de uma memória coletiva, sem abarcar outros indivíduos, somente aquele grupo específico ferroviário na coleta.

Em Santos (2013) é apurado o sentido histórico do bairro Vila Industrial, sem caracterização e/ou inserir opiniões dos residentes daquele bairro. Em um trecho de consideração o autor descreve que pelo número considerável de tombamentos aquele local e a área protegida “[...] indica uma tendência política de preservação da memória trabalhadora ferroviária e industrial” (SANTOS, 2013, p. 136).

Entretanto, que memória/conhecimento? Quais indivíduos participaram e puderam contar essa memória e/ou conhecimento? No trabalho foi notório o tratamento sobre os itens de historicidade do bairro e não foi inserida na metodologia a comunidade do bairro Vila Industrial para se dizer de um reconhecimento desses indivíduos sobre espaços protegidos da área.

Aliás, incluído ao assunto, rapidamente, dizemos, em acordo a Corral (2013) que é inviável adotar de modo generalizado a noção acerca da proteção legal como um item suficiente para de fato existir a preservação num local. Inclusive, como preservação da memória e conhecimento sobre ele.

Notamos que há uma veiculação da ideia da memória dos indivíduos sobre o patrimônio apontando um conhecimento deles sobre os espaços. O fragmento subsequente ampara nosso comentário:

A memória coletiva que se constitui a partir da estrada de ferro, apresenta diferentes vieses, de acordo com os testemunhos diferenciados vividos pelos sujeitos que experienciaram sua constituição. [...] **Apesar de integrar a memória coletiva regional**, a EFB ao longo do tempo, teve sua existência material dilapidada (QUARESMA; MAIA 2019, p. 72, grifo nosso).

Foi percebida a lacuna do ponto de vista comunitário com respeito ao patrimônio. Esse contexto de análise esteve inaparente dando lugar aos métodos de historicidade para “comprovar” a característica memorativa. O conteúdo foi amparado por instrumentos materiais compreendidos pela área histórica superimportantes para a composição de uma memória coletiva.

Por isso, fica a reflexão: como poderia haver uma relação de que existe a memória coletiva ou conhecimento coletivo atinente ao espaço estudado se o método não incorporou o coletivo ou grupos? Para descrever a que nos referimos segue o trecho sobre o método usado pelo autor.

Para a construção deste trabalho, utilizou-se as fontes ditas oficiais, como os relatórios e falas produzidos por Augusto Montenegro durante suas duas gestões, assim como outros documentos adjacentes que mostram o desenrolar oficial da história da EFB até a documentação utilizada na implementação das políticas de uso atual do que é remanescente da ferrovia, e o peso de sua memória para a sociedade local (QUARESMA; MAIA, 2019, p. 64).

Sumariamente, descreveu que a ferrovia representa parte da memória coletiva, ou seja, que essa história descrita e/ou conhecida é por meio dos cidadãos, contudo não expõe claramente a forma com que essa percepção foi estabelecida. Dessa maneira, ficou evidente, que o artigo não compreendeu a perspectiva comunitária, tampouco expôs o viés abordado pela metodologia AVP utilizada neste trabalho.

Mota (2007) direcionou o texto para o aspecto de construção histórica da cidade de São Paulo, todavia não utilizou/apresentou a mesma perspectiva do nosso trabalho. Rapidamente, a exemplo disso:

O presente trabalho, a partir de um recorte na história da cidade de São Paulo no período de 1870 a 1930, discorre sobre os fatores vários e intervenientes que alicerçaram e contribuíram para o emergente perfil cosmopolita e dinâmico da capital paulista na época” (MOTA, 2007, p. 12).

No texto foram notados elementos de historicidade (por exemplo, a pesquisa documental) para delimitar períodos de tempo na expansão da cidade de São Paulo. Até se citou que os caracteres ferroviários/industriais foram importantes para as pessoas, entretanto

na metodologia não foi utilizada alguma técnica que aproveitasse essa percepção direta com o cidadão. Quer dizer, apontou-se um reconhecimento da importância e noção cidadã sobre o assunto ferroviário na cidade de São Paulo, contudo, não ficou aparente técnica que inserisse esse ponto de vista de conhecimento do patrimônio.

Para o caso detectado em Xavier e Constantino (2017), pertence dizer da metodologia descrita pelos autores para os seguintes apontamentos. Veja:

A metodologia utilizada nessa pesquisa divide-se em duas etapas, sendo primeiramente um levantamento e análise bibliográfica dos conceitos de patrimônio e patrimônio ferroviário, seguido por pesquisa de campo junto aos órgãos públicos responsáveis de Mogi Mirim, buscando levantar subsídios para a discussão do atual destino dado ao patrimônio (XAVIER; CONSTANTINO, 2017, p. 145).

Por isso, não houve inserção metodológica participativa de entrevistas, levantamento de opinião ou depoimentos de pessoas sobre o patrimônio para que o tema fosse incrementado. Retiramos que havia trechos apontando a possível relação de pouca “consciência” (p. 154) dos indivíduos sobre o item de estudo daquele trabalho, contudo o método que se propôs não inseriu a comunidade no processo de reestruturação para o uso do bem protegido.

Mesmo assim, aquela relação de pouca consciência a respeito da importância (que atinge uma memória sobre o espaço) foi dita. Outrossim, no trabalho de D'Agostini e Abascal (2017) elas apresentam a ideia de que a inserção da prática do turismo nos patrimônios ferroviários seria um resguardo da “[...] memória e valores vinculados a história da ferrovia e do patrimônio que a cerca” (p.2). Entretanto, novamente, não apareceu uma participação ou indício de inserção de coletas que averiguasse essa disposição permitida pela prática turística no espaço ferroviário.

Rapidamente, em analogia a isso, foi dito em um dos fragmentos do texto que pelo implemento museológico ferroviário, cujo lugar configura um ponto turístico de Curitiba, proporcionou-se o “fortalecimento da memória e resgate do patrimônio” (D'AGOSTINI; ABASCAL, 2017, p. 6). Além do mais, descreveu-se que houve a preservação da memória e integração da população por meio do acesso ao shopping center colocado na antiga gare da área ferroviária.

Apareceu que a nomeação desse shopping center incluiu o nome da Estação e isso congrega a correlação de uma "preservação da memória e integração da população". Cabe novamente a reflexão: Será que houve preservação de fato tão somente pela ordenação do espaço e reutilização? Onde foram aportados os sujeitos como conferência e apuração dessa

memória sobre o espaço? Com base em qual técnica se verificou a integração dos sujeitos na área do patrimônio?

Dessa oportunidade, comenta-se para esse caso e os demais que não é de nosso interesse, pois, colocar em crítica os sentidos mencionados, de que a memória de uma comunidade pode estar atrelada ao bem protegido, mas sim, a noção aparente acerca da memória do patrimônio para com os indivíduos sem identificação prévia, isto é, apuração metódica para isso. Para tanto, vale dizer do que foi apontado como intuito de pesquisa para aquele texto:

analisar algumas das ferrovias brasileiras que sofreram algum tipo de implemento turístico, avaliando as políticas de âmbito urbano-regional adotadas e as possibilidades de desenvolvimento proporcionadas por meio de um plano nesses níveis, com ênfase na manutenção e preservação do patrimônio ferroviário, articuladas ao desenvolvimento de atividades turísticas (D'AGOSTINI; ABASCAL, 2017, p. 1)

Viu-se que o caráter de pesquisa esteve direcionado aos dados no âmbito de gestão, os quais nitidamente desconsideravam os indivíduos bem como suas percepções. Todavia, esse contexto de análise também não foi designado no trabalho, pois, conseqüentemente demandaria incremento no procedimento metodológico para realização de uma pesquisa que avaliasse tanto o ponto de vista de gestão quanto de outrem.

A não exaurir aquilo dantes já descrito no item de leituras realizadas, salienta-se que apenas foram dispostos alguns casos de maneira que fosse contrastada essa nossa análise com outras feitas sobre o tema do patrimônio. Por certo, aclaramos que não se pretendeu por essas ponderações desconsiderar os efeitos do estudo na área direcionada de cada trabalho citado.

Entretanto, foi preciso apontar pelos textos a ideia semelhantemente vista entre eles de haver descrições “pré-dispostas” sobre o patrimônio. Como se disse, elas apareceram carecendo de uma inserção devida no procedimento metodológico, como se explicou no tópico 1.3 de conclusões limitada à análise do bibliográfico.

Diferentemente, o resultado obtido em nossa pesquisa é que **não há tantas referências ao bem protegido ou os vínculos de memória são com outros locais e/ou edificações – conseqüentemente o envolvimento com a preservação fica deslocado para este outro bem**. Todas descrições e detalhamentos pertinentes a respeito da aplicação metódica foram apreciados por este estudo.

A partir disso, podemos diferenciar o resultante acerca do sentido memorial do patrimônio tratado em nossa pesquisa, uma vez que fora notado que **os indivíduos não possuem, de modo genérico, memória sobre o patrimônio ferroviário reconhecido** (a

estação ferroviária da Companhia Paulista como referência arquitetônica e econômica para a cidade de Campinas).

Apesar dessa constatação, alguns correlacionam aspectos de vivência mais recente, no entanto, ainda assim não se esquecem, como um todo, da relação passada que a ferrovia possui com determinado local fotografado. Isto é, considera outros elementos que atualmente possuem significados diferenciados, contudo, remetem vínculo com o complexo ferroviário na constituição de seu significado histórico.

Quanto às percepções descritas sobre o lazer nas fotografias, o que mais se notou foi a declaração dos moradores sobre ausência de locais de lazer no bairro. A terceira questão considera que nas percepções, inclusive, não foram fotografados locais próximos ao bem tratado. Essa característica conduz à ideia de que o bem patrimonial discutido aqui nesse trabalho não é percebido no local mais distante (vila de cinco quadras) como uma área de lazer em que os indivíduos participam frequentemente.

Mas, por outro lado, percebemos que além do bem patrimonial apareceram outros edifícios que as pessoas fotografaram, denotando uma valoração sobre outras estruturas do bairro. E que, portanto, também estabelecem relação com o complexo ferroviário, uma vez que esse bairro fora edificado considerando esse vínculo.

Com respeito às ponderações sobre os mapas em que se capturou maior e menor fluxo, considera-se primeiramente, que os períodos nos quais se percebeu maior fluxo de indivíduos foi na área externa da estação no horário da manhã e fim de tarde. Os **maiores fluxos demarcam a perspectiva já descrita sobre a não participação das pessoas com outro sentido que exceda a característica de passagem observada em todos os mapas.**

Em segundo lugar, os menores fluxos foram percebidos no pátio no período do fim de tarde. **Entretanto, no período do fim de tarde alguns jovens estão na área próxima à plataforma conversando.** Ainda que seja uma conduta pouco expressa pela maioria dos indivíduos que possuem alguma relação com o bem, é interessante apontar que **esses tipos de iniciativas (espaço de vivência) possam dar início a maior intensificação de práticas distintas aquelas de usá-lo tão somente como via de passagem** para o centro de Campinas.

Pode-se dizer, sobre os mapas, que **mesmo existindo o aspecto marcante do fluxo para a passagem no local, foram percebidos alguns indivíduos parados, sentados ou conversando no local.** O que também pode ser caracterizado como um momento de descontração existente no local.

Considerando essa coleta geral realizada na primeira parte da pesquisa, é possível

dizer que detectamos controvérsias remetendo as condutas e expressividade de memória/participação dos indivíduos como um todo sobre o patrimônio. Reforça-se que depois de equiparados, esses dados permitiram compreender - como já falado - que caracterizações “pré-dispostas” atingindo ao espaço protegido nem sempre aparecem concordando com a realidade experienciada no cotidiano.

Nomeando-as, no conjunto do trabalho e nas leituras apontadas durante os meses de pesquisa foram vistas “pré-disposições”, atinentes ao convívio de indivíduos para com o patrimônio, as quais acabaram de ser contrapostas. Elas remetem ao caráter memorativo: comunidade teria memória do bem; percepção: comunidade teria conhecimento de informações recentes acerca do bem e, conduta: comunidade participaria e usaria consideravelmente o patrimônio.

3. 2 Em relação ao lazer: usos e opiniões – Objetivos B e C

A segunda coleta esteve baseada num levantamento mais direcionado a compreender o interesse dos indivíduos pelos tipos de usos e reusos para a área ferroviária. De partida, são descritos alguns pontos interessantes sobre as informações coletadas na segunda parte do trabalho. Primeiramente, é importante dizer da relação entre os objetivos “B e C”. Por isso, a interpretação aqui expressada atua de modo conjunto, vide a conexão deles e os dados levantados. Explicamos: no objetivo “B”, a proposta é averiguar se o lazer é item presente nos usos formais, informais ou na opinião da população com respeito ao mesmo sítio patrimonial.

No objetivo “C”, pretendeu-se, confrontar - com base nos dados coletados nos objetivos anteriores - os diferentes tipos de usos (formais, informais) e opiniões declaradas, a fim de verificar quais usos (incluindo o lazer) são mais praticados por esta comunidade do entorno. Por esses objetivos, conseguimos averiguar com a comunidade a sua opinião sobre os usos indicados pelos indivíduos do bairro noutra coleta; além de ter abertura nos objetivos para levantar novas sugestões de utilização/reutilização na área protegida, a fim de obter um novo panorama de usos para o local.

O primeiro dos aspectos que percebemos com esses dados obtidos (segunda coleta: comunidade é que, de modo geral, **os indivíduos (comunidade) têm uma receptividade razoável dos usos indicados pelos moradores do bairro Vila Industrial**. Essa característica foi capturada considerando a baixa quantidade de outras sugestões para uso, dadas por esses grupos para o conjunto ferroviário.

A maioria respondente assinalou mais de uma alternativa de uso. Por essa razão também consideramos que houve uma aceitabilidade mediana das sugestões sistematizadas

naquela estrutura base mostrada no item: Apêndices. O gráfico 01 ilustra a porcentagem de respostas dos indivíduos para cada área de uso. Para esse gráfico, o item “outros” não considerou o conteúdo das respostas, mas apenas a quantidade de respostas para cada item.

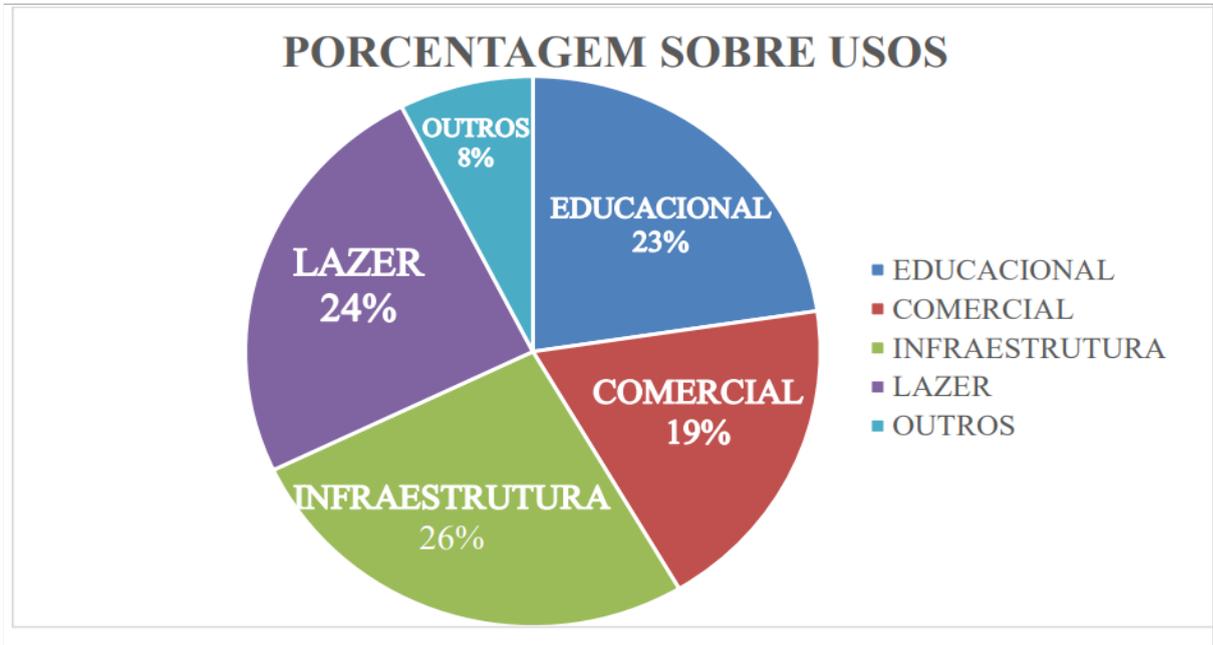


Gráfico 01: Porcentagem sobre usos no Conjunto Ferroviário da Estação de Campinas. **Fonte:** elaboração própria, 2020.

Viu-se a sistematização do percentual da quantidade de respostas para cada alternativa. Por exemplo, o item infraestrutura teve maior número de respostas assinaladas, com 26% das respostas contabilizadas pelo questionário. O lazer com 24%, educacional com 23%, comercial com 19% e outros com 8% das respostas. Esse gráfico foi elaborado para que se possa contrastar, agora, alguns pontos observados com respeito ao conteúdo das respostas.

Distingue-se, nesse momento, que embora a ordem do gráfico tenha sido representada pela quantidade de respostas por cada alternativa, na percepção dos indivíduos acerca dos usos e suas relações, a ordem é outra. Veja. Para a alternativa “outros” as respostas foram: centro de natação, centro de informações turísticas, exposições ferroviárias e exposições históricas.

As respostas contidas no item “outros” se encaixam como tipos de sugestões de uso no lazer e cria uma outra área de referência: a Cultural. Os relatos delineados são melhor definidos pela nova colocação, em que considera a opinião dos indivíduos como um todo e seu conteúdo de resposta. Isto é, as áreas (Lazer, Infraestrutura, Educacional, Comercial, Cultural) e seus exemplos de uso para cada área, aparecem respeitando a percepção dos indivíduos do que seria e integraria esses campos.

Especificamente, a respeito disso descrevemos como a ordem de respostas fica no sentido que insere a percepção/opinião dos grupos dessa nova coleta aos usos indicados anteriormente. Em primeiro lugar, ao campo “Lazer” é incluída a sugestão de uso para um centro de natação e centro de informação turística. Em segundo, a área “Cultural” substitui o item “outros”, para essa compilação geral das respostas da comunidade.

Os perfis possibilitaram ponderar sobre as alternativas assinaladas. Avista-se isso em respostas e informações complementares às questões principais do grupo – mostradas nos modelos de coleta dispostos nos apêndices. Por isso, notamos que o lazer foi assinalado de maneira mais intensificada por perfis de mais idade, exemplarmente, acima de 40 (quarenta) anos. Sob esse mesmo sentido, observou-se que perfis mais jovens assinalaram como sugestão de uso o setor comercial. Considerando as respostas, o **lazer aparece como forte anseio de uso pelas pessoas questionadas.**

A área de infraestrutura também aparece em seguida como forte indicação de uso ao conjunto ferroviário. A nomeação referente a infraestrutura combina as decorrências atuais como a sugestão, “passagem viária” e, as do passado, “trem de passageiros”. Pelo conteúdo das respostas para essa alternativa de uso (infraestrutura) os indícios memorativos e os contemporâneos, em conjunto, aparecem e são percebidos como forma de aliar os sentidos mais atuais aos simbólicos relacionados à história da área ferroviária

Por último, é indispensável dizer que **ainda existem pessoas que não tem conhecimento acerca das atividades empenhadas na estação, pois indicaram usos que já existem (exposição ferroviária, por exemplo).** Isso aponta a defasagem comunicativa indicada noutros relatos a respeito do conhecimento dos moradores em relação ao espaço e atividades desenvolvidas nele.

3.3 Em relação a gestão do espaço – Objetivo D

A caminho do fechamento das noções interpretativas possíveis de serem descritas neste tópico, esse item está amparado nos dados de opinião capturados pelos objetivos anteriores. Isso quer dizer que somente por meio da segunda coleta de opinião com a comunidade foi permitida a análise com o grupo gestor. As informações abrangeram as iniciativas dirigidas à comunidade residente do entorno e a viabilidade de reuso identificadas junto a esses indivíduos. Essa coleta reuniu um segundo contingente de dados - mais específico acerca dos usos indicados na primeira parte levantada.

Particularmente, o objetivo “D” teve a intenção de verificar junto aos gestores do espaço ferroviário (principalmente da Secretaria de Cultura) quais iniciativas são dirigidas à

comunidade residente do entorno e a viabilidade de reuso ao complexo ferroviário identificadas junto a essa mesma comunidade. Nesse objetivo os dados coletados pelos anteriores fecham de maneira harmônica e complementam a análise do trabalho. Por conseguinte, a interpretação também pôde ser disposta de maneira interligada considerando essa característica argumentada.

Ilustrada no tópico 2 a estrutura de coleta com gestores pode ser entendida como uma possibilidade de interpretar à luz das 3 (três) sessões de perguntas. Cada seção conteve, minimamente, perguntas que atingiram ao grupo da comunidade do entorno, uma vez que as questões foram postas para compreender as práticas direcionadas a esses indivíduos do entorno do patrimônio estudado.

De início, salientamos que, **de modo geral, no conjunto de sessões da estrutura aplicada esteve carente o gerenciamento mais pontual para incorporar esses grupos nas atividades e projetos, eventualmente, implantados no espaço protegido.** Vejamos: na primeira sessão, correspondendo ao lazer (primeira alternativa de uso para o espaço na percepção da comunidade), o gestor indicou que o Teatro Castro Mendes, presente no bairro Vila Industrial, seria uma iniciativa da gestão para atender ao grupo do entorno.

Apesar disso, não foi atendido de maneira completa, em razão da pergunta ser atinente ao Conjunto Ferroviário da Estação de Campinas. Além desse ponto, outro setor da prefeitura de Campinas estaria responsável por esse local citado pelo gestor. Dessa forma, é possível dizer da carência em atendê-los por esse tipo de uso sugerido pela comunidade.

Sobre a utilização considerando o caráter de infraestrutura, foi mencionado um projeto: “Instituto Pedra de restauração da estação, 13/09/2019”, no entanto, não foram preconizados elementos de inserção da comunidade nesse projeto. Pouco detalhou acerca da possibilidade de uso relacionado a infraestrutura considerando as indicações dadas pelo grupo.

Percebeu-se que ao ser mencionado o projeto, a descrição se manteve na perdura do tipo de uso: “infraestrutura”, como aporte material do espaço protegido e não como reflexo de um projeto que atingisse a comunidade em sua composição. Isto é, o resultado do projeto do "Instituto Pedra" em parceria com a prefeitura de Campinas se dá nos elementos físicos de restauro da estação, o que indica a organização desse projeto com foco profissional e mais apontado ao aspecto de materialidade por si só.

O que, por outro lado, reforça-se por nossa pesquisa é a valia de incorporar juntamente ao grupo gestor e profissional o entendimento e percepção habitual daqueles que utilizam do espaço e constroem, de inúmeras formas, significados para esse local no cotidiano. À luz da

ordem de preferência do grupo perguntado o lazer está em primeiro lugar, contudo, não há direcionamentos competentes a esse tipo de uso.

Em contrapartida, percebemos que concernente à infraestrutura, ainda que em andamento o projeto atingindo esse campo, fica notória a conduta do gestor que foca no caráter material da estação. Portanto, não se julgou relevante o direcionamento à comunidade nesse ponto - vide aquilo que se busca analisar nesse objetivo “D”.

Explicamos, que não se desconsidera a restauração como um elemento de gestão favorável ao espaço protegido. Todavia, o que se quer dizer, com isso, nada mais é do que apontar que esse projeto seria mais interessante se fosse tomado considerando a percepção dos indivíduos do entorno acerca disso. Pois, percebe-se que esses grupos elencaram 5 (cinco) campos de utilização como interessantes ao espaço. Desconsiderar esse ponto de vista é infelizmente um aspecto a ser observado nessa descrição.

A deixar mais clara a lacuna de iniciativas a esse respeito, na alternativa “D” (3º Comercial [...]) - do modelo de entrevista aplicado (primeira sessão) - e, na segunda sessão não existem práticas direcionadas aos sujeitos do entorno. Sobre isso, é preciso destacar com ênfase a **falta de um instrumento de participação popular aplicado ao bem protegido**.

Por último, tratando da terceira sessão, a que tange à viabilidade de instituir o uso para o lazer – apontado como 1º na ordem de preferência dos indivíduos –, a resposta foi que o nome daquele local (Conjunto Ferroviário da Estação de Campinas) é nomeado como um Parque Cultural Ferroviário.

Embora seja reconhecido isso, na realidade, vimos que as condições de uso atribuídas não corroboram para esse tipo de nomeação direcionada ao lazer de maneira mais completa. Por tudo descrito, não se pode negar a **falta de iniciativas que promovam a participação da comunidade com respeito ao espaço protegido estudado**. Em se tratando, principalmente, daqueles que convivem, entendem, percebem, dentre outras coisas, o espaço protegido mencionado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se pautou numa abordagem mais aberta e reflexiva acerca do tratamento patrimonial e sua relação com a comunidade. Como principal interesse sobre o patrimônio industrial ferroviário a pesquisa se ateve à captura de percepções dos indivíduos residentes do entorno ao bem protegido, de modo a propiciar dados que permitam dar subsídio a eventuais processos interventivos no mesmo espaço.

Claramente, esse tema demarcou a possibilidade de ampliação pelo conteúdo argumentado nos capítulos. Em vista do desenvolvimento dos tópicos de trabalho, foram satisfatoriamente supridos aqueles itens problemáticos pontuados na parte introdutória.

Recapitula-se que esses questionamentos estiveram direcionados: à caracterização do bem, quando se fala de elementos institucionalizados a ele (seu caráter formal); o comportamento das pessoas que circulam no bem em desuso; a qual uso poderia ser atribuído a este local; como as pessoas interagem com o bem industrial ferroviário, de forma a entender se ele remete à memória ou ao valor patrimonial; e, à indicação para uso, se ela estaria vinculada ao lazer.

Aludindo aos itens averiguados como proposições de problemas de investigação, os dados resultantes das aplicações metódicas da pesquisa confirmam o entrelaçamento entre as coletas, sua completude e qualidade do ponto de vista científico pretendido por esse estudo.

De modo semelhante, diz-se da complementaridade entre os objetivos, cujos intuitos formaram base de resposta a esses questionamentos levantados. Por isso, das respostas aferidas, ficou evidente a inter-relação dos resultados com os itens problemáticos questionados no início da pesquisa.

O primeiro capítulo do trabalho direcionou às arguições teóricas, além das considerações pontuais sobre os itens e leituras complementares realizadas durante os meses de análise. Das leituras, retiraram-se apontamentos relevantes ao tema, os quais apuraram: limitações nas opções de destinação de uso do patrimônio; falha metodológica da bibliografia sobre memória e comunidade; inexistência de uma compreensão descontínua do patrimônio; que é valorizada a argumentação técnica (julgamento arquitetônico, documental) sem considerar o valor afetivo (ou social).

A respeito do segundo capítulo (Coleta de Informações), os objetivos estavam seccionados para desprender os dados da 1ª e 2ª coleta. Sobre o objetivo “A” (parte da 1ª coleta, direcionada ao levantamento de percepção geral) os resultados permaneceram sob fundamento das entrevistas, *photovoices* e mapas de fluxos. No mesmo raciocínio, subsequentemente as ponderações acerca dessas práticas são delimitadas.

Das aplicações de entrevistas da primeira coleta são destacados os seguintes pontos: os **indivíduos não possuem informações recentes do bem** estabelecido; **não participam para além do uso como passagem bairro-centro e vice-versa**; as **ações do poder público contribuem para** que certas **condutas de não participação voluntária** sejam percebidas.

Além disso, **a proximidade** e a distância entre “vila de três quadras” e “vila de cinco quadras”, **não necessariamente implica que os moradores mais próximos** ao bem **tenham mais conhecimento sobre o espaço**; e, por final, **não conhecem muito o conjunto como um todo**, isso considerando as áreas abandonadas e subutilizadas.

Pela técnica dos *photovoices*, apurou-se que, em geral, os indivíduos **não possuem lembranças diretamente relacionadas com o bem patrimonial**, algumas das **lembranças são relativamente recentes**, demarcando o aspecto já abordado de interesse nas percepções presentes dos indivíduos. A segunda característica concerne às relações percebidas nas descrições sobre ferrovia. Sendo assim, **os indivíduos, como já era esperado, correlacionam os elementos passados com a ferrovia**.

Entretanto, pôde ser avistado que **não há tantas referências ao bem protegido ou os vínculos de memória são com outros locais e/ou edificações** – consequentemente o envolvimento com a preservação fica deslocado para este outro bem.

Foi notório a respeito do sentido memorial do patrimônio tratado em nossa pesquisa (igualmente possível de ser capturado pela técnica de *photovoice*, além do valor), que **os indivíduos não possuem, de modo genérico, memória sobre o patrimônio ferroviário reconhecido** (a estação ferroviária da Companhia Paulista como referência arquitetônica e econômica para a cidade de Campinas).

Esse fator expõe a característica distinta de investigação elucidado neste trabalho, à medida em que contrapõe uma visão genérica de que a comunidade reconhece e tem memória daquilo que é protegido em âmbito legal ao seu redor. Outro aspecto observado foi que além do bem patrimonial, apareceram outros edifícios que as pessoas fotografaram, denotando uma valoração sobre outras estruturas do bairro. E que, portanto, também estabelecem relação com o complexo ferroviário, uma vez que esse bairro fora edificado considerando esse vínculo.

Sobre o conteúdo de dados dos mapas de fluxos, percebeu-se que os **maiores fluxos demarcam a perspectiva já descrita sobre a não participação das pessoas com outro sentido que exceda a característica de passagem observada em todos os mapas**.

Entretanto, no período do fim de tarde alguns jovens estão na área próxima à plataforma conversando. Ainda que seja uma conduta pouco expressa pela maioria dos indivíduos que possuem alguma relação com o bem, é interessante apontar que **esses tipos**

de iniciativas (espaço de vivência) possam dar início a maior intensificação de práticas distintas aquelas de usá-lo tão somente como via de passagem para o centro de Campinas.

Pode-se dizer, sobre os mapas, que **mesmo existindo o aspecto marcante do fluxo para a passagem no local foram percebidos alguns indivíduos parados, sentados ou conversando no local.** O que também pode ser caracterizado como um momento de descontração possibilitado pelo local. Tais posturas avistadas por essa pesquisa caberiam num prisma de lazer de prática na área, vide o interesse descontraído e de potencial gatilho lúdico (MACHADO, 1973 *in* ROLIM, 1989; WAICHMAN, 1997).

Sumariamente, esses dados da primeira parte coletada permitiram compreender - como já falado - que **caracterizações “pré-dispostas” atingindo ao espaço protegido nem sempre aparecem concordando com a realidade experienciada no cotidiano.** Nomeando-as, no conjunto do trabalho e nas leituras² apontadas durante os meses de pesquisa foram vistas “pré-disposições”, atinentes ao convívio de indivíduos para com o patrimônio, as quais acabaram de ser contrapostas.

Elas remetem ao aspecto de valorar o patrimônio pelo seu caráter histórico, arquitetônico e passado. Atrelado a isso, inclui-se como noções "pré-dispostas" a respeito dele as relacionadas ao aspecto memorativo: comunidade teria memória do bem; percepção: comunidade teria conhecimento de informações recentes acerca do bem; e, tangendo a conduta: comunidade participaria e usaria consideravelmente o patrimônio.

Ao abarcar constatações atinentes aos dados obtidos direcionados a atender os objetivos “B e C” (coleta direcionada para análise sobre os usos), considera-se que **os indivíduos perguntados na segunda coleta têm uma receptividade razoável dos usos indicados pelos moradores do bairro da Vila Industrial.** Essa característica foi capturada considerando a baixa quantidade de outras sugestões para uso dadas por esse grupo para o conjunto ferroviário.

Os indivíduos têm uma visão própria do que se enquadra nas 5 áreas (lazer, infraestrutura, educacional, comercial, cultural) pesquisadas como indicação de uso. Isto é, centro cultural, a título de exemplo, é enxergado como opção de lazer a eles. Embora o próprio nome designe “cultural”, para os indivíduos isso seria uma opção para lazer na área protegida. No campo de outras sugestões descritas pelo objetivo “C” também surgem indicações do âmbito cultural (exposições ferroviárias/históricas).

² Allis (2006); Demczuk (2011); Caliskevstz (2012); Santos (2013); Guazzelli (2014); Torralba (2016); Durán (2017); Xavier e Constantino (2017); Anjos (2018); Cezar (2018); Quaresma; Maia (2019).

Em síntese, da coleta respeitando os objetivos “B, C”, o lazer foi assinalado de maneira mais intensificada na coleta, embora no gráfico 01 tenha sido aparente na 2ª posição das respostas, ao ordená-las as opções sugeridas na alternativa “outros” posicionaram esse item – lazer – como de alta indicação. A informação disposta aponta para a receptividade de práticas lúdicas no ambiente ferroviário protegido. Aliás, **as novas sugestões levantadas também se inserem ao prisma do lazer (centro de natação, posto de informações turísticas).**

A entrevista, ainda que adaptada, valeu para esse contexto de levantamento como instrumento de participação e coleta de dados com os moradores e indivíduos do entorno do bem resguardado. Portanto, nessa coleta, mais uma vez, **percebemos a presença do lazer como interessante, sobretudo, pelo ponto de vista de agentes associados ao patrimônio.**

Pelo objetivo “D” – coleta com gestores para análise de iniciativas direcionadas a atender à comunidade do entorno –, notou-se que, de modo geral, no conjunto de sessões da estrutura aplicada **apareceu carente o gerenciamento mais pontual para incorporar esse grupo perguntado nas atividades e projetos, eventualmente, implantados no espaço protegido.** Destacamos, analogamente, a **falta de um instrumento de participação popular aplicado ao bem protegido.**

Acrescemos, por último, que é indispensável dizer que **ainda existem pessoas que não têm conhecimento acerca das atividades empenhadas na estação, pois, indicaram usos que já existem (exposição ferroviária, por exemplo).** Isso aponta a defasagem comunicativa indicada noutros relatos a respeito do conhecimento dos moradores em relação ao espaço e atividades desenvolvidas nele.

Por tudo descrito, foi apurada a **ausência de iniciativas que promovam a participação da comunidade com respeito ao espaço protegido estudado.** Sejam iniciativas como audiências públicas, estudos sobre demandas da população do entorno, seja de interação de projetos sociais ou associações civis do entorno. Reforça-se por nossa pesquisa a valia de incorporar ao gestor e corpo técnico, algumas estratégias de melhor entendimento e percepção habitual daqueles que utilizam do espaço e constroem, de inúmeras formas, significados para esse local no cotidiano.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, C. C. dos. **A proteção do patrimônio cultural ferroviário no Brasil entre 2000 e 2015**: fazer a inscrição, um caminho de distanciamento das especificidades do objeto a preservar. 2018. 223 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: < <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/32343> >. Acesso em: março, 2020.
- ALLIS, Thiago. **Turismo, patrimônio cultural e transporte ferroviário**. Um estudo sobre ferrovias turísticas no Brasil e na Argentina. 2006. Dissertação (Mestrado em Integração da América Latina) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AGUIRRE, Angel et al. **Cultura e Identidad Cultural**. Barcelona: Bardenas, 1997.
- ABAD, Carlos J. Pardo. **Turismo y patrimonio industrial**. Espanha: Síntesis, 2008. p. 11-14.
- ARANTES, Antonio Augusto. **Produzindo o passado**: estratégias de construção do patrimônio histórico. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 149-179.
- CALISKEVSTZ, V. R. **A participação do trabalhador ferroviário na composição do patrimônio cultural intangível da ferrovia paranaense**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia – Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.
- CEZAR, Brida Emanoele Spohn. **A ética da memória nos trilhos da ferrovia**: narrativas poéticas de um processo de pesquisa. 2018. 93 f. Dissertação (Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/181420> >. Acesso em: junho, 2021.
- CORRAL, A. MARTÍNEZ. Estaciones de ferrocarril de la Compañía del Norte en España. Intervención y reuso. **Apuntes. Revista de estudios sobre patrimonio cultural**, v. 26, n. 2, 20 dez. 2013
- CORDEIRO, José Manuel Lopes. Desindustrialização e salvaguarda do patrimônio industrial: problema ou oportunidade? **Oculum Ensaios: Revista de arquitetura e urbanismo**, n. 13, p. 154–165, 2011. Disponível em: < <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/oculum/article/view/147> >. Acesso em: 19 dez.2018.
- CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2001.
- CONSELHO da Europa. **Declaração de Amsterdã**. Amsterdã (Holanda). Outubro de 1975. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20de%20Amsterda%CC%83%201975.pdf> >. Acesso em: 11 fev.2019.
- D'AGOSTINI, Fernanda Figueiredo; ABASCAL, Eunice H. A Ferrovia como Elemento de Geração de Turismo e Patrimônio. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v. 03, n. 19, issn. 1679-0944. 2017. Disponível em: < <https://doi.org/10.18830/issn.1679-0944.n19.2017.03> >. Acesso em: 06 maio. 2021.
- DEMCZUK, Paula G. **Ferrovia e turismo: reflexões sobre o Patrimônio Cultural Ferroviário em Irati (PR)**. 2011. 109 f. Dissertação (Mestrado em Geografia - Gestão de

território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011. Disponível em: < <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/540> >. Acesso em: outubro, 2019.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1978, P. 19-30.

FONSECA, Maria Cecília L. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. In: IPHAN. **O Registro do Patrimônio Imaterial**. Brasília: Minc/IPHAN, 2003. p. 83-93.

GUAZZELLI, Bárbara Gonçalves. **Ferrovia, trabalho e Habitação - Vilas operárias em Campinas (1883-1919)**. 2014. 254 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Carlos, 2014. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-19012015-104005/pt-br.php> >. Acesso em: outubro, 2019.

ICOMOS. **Carta de Washington**. Outubro de 1987. Disponível em: < <https://www.icomos.org/en/resources/charters-and-texts> >. Acesso em: 11 fev.2019.

ICOMOS. **Carta de Burra**. Austrália. Novembro de 1999. Disponível em: < <https://www.icomos.org/en/resources/charters-and-texts> >. Acesso em: 12 fev.2019.

ICOMOS. **Princípios de La Valletta para a Salvaguarda e Gestão de Cidades e Conjuntos Urbanos Históricos**. Paris. Novembro de 2011. Disponível em: < <https://www.icomos.org/en/resources/charters-and-texts> >. Acesso em: 12 fev.2019.

ICOMOS-TICCIH. **Princípios de Dublin**. 28 de novembro de 2011. Disponível em: < <https://ticcihbrasil.com.br/cartas/os-principios-de-dublin/> >. Acesso em: 13 fev.2019.

ICOMOS. **Carta de Veneza**. Veneza. 1964. Disponível em: < <https://www.icomos.org/en/resources/charters-and-texts> >. Acesso em: março, 2021.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Arquitetura do ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre a sua preservação**. São Paulo: FAPESP, 1998.

_____. Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação. 2004. **Revista Eletrônica do IPHAN**. Disponível em: < <http://www.labor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=165> >. Acesso em: outubro, 2019

LABRADOR, Angela M. **Shared heritage: An anthropological theory and methodology for assessing, enhancing, and communicating a future-oriented social ethic of heritage protection**. University of Massachusetts Amherst, 2013.

LEITE, Rogerio Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Mangueira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 115–134, 2002. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-69092002000200008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt >. Acesso em: 12 dez. 2018.

LINS, Ana Paula M. de B. da Costa. **As Ferrovias como Patrimônio Cultural Mundial: Os Estados-partes, a UNESCO e o Valor Universal Excepcional**. 2015. 228 f. Tese de Doutorado (Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano (MDU) – Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), Recife. Disponível em: < <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18406> >. Acesso em: junho, 2021.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Vai ter música?”: para uma antropologia das festas juninas de surdos na cidade de São Paulo. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 1, 2007. Disponível em: < <http://journals.openedition.org/pontourbe/1239> >. Acesso em: 12 dez. 2018.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 11. ed. Campinas: Papius, 2004, p. 57-93.

_____. **Lazer e humanização**. 8. ed. Campinas: Papius, 1995, p.60-75.

MARTINS, Roberta Cunha. **Polêmicas acerca da proteção do Patrimônio Cultural**: Uma análise jurídica e histórica da identidade cultural urbana. 2015. Disponível em: < publicadireito.com.br >. Acesso em: maio, 2021.

MARTÍNEZ CORRAL, A. Estaciones de ferrocarril de la Compañía del Norte en España. Intervención y reuso. **Apuntes**. Revista de estudios sobre patrimonio cultural, v. 26, n. 2, 20 dez. 2013.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A cidade como bem cultural. Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano. In: MORI, Victor Hugo; SOUZA, Marise Campos de; BASTOS, Rossano Lopes; et al (Eds.). **Patrimônio: atualizando o debate**. São Paulo: IPHAN, 2006, p. 34–76.

MOTA, Paula de Brito. **A cidade de São Paulo de 1870 a 1930**: café, imigrantes, ferrovia, indústria. 2007. 181 p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: < <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/49> >. Acesso em: junho, 2021.

OLIVEIRA, Eduardo Romero de. Usos Sociais do Patrimônio Cultural. **Educação, Identidades e Patrimônio**, 2012. Disponível em: < https://www.academia.edu/7882366/Usos_sociais_do_patrimonio_cultural >. Acesso em: maio, 2021.

_____. Patrimônio Ferroviário do Estado de São Paulo: as condições de preservação e uso dos bens culturais. **Projeto História**, v. 40, p. 179-203, 2010. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/11449/127071> >. Acesso em: maio, 2021.

_____. Eduardo R. de; SANTOS, Priscila K. Araújo dos; SILVA, Rafaela R. R. **O método “Abordagem de Valorização do Patrimônio (AVP)” aplicado aos bens industriais ferroviários**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019, p. 277- 303.

PINHEIRO, ADSON RODRIGO S. Educação patrimonial. Iphan: **Série Cadernos do Patrimônio Cultural**, v.1, ISBN 978-85-7334-273-4, 2015, 210 p. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=30&busca=pinheiro> >. Acesso em: maio, 2021.

POULIOS, H. Moving Beyond a Values Based Approach to Heritage Conservation. **Conservation and Management of Archaeological Sites**, v. 12, n. 2, p. 170–185, maio 2010. Disponível em: < https://www.researchgate.net/publication/233621722_Moving_Beyond_a_Values-Based_Approach_to_Heritage_Conservation >. Acesso em: 25 ago. 2020.

QUARESMA, Luis Augusto Barbosa; MAIA, Maíra Oliveira. A Estrada de Ferro Belém-Bragança (EFB): memórias e usos para além da integração. **Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR**: Rio de Janeiro, Vol. 9, Número Especial, 2019, p. 62-79. Disponível em: < <http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/7091/5214> >. Acesso em: fev. 2020.

RODRIGUES, Marly. Patrimônio industrial, entre o fetiche e a memória. **usjt - arq.urb**, v. 3, 2010. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/315521047/pat-industrial-fetiche-memoria-pdf> >. Acesso em: 18 mar. 2018.

ROLIM, Liz Cintra. Educação e lazer – A Aprendizagem Permanente. São Paulo: Editora Ática, 1989, p.40-58.

SANTOS, Rafael Roxo dos. **A Vila Industrial e o patrimônio histórico arquitetônico de Campinas - SP: entre a conservação e a reestruturação urbana**. 2013. 146 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP. Disponível em: < <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/287744> >. Acesso em: 24 ago. 2018.

SANTOS; Priscila K. Araújo dos. **Conjunto Ferroviário da Estação Guanabara (Campinas – SP): Estudo sobre práticas de preservação e usos do patrimônio ferroviário**. 2017. Dissertação (Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus de Bauru, São Paulo.

SCIFONE, Simone. Para repensar a educação patrimonial. In: PINHEIRO, Adson Rodrigo S. (Org.). **Cadernos do Patrimônio Cultural: educação patrimonial**. Fortaleza: IPHAN, 2015, p. 195–206. Disponível em: < [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_Cadernos_do_patrimonio_educacao_patrimonial_voll\(3\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_Cadernos_do_patrimonio_educacao_patrimonial_voll(3).pdf) >. Acesso em: 4 fev.2019.

TORRALBA, Libertad Troitiño; VINUESA, Miguel Angel Troitiño. Patrimonio y turismo: reflexión teórico conceptual y una propuesta metodológica integradora aplicada al municipio de Carmona (Sevilla, España). **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 20, n.543, 2016. Disponível em: < <https://doi.org/10.1344/sn2016.20.16797> >. Acesso em: junho, 2021.

TICCIH. **Carta de Nizhny Tagil**. 17 de julho de 2003. Disponível em: < <https://ticcihbrasil.com.br/cartas/carta-de-nizhny-tagil-sobre-o-patrimonio-industrial/> >. Acesso em: 13 fev.2019.

UNESCO. **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural**. Paris. 17 de outubro a 21 de novembro de 1972. Disponível em: < https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133369_por >. Acesso em: 13 fev.2019.

WAICHMAN, Pablo. **Tempo livre e recreação**. Campinas: Papirus, 1997, p. 11-39; 125-133.

XAVIER, Janaina S.; CONSTANTINO, Marta da Silva. Construção do patrimônio ferroviário: uma análise do reuso da Estação Ferroviária de Mogi Mirim – SP. **Revista de museologia e patrimônio**: São Paulo, v. 10, n. 1, 2017, p. 145-165. Disponível em: < <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/490/546> >. Acesso em: out., 2019.

ANEXOS

Resolução nº 9 de 15/04/1982 - CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo)

CULTURA

Secretário: ANTONIO HENRIQUE DA CUNHA BUENO

Cabinete do Secretário

Resolução 8, de 15-4-82

O Secretário Extraordinário da Cultura, nos termos do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 149, de 15 de agosto de 1969, resolve

Artigo 1.º — Fica tombado como monumento de interesse histórico-arquitetônico o remanescente da antiga Sede da Fazenda Salto Grande, no Município de Americana, precioso exemplar de arquitetura relacionado com o povoamento e a expansão do ciclo açucareiro no interior de São Paulo nas primeiras décadas do século XIX conforme induzem os documentos que instruem o processo.

Artigo 2.º — Fica o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado autorizado a inscrever no livro do Tombo competente, o imóvel em referência, para os devidos e legais efeitos.

Artigo 3.º — Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

Resolução 9, de 15-4-82

O Secretário Extraordinário da Cultura, nos termos do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 149, de 15 de agosto de 1969, resolve

Artigo 1.º — Fica tombado como monumento de interesse histórico-arquitetônico, vinculado à criação das estradas de ferro como fator de escoamento da produção cafeeira, em nosso Estado, no final do século passado, o Edifício da Estação da Antiga Companhia Paulista de Estradas de Ferro, em Campinas, importante marco no Patrimônio ambiental urbano, sito à Praça Marechal Floriano, sem n.º, naquela cidade.

Artigo 2.º — Fica o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado autorizado a inscrever no livro do Tombo competente, o imóvel em referência, para os devidos e legais efeitos.

Artigo 3.º — Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

Resolução SC-GPS-008-82

Aprovando as seguintes Tabelas de Alterações Orçamentárias:

U.D. 12.01.01 — Tabela 015-82

U.D. 12.01.01 — Tabela 016-82

Resolução nº 137 de 13/10/2015- CONDEPACC (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas)



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Procuradoria-Geral do Município de Campinas

Coordenadoria de Estudos Jurídicos e Biblioteca

Este texto não substitui o publicado no Diário Oficial do Município - DOM.

**CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE CAMPINAS - CONDEPACC
RESOLUÇÃO Nº 137/2015 DE 13 DE OUTUBRO DE 2015**

(Publicação DOM 19/10/2015 p.6)

Ver Comunicado nº 11, de 07/04/2021-Condepacc

Claudiney Rodrigues Carrasco, Secretário Municipal de Cultura, no uso de suas atribuições legais, conforme artigo 10 da Lei Municipal 5.885 de 17 de dezembro 1987 e Decreto Municipal 9.585 de 11 de Agosto de 1988, baseando-se em decisão do Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Campinas, Condepacc, do qual é presidente, conforme ata nº. 441, de 12 de Março de 2015,

RESOLVE:

Art. 1º Ficam tombados do processo 04/1989 os seguintes bens de interesse cultural, histórico, arquitetônico e ambiental, exemplares da arquitetura ferroviária construídos entre 1872 e 1929, que desempenharam o papel de suporte material para as grandes transformações sociais advindas da ferrovia, listados a seguir (mapa 01):

I - Estação da Cia Paulista (Estação Campinas) situada na Praça Floriano Peixoto s/nº;

II - Armazém (Armazém de Exportação- CPEF) situado à Avenida dos Expedicionários;

III - Oficina da Cia. Paulista (Casa de carros- CPEF) situada na Rua Francisco Teodoro;

IV - Entradas do Túnel de Pedestre (CPEF) e um trecho de 2,00 metros posterior às escadas;

V - Antiga oficina dos Srs. Lemos (Fundição Nova- CMEF) situada na Rua Cel. Antônio Manoel esquina com a Rua Francisco Teodoro;

VI - Escritórios de Administração (Hospedaria de Imigrantes- Dormitórios de Expedições) situados no pátio interno da FEPASA e Av. Dr. Salles de Oliveira;

VII - Caixa D'água (Solda- CPEF) situada dentro do pátio interno da FEPASA;

VIII - Usina Geradora (CMEF), situada dentro do pátio interno da FEPASA;

IX - 02 (duas) oficinas de carros e vagões (Casa de Carros- CMEF), situadas no pátio interno da FEPASA;

X - Rotunda (CMEF) situada no pátio interno da FEPASA;

XI - Oficinas de Locomotivas (Oficina- CMEF), situadas no pátio interno da FEPASA;

XII - Armazém da Cia Mogiana, situado à Rua Dr. Ricardo.

§ 1º Os imóveis referidos neste artigo estão inseridos no Complexo Ferroviário Central da FEPASA, delimitado pela poligonal que se inicia no cruzamento entre a Rua General Osório e a Rua Lidgerwood, segue por esta última até a Praça Marechal Floriano, segue por esta até a Rua Cônego Cipião, segue por esta até à Av. João Jorge, deflete à direita e segue por esta até a Rua Francisco Teodoro, deflete à direita e segue por esta até a Rua Coronel Antônio Manoel, deflete à esquerda e segue por esta até encontrar o lote 22, do quarteirão 1319, na divisa com o Complexo Ferroviário, onde deflete à direita e segue em linha reta margeando a lateral do lote 22 e os fundos dos lotes ali existentes com frente para a Av. Salles de Oliveira até o final desses lotes, onde deflete à esquerda e segue em linha reta margeando a lateral do último lote até encontrar a Av. Dr. Salles de Oliveira, deflete à direita e segue por esta até a Rua Dr. Pereira Lima, deflete à direita e segue por esta até a Rua Dr. Mascarenhas, segue por esta até a Rua Dr. Ricardo, deflete à direita e segue por esta até seu final, quando encontra a Rua Lidgerwood, no ponto inicial deste perímetro.

§ 2º Que seja mantido o tombamento dos espaços no que diz respeito às estruturas arquitetônicas, sendo permitidas modificações que beneficiem a ampliação do tráfego ferroviário e sistema viário, desde que:

I - A forma original seja posta em maquete;

II - As alterações recebam um tratamento arquitetônico diferenciado, destacando-se assim a parte da edificação original;

III - Os projetos sejam submetidos, previamente à apreciação e à aprovação do Condepaco.

Art 2º Fica também tombada a antiga fábrica de equipamentos agrícolas "Lidgerwood Manufacturing Ltda.", processo nº. 03/89, situada na Av. Andrade Neves, 01, quarteirão 1028, construída em 1888 que traduz valioso testemunho arquitetônico da prática construtiva, trazida pela implantação da ferrovia (mapa 02).

Art 3º Os bens tombados pela presente resolução passam a ser objeto de sanções e benefícios previstos pela Lei Municipal nº 5.885, de 17 de dezembro de 1987, e, pela Lei Municipal 12445 de 21 de dezembro de 2005, regulamentada pelo Decreto Municipal 15358 de 28 de dezembro de 2005.

Art 4º As áreas envoltórias dos bens tombados nos artigos primeiro e segundo desta resolução, conforme preveem os artigos 21, 22 e 23 da Lei Municipal 5885 de 17 de dezembro de 1987, ficam delimitadas (mapa 03) e regulamentadas (mapa 03.1.2.3) como segue:

I - As áreas envoltórias ficam delimitadas aos quarteirões adjacentes ao Complexo Ferroviário Central da FEPASA e "Lidgerwood Manufacturing Ltda.", listados a seguir (mapa 03):

Quarteirões: 55 parcial / 30 / 29 / 28 / 27 / 26 / 25 / 24 / 23 / 22 / 61 / 63 / 94 / 1027 / 1037 / 1026 / 1023 / 1024 / 1025 / 1029 / 1030 / 1031 / 1063 parcial / 1096 parcial / 1262 / 1263 parcial / 1268 / 1269 parcial / 1270 parcial / 1274 parcial / 1275 parcial / 1280 / 1319 / 1286 / 1287 parcial / 1288 parcial / 1289 / 1290 / 1291 parcial / 1303 parcial / 1307 parcial / 1308 parcial / 1309.

II - A fim de garantir a visibilidade e a legibilidade dos bens tombados nos artigos 1º e 2º desta resolução, as novas edificações que ocorrerem nos quarteirões discriminados no inciso I deverão obedecer ao seguinte zoneamento de proteção (mapa 03.1; mapa 03.2; mapa 03.3):

a) ZP0 - Permitidas somente edificações térreas;

1) todos os lotes com frente para a Rua Lidgerwood, todos os lotes com frente para a Rua Dr. Campos Sales, todos os lotes com frente para a Av. Andrade Neves e todos os lotes com frente para a Rua General Osório, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 24 - Perímetro:

Rua Lidgerwood, Av. Dr. Campos Sales, Av. Andrade Neves e Rua General Osório.

2) todos os lotes com frente para a Rua Dr. Ricardo, todos os lotes com frente para a Rua General Osório, todos os lotes com frente para a Rua Barão de Parnaíba e todos os lotes com frente para a Rua Bernardino de Campos, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 25 - Perímetro:

Rua Dr. Ricardo, Rua General Osório, Rua Barão de Parnaíba e Rua Bernardino de Campos.

3) todos os lotes com frente para a Rua Dr. Ricardo e os lotes 12 e 13, com frente para a Av. Benjamin Constant, e os lotes 1, 2 e 3, com frente para a Rua Bernardino de Campos, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 26 - Perímetro:

Rua Dr. Ricardo, Av. Benjamin Constant e Rua Bernardino de Campos.

4) todos os lotes com frente para a Rua Dr. Ricardo e os lotes 35, 36, 37, e 38, com frente para a Rua Barreto Leme, e os lotes 15 e 16, com frente para a Av. Benjamin Constant, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 27 - Perímetro:

Rua Dr. Ricardo, Rua Barreto Leme e Av. Benjamin Constant.

5) todos os lotes com frente para a Rua Dr. Ricardo e os lotes 14, 15, 16 e 17, com frente para a Rua Marechal Deodoro e os lotes 02 e 03, com frente para a Rua Barreto Leme, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 28 - Perímetro:

Rua Dr. Ricardo, Rua Marechal Deodoro e Rua Barreto Leme.

6) todos os lotes com frente para a Rua Dr. Ricardo e o lote 34, com frente para a Rua Sebastião de Souza, e os lotes 16 e 17, com frente para a Rua Marechal Deodoro, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 29 - Perímetro:

Rua Dr. Ricardo, Rua Sebastião de Souza e Rua Marechal Deodoro.

7) todos os lotes com frente para a Rua Dr. Ricardo e os lotes 18 e 19, com frente para a Rua Dr. Mascarenhas, e o lote 02, com frente para a Rua Sebastião de Souza, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 30 - Perímetro:

Rua Dr. Ricardo, Rua Dr. Mascarenhas e Rua Sebastião de Souza.

8) o lote 21 com frente para a Rua Dr. Mascarenhas e os lotes 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20, com frente para a Rua Dr. Ricardo, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 55 - Perímetro:

Rua Dr. Mascarenhas e Rua Dr. Ricardo.

9) lote compreendido pela Rua Lidgerwood, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1028 - Perímetro:

Rua Lidgerwood, Av. Andrade Neves e Av. Dr. Campos Sales.

10) os lotes 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11 e 12 com frente para a Av. Senador Saraiva, e os lotes 39 e 41, com frente para a Rua Cônego Cipião, e os lotes 17 e 18, com frente para a Rua Duque de Caxias, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1096 - Perímetro:

Av. Senador Saraiva, Rua Cônego Cipião e Rua Duque de Caxias.

11) todos os lotes com frente para a Av. João Jorge, todos os lotes com frente para a Rua Francisco Teodoro, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1262 - Perímetro:

Av. João Jorge; Rua Francisco Teodoro e Linha Férrea da FEPASA.

12) todos os lotes com frente para a Rua Francisco Teodoro e os lotes 7,8,9 e 10, com frente para a Rua Rangel Pestana, e os lotes 21, 22, 23, 24, 25 e 26, com frente para a Rua Prudente de Moraes, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1275 - Perímetro:

Rua Francisco Teodoro, Rua Rangel Pestana e Rua Prudente de Moraes.

13) todos os lotes com frente para a Rua Francisco Teodoro e os lotes 54, 55, 56, e 57, com frente para a Rua Coronel Antônio Manoel, e lotes 18, 19, 20 e 21, com frente para a Rua Prudente de Moraes e todos com frente para a Rua Venda Grande, do quarteirão abaixo descrito:

Qt. 1280 - Perímetro:

Rua Francisco Teodoro, Rua Cel. Antônio Manoel, Rua Prudente de Moraes e Rua Venda Grande.

14) todos os lotes com frente para a Rua Dr. Sales de Oliveira e todos os lotes com frente para a Rua Alferes Raimundo, todos os lotes com frente para a Rua 24 de Maio e todos os lotes com frente para a Rua Barão de Monte Mor, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1290 - Perímetro:

Rua Dr. Sales de Oliveira, Rua Alferes Raimundo, Rua 24 de Maio e Rua Barão de Monte Mor.

15) todos os lotes com frente para a Rua 24 de Maio e os lotes 17, 18, 19, 20, 21,22 e 23 com frente para a Rua Barão de Monte Mor, e os lotes 48, 49 e 50, com frente para a Rua Alferes Raimundo, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1291 - Perímetro:

Rua 24 de Maio, Rua Alferes Raimundo e Rua Barão de Monte Mor.

16) todos os lotes com frente para a Rua Alferes Raimundo e os lotes 11, 12, 13, 14, 15 e 16, com frente para a Rua Dr. Sales de Oliveira, e o lote 33 com frente para a Rua 24 de Maio, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1307 - Perímetro:

Rua Alferes Raimundo, Rua Dr. Sales de Oliveira e Rua 24 de Maio.

b) ZP1 - Permitidas edificações com térreo mais um pavimento, desde que a altura máxima do edifício não ultrapasse 8,00 metros:

1) todos os lotes com frente para a Rua Onze de Agosto, todos os lotes com frente para a Av. Dr. Campos Sales, todos os lotes com frente para a Rua Saldanha Marinho e todos os lotes com frente para a Rua General Osório, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 22 - Perímetro:

Rua Onze de Agosto, Av. Dr. Campos Sales, Rua Saldanha Marinho e Rua General Osório.

2) todos os lotes com frente para a Rua Onze de Agosto, todos os lotes com frente para a Av. Dr. Campos Sales, todos os lotes com frente para a Av. Andrade Neves e todos os lotes com frente para a Rua General Osório do quarteirão abaixo descrito:

Qt. 23 - Perímetro:

Rua Onze de Agosto, Av. Dr. Campos Sales, Av. Andrade Neves e Rua General Osório.

3) todos os lotes com frente para a Rua Barão de Parnaíba e os lotes, 9, 10 e 11, com frente para a Av. Benjamin Constant, e os lotes 20 e 21, com frente para a Rua Bernardino de Campos, do quarteirão abaixo descrito:

Qt. 26 - Perímetro:

Rua Barão de Parnaíba, Av. Benjamin Constant e Rua Bernardino de Campos.

4) todos os Lotes com frente para a Rua Barão de Parnaíba e os lotes 33 e 34, com frente para a Rua Barreto Leme, e os lotes 17, 18, 19, 20, 21 e 22, com frente para a Av. Benjamin Constant, do quarteirão abaixo descrito:

Qt. 27 - Perímetro:

Rua Barão de Parnaíba, Rua Barreto Leme e Av. Benjamin Constant.

5) todos os lotes com frente para a Rua Barão de Parnaíba e os lotes 11, 12, 13 e 21, com frente para a Rua Marechal Deodoro e os lotes 4, 5, 6, 7 e 8, com frente para a Rua Barreto Leme, do quarteirão abaixo descrito:

Qt. 28 - Perímetro:

Rua Barão de Parnaíba, Rua Marechal Deodoro e Rua Barreto Leme.

6) todos os lotes com frente para a Rua Barão de Parnaíba, o lote 33, com frente para a Rua Sebastião de Souza e os lotes 18, 19, 20 e 21, com frente para a Rua Marechal Deodoro, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 29 - Perímetro:

Rua Barão de Parnaíba, Rua Sebastião de Souza e Rua Marechal Deodoro.

7) todos os lotes com frente para a Rua Barão de Parnaíba os lotes 16 e 17, com frente para a Rua Dr. Mascarenhas, e os lotes 3 e 4, com frente para a Rua Sebastião de Souza, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 30 - Perímetro:

Rua Barão de Parnaíba, Rua Dr. Mascarenhas e Rua Sebastião de Souza.

8) os lotes 22 e 23, com frente para a Rua Dr. Mascarenhas, os lotes 24, 25, 26 e 27, com frente para a Rua Barão de Parnaíba, do quarteirão abaixo descrito:

QT. - 55 - Perímetro:

Rua Dr. Mascarenhas e Rua Barão de Parnaíba.

9) todos os lotes com frente para a Av. Andrade Neves, todos os lotes com frente para a Rua General Osório, todos os lotes com frente para a Rua Barão de Parnaíba e todos os lotes, com frente para a Rua Bernardino de Campos, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 61 - Perímetro:

Av. Andrade Neves, Rua Gal. Osório, Rua Barão de Parnaíba e Rua Bernardino de Campos.

10) todos os lotes com frente para a Rua Onze de Agosto, todos os lotes com frente para a Rua General Osório, todos os lotes com frente para a Rua do Rócio e todos os lotes com frente para a Rua Bernardino de Campos, do quarteirão abaixo descrito:

Qt. 63 - Perímetro:

Rua Onze de Agosto, Rua General Osório, Rua do Rocio e Rua Bernardino de Campos.

11) todos os lotes com frente para a Rua Saldanha Marinho, todos os lotes com frente para a Rua General Osório, todos os lotes com frente para a Rua do Rocio e todos com frente para a Rua Bernardino de Campos, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 94 - Perímetro:

Rua Saldanha Marinho, Rua General Osório, Rua do Rocio e Rua Bernardino de Campos.

12) todos os lotes com frente para a Rua 13 de Maio e os lotes 5, 6, 7, 8, 9 e 10, com frente para a Rua Visconde do Rio Branco, os lotes 21, 22, 23, 24, 25, 26 e 27, com frente para a Rua Saldanha Marinho, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1023 - Perímetro:

Rua 13 de Maio, Rua Visconde do Rio Branco e Rua Saldanha Marinho.

13) todos os lotes com frente para a Rua 13 de Maio, todos os lotes com frente para a Rua Saldanha Marinho todos os lotes com frente para a Rua Dr. Costa Aguiar e todos os lotes com frente para a Rua Visconde do Rio Branco, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1024 - Perímetro

Rua 13 de Maio, Rua Saldanha Marinho, Rua Dr. Costa Aguiar e Rua Visconde do Rio Branco.

14) todos os lotes com frente para a Rua 13 de Maio todos os lotes com frente para a Rua Onze de Agosto. Rua Costa Aguiar e Rua Saldanha Marinho, do quarteirão abaixo descrito:

Qt. 1025 - Perímetro:

Rua 13 de Maio, Rua Saldanha Marinho, Rua Dr. Costa Aguiar e Rua Onze de Agosto.

15) todos os lotes com frente para a Av. Campos Sales, todos os lotes com frente para a Rua Onze de Agosto, todos os lotes com frente para a Rua 13 de Maio e todos os lotes com frente para a Rua Saldanha Marinho, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1026 - Perímetro:

Av. Dr. Campos Sales, Rua Onze de Agosto, Rua 13 de Maio e Rua, Saldanha Marinho.

16) todos os lotes com frente para a Av. dos Expedicionários, todos os lotes com frente para a Av. Andrade Neves e todos os lotes com frente para a Av. Dr. Campos. Sales, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1027 - Perímetro:

Av. Andrade Neves e Av. Dr. Campos Sales e Av. dos Expedicionários.

17) todos os lotes com frente para a Rua 13 de Maio, todos os lotes com frente para a Rua 11 de Agosto, todos os lotes com frente para a Rua Dr. Costa Aguiar e todos os lotes com frente para a Praça Marechal Floriano, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1029 - Perímetro:

Rua 13 de Maio, Rua Onze de Agosto, Rua Dr. Costa Aguiar e Praça Marechal Floriano.

18) todos os lotes com frente para a Praça Marechal Floriano, todos os lotes com frente par a Rua Ferreira Penteado, todos os lotes com frente para a Rua Saldanha Marinho e todos os lotes com frente para a Rua Dr. Costa Aguiar. do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1030 - Perímetro:

Praça Marechal Floriano, Rua Ferreira Penteado, Rua Saldanha Marinho e Rua Dr.Costa Aguiar.

19) todos os lotes com frente para a Rua Ferreira Penteado e os lotes 15, 16 e 17 com frente para a Rua Visconde do Rio Branco e os lotes 27, 28 e 29, com frente para a Rua Saldanha Marinho, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1031 - Perímetro:

Rua Ferreira Penteado, Rua Visconde do Rio Branco e Rua Saldanha Marinho.

20) todos os lotes com frente para a Av. dos Expedicionários, todos os lotes com frente para a Rua Onze de Agosto e todos os lotes com frente para a Rua 13 de Maio, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1037 - Avenida dos Expedicionários, Rua Onze de Agosto e Rua 13 de Maio.

21) todos os lotes com frente para a Rua Saldanha Marinho, os lotes 1,2,3,4,5 e 6, com frente para a Rua Ferreira Penteado, e os lotes 4 e 5, com frente para a Rua Dr. Jaime P. U. Cintra, do quarteirão abaixo descrito:

Qt. 1063 - Perímetro:

Rua Saldanha Marinho, Rua Ferreira Penteado e Rua Dr. Jaime P.U. Cintra.

22) todos os lotes com frente para a Rua Francisco Teodoro e os lotes 17,18,19,20,21,22 e 43, com frente para a Rua Maria Soares, e os lotes 29,30,31,33,34 e 35, com frente para a Av. João Jorge, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1263 - Perímetro:

Rua Francisco Teodoro, Rua Maria Soares e Av. João Jorge.

23) todos os lotes com frente para a Av. Francisco Teodoro, todos os lotes com frente para a Av. João Jorge, todos os lotes com frente para a Av. Dr. Sales de Oliveira e todos os lotes com frente para a Rua São Carlos , do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1268 - Perímetro:

Av. Francisco Teodoro, Av. João Jorge, Av. Dr. Sales de Oliveira e Rua São Carlos.

24) todos os lotes com frente para a Rua Francisco Teodoro, o lote 16 (parte), com frente para a Rua São Carlos e os lotes 01 e 02, com frente para a Rua Conselheiro Gomide, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1269 - Perímetro:

Rua Francisco Teodoro, Rua São Carlos e Rua Conselheiro Gomide.

25) todos os lotes com frente para a Rua Dr. Sales de Oliveira, os lotes 6,8,9,10,11 e 12, com frente para a Rua São Carlos, e o lote 34, com frente para a Rua 7 de Setembro e todos os lotes com frente para a Rua Conselheiro Gomide, do quarteirão abaixo descrito:

Qt. 1270 - Perímetro:

Rua Dr. Sales de Oliveira, Rua São Carlos e Rua Conselheiro Gomide.

26) todos os lotes com frente para a Rua Francisco Teodoro, o lote 11, com frente para a Rua Conselheiro Gomide e o lote 10, com frente para a Rua Rangel Pestana, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1274 - Perímetro:

Rua Francisco Teodoro, Rua Rangel Pestana e Rua Conselheiro Gomide.

27) todos os lotes com frente para a Rua Dr. Sales de Oliveira, os lotes 13,14,15,16 e 17, com frente para a Rua Prudente de Moraes e os lotes 58,59,61,62 e 63, com frente para a Rua Cel. Antônio Manoel, do .quarteirão abaixo descrito:

QT. 1280 - Perímetro:

Rua Dr. Sales de Oliveira, Rua Prudente de Moraes e Rua Cel. Antônio Manoel.

28) todos os lotes com frente para a Rua 24 de Maio, os lotes 6,7 e 8 com frente para a Rua Francisco Egídio e os lotes 24,25,26 e 27, com frente para a Rua Barão de Monte Mor, do quarteirão abaixo descrito.

QT. 1288 - Perímetro:

Rua 24 de Maio, Rua Francisco Egídio e Rua Barão de Monte Mor.

29) todos os lotes com frente para à Av. Dr. Sales de Oliveira, todos os lotes com frente para a Rua Francisco Egídio, todos as lotes com, frente para a Rua, 24 de Maio e todos, os lotes com frente para a Rua Barão de Monte Mor, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1289 - Perímetro:

Av. Dr. Sales de Oliveira, Rua Francisco Egídio, Rua 24 de Maio e Rua Barão de Monte Mor.

30) todos os lotes com frente para a Rua Alferes Raimundo, os lotes 10, 10 A, 11 e 12, com frente para a Rua 24 de Maio o, lote A, com frente para a Rua Catarina Iglese Soares, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1303 - Perímetro:

Rua Alferes Raimundo, Rua 24 de Maio e Rua Catarina Iglese Soares.

31) todos os lotes com frente para a Rua Benedito Otávio, os lotes 17 e 18, com frente para a Rua Dr. Sales de Oliveira, e os lotes 30, 31 e 32, com frente para a Rua 24 de Maio, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1307 - Perímetro:

Rua Benedito Otávio, Av. Dr. Sales de Oliveira e Rua 24 de Maio.

32) todos os lotes com frente para a Rua Dr. Pereira Lima, os lotes 44,45,46,47,48 e 49, com frente para a Rua Cel. Antônio Álvaro, e os lotes 24,25,26,27 e 28, com frente para a Rua Dr. Sales de Oliveira, do Quarteirão abaixo descrito:

QT. 1308 - Perímetro:

Rua Dr. Pereira Lima, Rua Cel. Antonio Álvaro e Av. Dr. Sales de Oliveira.

33) todos os lotes com frente para a Rua Dr. Pereira Lima, os lotes 40,41,42,43,44,45 e 50, com frente para a Rua Bueno de Miranda os lotes 25,26,27,28,29 e 31, com frente para a Rua Cel. Antônio Álvaro, e os lotes 1,2 e 3, da travessa João Milani, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1309 - Perímetro:

Rua Dr. Pereira Lima; Rua Bueno de Miranda, Rua Cel. Antônio Álvaro e travessa João Milani.

34) os lotes 16,17,18,19,20,21 e 22, com frente para a Rua Cel. Antônio Manoel e os lotes 15 e 14, com frente para a Av. Dr. Sales de Oliveira, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1319 - Perímetro:

Rua Cel. Antônio Manoel, Av. Dr. Sales de Oliveira e Pátio Interno do Complexo Central da FEPASA.

c) ZP2 - Permitidas edificações com térreo mais dois pavimentos, desde que a altura máxima do edifício não ultrapasse 11,00 metros:

1) todos os lotes com frente para à Av. Dr. Sales de Oliveira, todos os lotes com frente para a Rua Amador Bueno, todos os lotes com frente para a Rua 24 de Maio e todos os lotes com frente para a Rua Francisco Egídio, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1286 - Perímetro;

Av. Dr. Sales de Oliveira, Rua Amador Bueno, Rua 24 de Maio e Rua Francisco Egídio.

2) os lotes 01,02,03,04,05,06,07,08,09,10,11,12,13,23,24 e 25 com frente para a Rua Dr. Sales de Oliveira, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1319 - Perímetro:

Rua Dr. Sales de Oliveira e Pátio Interno do Complexo Central da FEPASA.

d) ZP3 - Permitidas, no máximo, edificações com térreo mais três pavimentos, admitindo-se a existência de mezanino:

1) todos os lotes com frente para a Rua 24 de Maio, os lotes 3,4,5,6 e 7 com frente para a Rua Amador Bueno, e o lote s/nº, com frente para a Rua Francisco Egídio, do quarteirão abaixo descrito:

QT. 1287 - Perímetro:

Rua 24 de Maio, Rua Amador Bueno e Rua Francisco Egídio.

Art. 5º Fica protegido o traçado viário da área envoltória delimitada pelos quarteirões discriminados e mapeados no artigo 4º, inciso I desta resolução.

Art. 6º As áreas verdes e os exemplares vegetais listados a seguir, em razão de sua importância histórica e ambiental no entorno do Complexo Ferroviário Central da FEPASA não poderão sofrer alterações na forma ou composição (caso das áreas verdes) nem podas ou extração (exemplares vegetais) sem autorização prévia do Condepacc:

I -Áreas Verdes:

- a) Praça João Milani;
- b) Praça José Biscola;
- c) Praça Correa de Lemos.

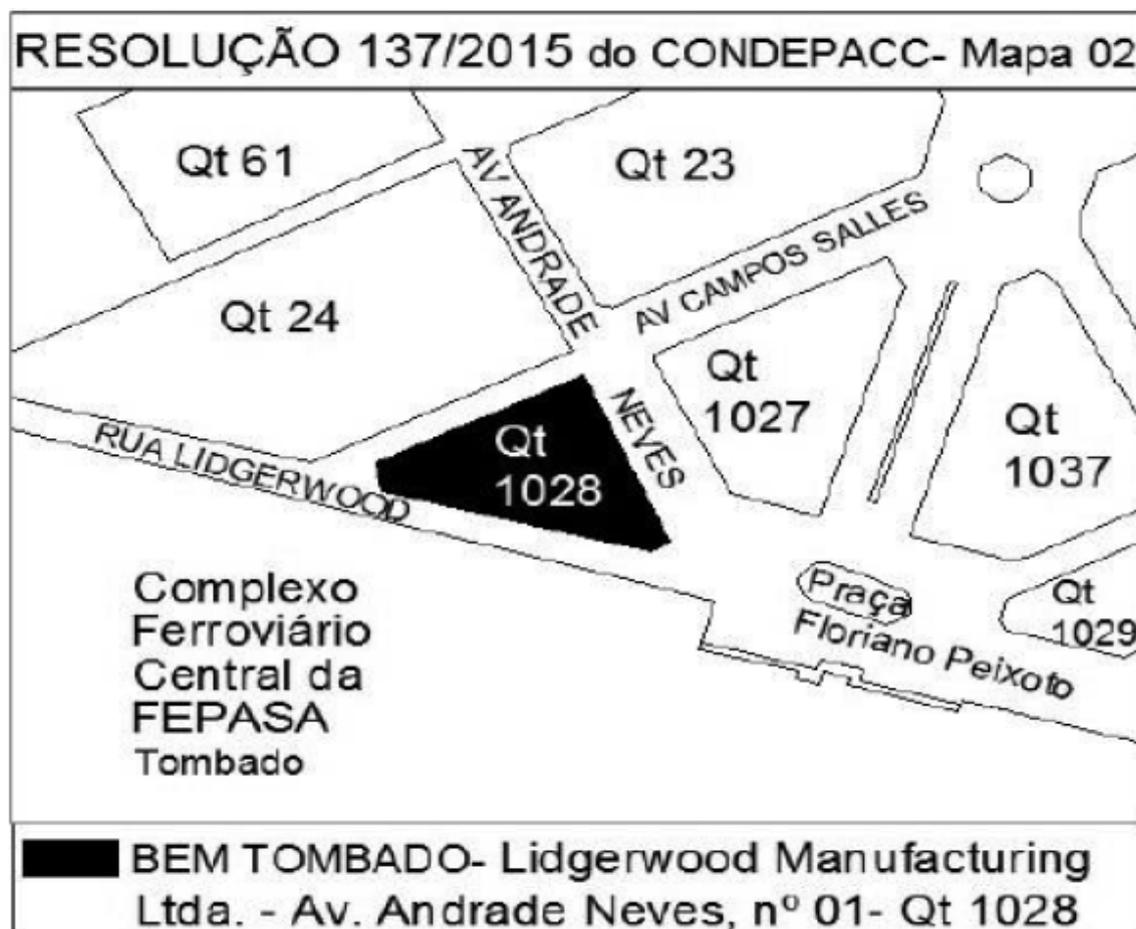
II -Exemplares vegetais:

- a) Tipuana Tipu (tipuana)- Rua Francisco Teodoro: 29 (vinte e nove) exemplares;
- b) Caesalpinia Ferrea (pau ferro)- Praça João Milani: 1 (um) exemplar;
- c) Caesalpinia Peltophoroides (sibiruna)- Praça João Milani: 2 (dois) exemplares;
- d) Caesalpinia Ferrea (pau ferro)- Rua João Teodoro esquina com Avenida Dr. Carlos de Campos: 1 (um) exemplar.

Art. 7º Fica a Coordenadoria Setorial do Patrimônio Cultural, CSPC, da Secretaria Municipal de Cultura autorizada a inscrever no livro tomo competente os bens tombados por esta resolução.

Art. 8º Fazem parte desta resolução os dois mapas de identificação e localização dos bens tombados, mapas 01 e 02, e, os mapas das áreas envoltórias, mapa 03 (delimitação), mapa 03.1.2.3, mapa 03.1, Mapa 03.2 e Mapa 03.3 (regulamentação).

Art. 9º Esta resolução entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário, em especial a resolução 04/1990 e suas retificações.



BEM TOMBADO- Lidgerwood Manufacturing Ltda. - Av. Andrade Neves, nº 01- Qt 1028



(Mapa 3 - Retificado de acordo com a publicação DOM 17/02/2015 p.11)





(Mapa 3.3 - Retificado de acordo com a publicação DOM 17/02/2015 p.11)

Campinas, 15 de outubro de 2015
 CLAUDINEY RODRIGUES CARRASCO
 Secretário Municipal de Cultura
 Presidente do Condepacc

APÊNDICES

Introdução ao Roteiro de Entrevista

Introdução

Primeiramente gostaria de agradecer a oportunidade para a realização da entrevista. Meu nome é Brenda Leticia Lichewiski dos Santos, sou estudante na UNESP (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho") e integrante do Projeto Memória Ferroviária (PMF).

Importância da sua participação

O objetivo deste trabalho é identificar como você, integrante da comunidade Campineiro (gentílico do município), entende esse espaço; o Conjunto Ferroviário da Estação de Campinas. É importante mencionar que sua contribuição irá auxiliar no desenvolvimento dessa pesquisa relacionada a compreender a participação dos moradores do entorno ao patrimônio industrial ferroviário de Campinas/SP.

Como será sua participação no projeto

Sua participação nesse projeto levará em média ____ minutos de entrevista comigo hoje ____ / ____ / ____ (data).

Início: _____ Término: _____

Protocolo

- | | |
|--|---|
| O(A) sr.(a) concorda com a gravação da entrevista? | Sim [<input type="checkbox"/>] Não [<input type="checkbox"/>] |
| O(A) sr.(a) permite que seu nome seja identificado? | Sim [<input type="checkbox"/>] Não [<input type="checkbox"/>] |
| O(A) sr.(a) permite que a entrevista seja fotografada? | Sim [<input type="checkbox"/>] Não [<input type="checkbox"/>] |

Termo de cessão de depoimento oral

TERMO DE CESSÃO DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo _____ presente _____ documento,
 _____ (CEDENTE) cede e transfere gratuitamente, em caráter universal e definitivo à UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” e a(o) pesquisador(a) Brenda Letícia Lichewiski dos Santos a totalidade dos seus direitos de autor sobre o depoimento oral prestado no dia ____ de _____ de _____, na cidade de _____.

O (a) pesquisador (a) Brenda Letícia Lichewiski dos Santos integra o projeto Memória Ferroviária, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e coordenado pelo Dr. Eduardo Romero de Oliveira (professor da Universidade Estadual Paulista – UNESP “Júlio de Mesquita Filho”), cuja sede está localizada na Av. dos Barrageiros, 1881 - Primavera, Rosana - SP, 19273-000, telefone: (18) 3284-9800.

Ficam, portanto, a Universidade Estadual Paulista e o(a) pesquisador(a) Brenda Letícia Lichewiski dos Santos consequentemente autorizados a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, completo ou parcial, editado ou não, bem como permitir o acesso a terceiros ao mesmo desde que para fins acadêmicos, no Brasil e/ou no exterior. O pesquisador, por sua vez, se compromete a zelar pela integridade e utilizar indicações de fonte de autor.

Local e data: _____, ____, de _____ de 20__.

ASSINATURA DO ENTREVISTADO

ASSINATURA DO ENTREVISTADOR

Contato: brenda.leticia@unesp.br

Roteiro de entrevista com moradores do bairro (1ª coleta) - Instrumento de pesquisa**QUESTÕES**

1. Qual o nome do(a) sr.(a)? Qual sua idade?
2. O(a) sr.(a) reside em _____ (município)? Há quanto tempo?
3. Qual sua profissão?
4. O(A) sr.(a) já conhece a área da estação de Campinas? Já passou por lá? Com qual motivo?
5. Você já chegou a parar no local, ou mesmo visitar a área? Por qual motivo?
6. Qual a parte da área você já visitou ou faz algo lá? (Por acaso, você .../ fique atenta a questionar sobre opções de lazer no local, provavelmente informais de lazer)
7. O sr.(a) sabe dizer o que era lá antigamente? Para o que era usada? Poderia dizer algum uso? [tais como: _____ (estação, oficinas, armazém, etc)]
8. Quais são as lembranças que lhe vem à mente ao pensar nessa área ferroviária?
9. O(A) sr. sabe dizer se esses espaços merecem serem preservados para as gerações futuras? Saberria dizer o por quê?
10. O(A) sr.(a) acredita que a ferrovia foi importante para a história da cidade? Por quê? Acredita que hoje ela tem importância?
11. O(a) sr.(a) sabe dizer para o que usam hoje toda aquela área ferroviária?
12. E sobre esses usos atuais, como _____ (cite exemplos de usos atuais), o que você acha? Algum deles seria mais importante?
13. O(a) sr.(a) conhece os espaços não utilizados ou abandonados ali naquela área? Se sabe, quais sugestões de usos daria sobre esses locais desocupados?
14. No geral, o sr.(a) gostaria de fazer alguma consideração sobre a forma como cuidam atualmente da área e/ou dos edifícios que ali estão?
15. Como o(a) sr.(a) imagina essa área nos próximos anos?
16. Quais outros locais do bairro que o sr.(a) considera importantes? Por quê?

Roteiro de entrevista com moradores do bairro (2ª coleta) - Instrumento de pesquisa

Protocolo

O(A) sr.(a) permite que seu nome seja identificado? Sim [] Não []

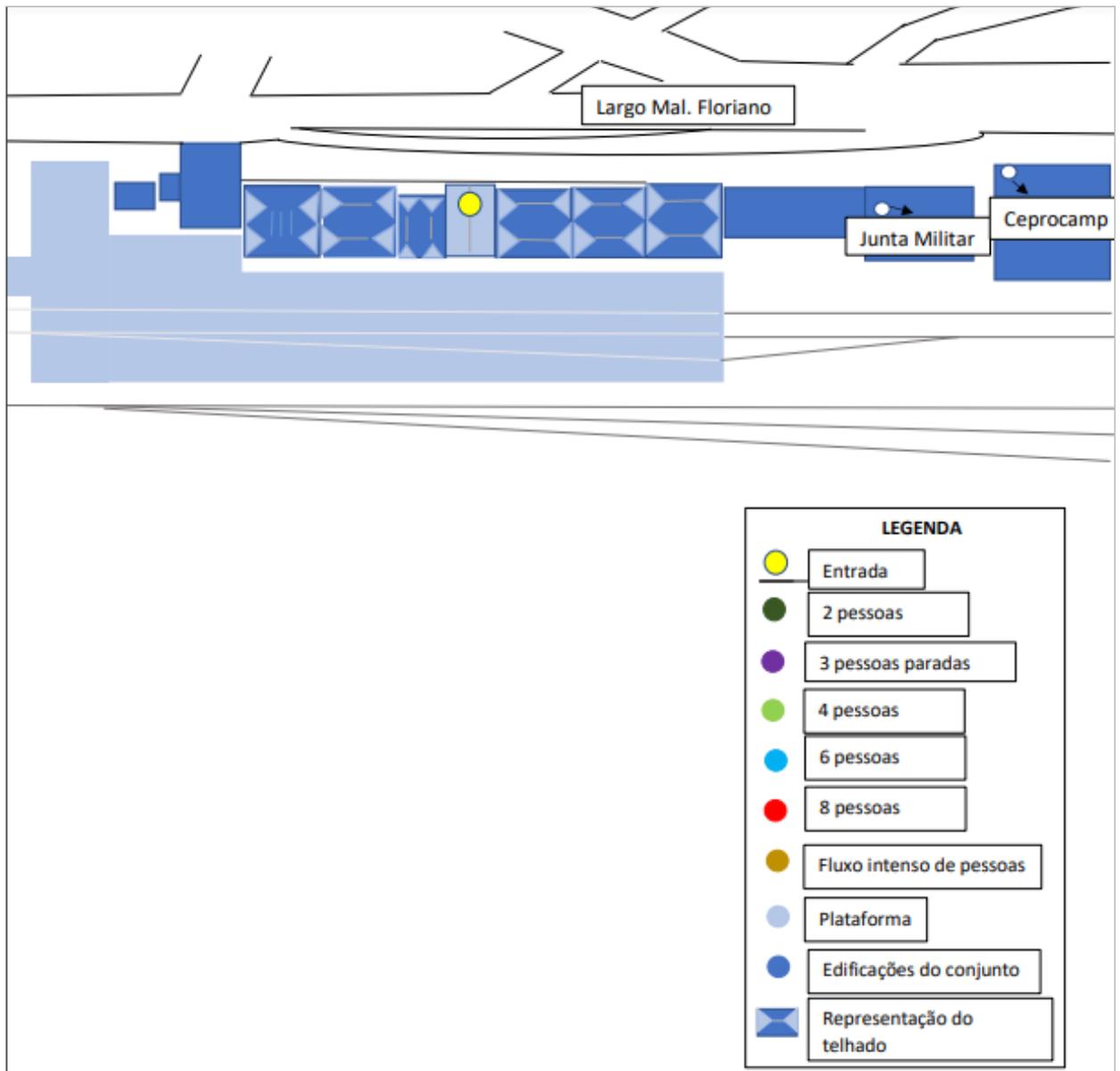
QUESTIONÁRIO- COMUNIDADE	
1) QUAL SEU NOME?	
2) QUAL SUA IDADE?	
3) HÁ QUANTO TEMPO RESIDE AQUI?	
4) QUAL SUA PROFISSÃO?	
5) QUAL (AIS) DAS OPÇÕES ABAIXO VOCÊ INDICARIA PARA USO NA ÁREA FERROVIÁRIA DA ANTIGA ESTAÇÃO DE CAMPINAS? <ul style="list-style-type: none"> a) Educacional (curso técnico, curso de informática, etc) b) Comercial (lojas, feiras de alimentos, feiras de artesanato) c) Infraestrutura (trem de passageiros; passagem viária) d) Lazer (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência) e) Outros [Quais?] _____ 	

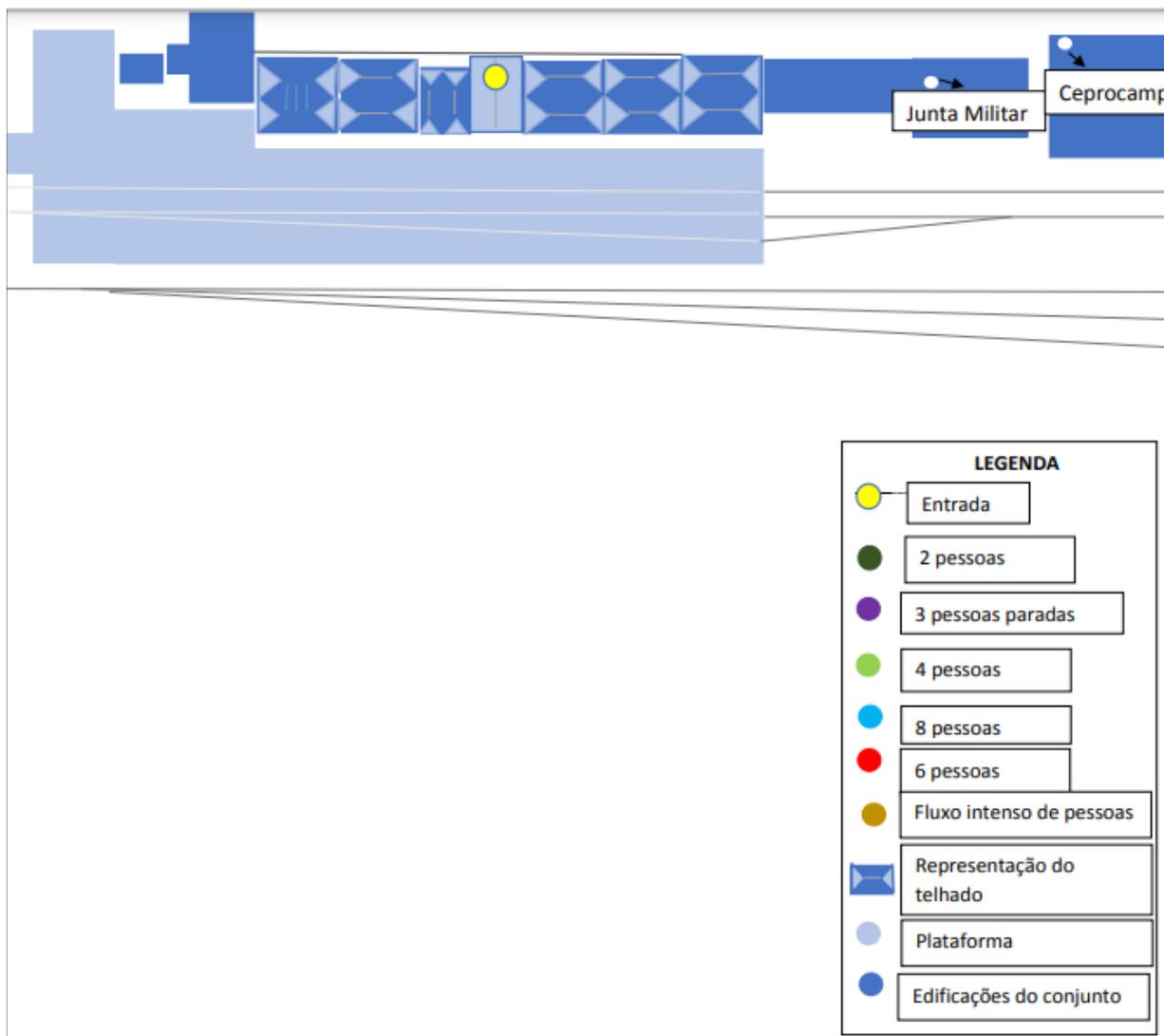
Roteiro de entrevista com gestor do conjunto ferroviário (2ª coleta) - Instrumento de pesquisa

Protocolo			
O(A) sr.(a) permite que seu nome seja identificado?	Sim () Não ()		
QUESTIONÁRIO - GESTOR			
1) PARA CADA TIPO DE USO, INDICADO PELA COMUNIDADE E ASSOCIAÇÕES CIVIS DO BAIRRO VILA INDUSTRIAL; QUAIS SÃO AS INICIATIVAS DESEMPENHADAS PELA GESTÃO PARA ATENDER A ÊSSES GRUPOS? (1º, 2º, 3º etc. corresponde a ordem de preferência da comunidade do entorno para os seguintes usos)			
a)	<table border="1"> <tr> <td style="text-align: center;">1º LAZER INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência, centro de natação, centro de informação turística/lazer)</td> <td>R: _____ _____ _____</td> </tr> </table>	1º LAZER INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência, centro de natação, centro de informação turística/lazer)	R: _____ _____ _____
1º LAZER INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (teatro, centro cultural, parque, centro de vivência, centro de natação, centro de informação turística/lazer)	R: _____ _____ _____		
b)	<table border="1"> <tr> <td style="text-align: center;">2º INFRAESTRUTURA INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (trem de passageiros; passagem viária)</td> <td>R: _____ _____</td> </tr> </table>	2º INFRAESTRUTURA INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (trem de passageiros; passagem viária)	R: _____ _____
2º INFRAESTRUTURA INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (trem de passageiros; passagem viária)	R: _____ _____		
c)	<table border="1"> <tr> <td style="text-align: center;">3º EDUCACIONAL INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (curso técnico, curso de informática, etc)</td> <td>R: _____ _____</td> </tr> </table>	3º EDUCACIONAL INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (curso técnico, curso de informática, etc)	R: _____ _____
3º EDUCACIONAL INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (curso técnico, curso de informática, etc)	R: _____ _____		
d)	<table border="1"> <tr> <td style="text-align: center;">4º COMERCIAL INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (lojas, feiras de alimentos, feiras de artesanato)</td> <td>R: _____ _____</td> </tr> </table>	4º COMERCIAL INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (lojas, feiras de alimentos, feiras de artesanato)	R: _____ _____
4º COMERCIAL INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (lojas, feiras de alimentos, feiras de artesanato)	R: _____ _____		
e)	<table border="1"> <tr> <td style="text-align: center;">5º CULTURAL INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (exposições ferroviárias, exposições histórica)</td> <td>R: _____ _____</td> </tr> </table>	5º CULTURAL INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (exposições ferroviárias, exposições histórica)	R: _____ _____
5º CULTURAL INDICAÇÕES DA COMUNIDADE: (exposições ferroviárias, exposições histórica)	R: _____ _____		
2) TEM ALGUM INSTRUMENTO DE PARTICIPAÇÃO POPULAR? (por exemplo, pesquisa de opinião, audiência pública entre outros) Sim () Não () Qual? _____			
3) NA ÁREA DO CONJUNTO FERROVIÁRIO DA ESTAÇÃO DE CAMPINAS HAVERIA POSSIBILIDADE DE IMPLEMENTAÇÃO DE USO PARA O LAZER (nº 1 na ordem de sugestões da comunidade do entorno) Sim () Talvez () Não () Por quê? _____			

Modelo de Photovoice (1ª coleta) - Instrumento de pesquisa

[PALAVRA - CHAVE SORTEADA]		
Imagem [inserir imagem]	IDENTIFICAÇÃO	[Nome do sujeito e demais informações que sejam pertinentes ao perfil escolhido - idade, gênero, ocupação (atual ou antiga), etc.]
	DESCRIÇÃO	[Descritivo do motivo alegado pela pessoa em ter feito esta foto em relação a palavra-chave sorteada.]
Fonte: Autor(a), 2019.		

Modelo de Mapa de fluxo: área externa (1ª coleta) - Instrumento de pesquisa.

Modelo de Mapa de fluxo: plataforma (1ª coleta) - Instrumento de pesquisa.

Modelo de Mapa de fluxo: pátio (1ª coleta) - Instrumento de pesquisa.

